

ENTREVISTAS

Conteúdo

AVALIADORES	2
EA_1A	2
EA2_A	7
EA3_A	15
EA4_B	22
EA5_B	28
EA6_B	38
PROFESSORES.....	49
EP1_A	49
EP2_A	53
EP3_A	59
EP4_A	66
EP5_A	73
EP6_B	80
EP7_B	88

AVALIADORES

EA_1A

Dia	Hora	Local	Entrevistado	Duração
22/01/2013	11h 00m	Direção	Professor avaliado sem aulas assistidas (Nota: observou aulas)	31m 00s

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA

Breve referência a alguns resultados do questionário dirigido aos professores da escola.

Tem conhecimento de algum colega que se tenha reunido com outros para analisar a legislação que foi publicada sobre ADD? Ou as reuniões formalmente convocadas foram suficientes?

Acho que sim, que chegou. Não tenho conhecimento de alguém que fosse procurar mais alguma coisa porque, normalmente, os professores, pelo menos aqueles que, eu conheço ou que lidam comigo mais, normalmente, nós lemos a legislação antes de qualquer reunião, claro, fazendo uma leitura mais transversal, mas temos sempre uma ideia do que vai ser tratado e do que já saiu. Só se a legislação, por exemplo, saiu no dia anterior e não tivemos acesso, não tivemos tempo de ler, mas de resto não.

A direção conhece bem as capacidades dos professores e podemos dizer que os professores certos estão colocados nos sítios certos ou não?

Sim e, portanto, sabe onde colocá-los.

Nesta escola foi usado o portefólio. Acha que é um bom instrumento para a avaliação de docentes?

O portefólio é uma forma de ter toda a documentação ali organizada e mostrar todo o trabalho que for feito e, por um lado, dá uma visão global do mesmo trabalho do docente. Eu penso que sim, que foi uma mais-valia para a avaliação dos docentes da escola.

Houve orientações para a sua construção?

Não, não... mas normalmente seguiram as normas gerais.

Não teve aulas assistidas?

Não, não tive.

Foram criados critérios para a observação de aulas. Os professores tiveram conhecimento desses critérios?

Os critérios gerais sim. Os critérios gerais em termos do número de aulas observadas, das grelhas que tínhamos que preencher, antes e após a observação da aula. Nesse aspeto, sim.

Acha que as duas ou três aulas que seriam observadas eram suficientes?

De nada. Eu observei aulas dos colegas como avaliadora e nem pensar. É lógico.

Apercebeu-se da existência de artificialismo nas aulas a que assistiu ou o número reduzido de observações não o permitiu?

Não permitiu ter consciência do trabalho que o docente faz na escola. Eu fui ver um docente do quadro que agora já não é do quadro e dois contratados e é lógico que eu tinha um conhecimento do trabalho, porque nós fazemos um trabalho muito cooperativo, trabalhamos muito em grupo e temos um conhecimento mínimo do trabalho que era do colega do quadro de escola, dos outros dois não tinha. É lógico que a bagagem que eu tinha de conhecimento desse colega me facilitou a avaliação dele em detrimento dos contratados que estavam aqui há um ano, nem sequer há um ano, e não tínhamos o tempo suficiente. Até porque trabalhamos, muitas das vezes, em pequeno grupo e não em grandes grupos e esses dois colegas, pelas disciplinas que lecionavam, não se enquadravam em nenhum dos grupos, enquanto que o do quadro já passou várias vezes pelos mesmos grupos e, portanto, há um conhecimento mais profundo.

Acha que é possível, na observação de aulas, identificar a qualidade do serviço que está a ser prestado na sala de aula?

Dentro da minha área, acho que sim que se poderia. Claro que, quando vamos ver vários, temos uma noção. Se fosse o mesmo assunto, porque nem era o mesmo assunto, não tinha nada a ver uma coisa com a outra mas a forma de abordagem, de estar, de aprofundamento que faz dos temas, os materiais que usou, a pedagogia que utilizou, as metodologias que utilizou, eu acho que sim. Eu acho que se consegue diferenciar em termos de qualidade.

Tem experiência em avaliar professores?

Fui orientadora de estágio.

Então foi fácil para si?

Foi fácil. Não era um cargo que eu queria ter de maneira nenhuma e ser forçada muito menos.

Escolheu os professores que ia avaliar?

Não, foram-me atribuídos.

Acha que os avaliadores externos têm legitimidade para avaliar os colegas? Ou acha que deviam ser os pares da escola?

Eu acho mais correto os pares da escola. Há um conhecimento por trás que tem que ser feito porque senão por uma aula, duas ou três que se observem vai ser muito difícil.

Mas os avaliadores têm que ter formação?

Tem que ter formação. Os pares têm que ter formação na área.

Os avaliadores e os avaliados devem trabalhar em conjunto antes da observação de aulas?

Eu acho que sim. Só que, dada a ocupação do tempo, a compatibilidade de horários, essencialmente, é muito complicado. Com as novas orientações está muito pior e a ocupação que nós temos dentro da escola cada vez é maior. Cada vez temos menos tempo para fazer aquilo que é a preparação de aulas e muito menos com os professores. E, agora, não me estou a ver a ir para outra escola quer dizer cair lá de para-quedas onde não se conhece ninguém, onde muitas das vezes não conhecemos os colegas e vamos avaliar o trabalho por duas ou três aulas que observamos...

A avaliação de desempenho, nesta escola, fez com que os professores procurassem colaborar mais com a direção, com os coordenadores de departamento ou demonstrassem uma maior apetência para esses cargos?

Não. Eu acho que não de maneira nenhuma. A colaboração já era efetivamente realizada antes deste processo de avaliação.

Nas aulas que observou, houve mais inovação?

Eu acho que já há esse tipo de aula daqueles que observei, eu já reconheço. Por exemplo, no professor do quadro, eu já reconheço nele a capacidade de adaptação. Eu fui ver aulas dos EFA's, noturno, do colega do quadro; eu fui ver aulas da Área de Projeto e fui ver aulas de Física do 12°. Está a ver a disparidade. Completamente diferentes. É lógico que no colega que eu já conheço as características desse mesmo colega, eu notei que aquilo era o normal porque ele já é assim, ele já gosta e era o colega que estava a dar EFA's e que me surpreendeu pela abordagem que fez e pela bagagem que teve e, com certeza, eu teria que fazer um aprofundamento do meu conhecimento para chegar ao que ele fez e, entretanto, os outros dois colegas que chegaram aqui nesse ano é muito difícil eu dizer se eles costumam fazer ou não por duas aulas que observei deles.

Depois da avaliação de desempenho docente, nesta escola, não se verificou nos professores uma maior satisfação, motivação, autonomia, responsabilidade, preocupação com a sua atualização, etc. Acha que, com a avaliação de professores se podem atingir os objetivos pretendidos?

Não. Eu só vejo como uma autorregulação, uma diferenciação mas que, às vezes, nem corresponde à realidade. Até por aqueles que não quiseram e se sujeitaram a ter o *Bom*, o que não quer dizer que são piores que os outros. Simplesmente acho que não concordam com a forma como está a ser feita.

Nesta escola houve professores que não tivessem reconhecido a competência em avaliação dos avaliadores para os avaliarem?

Eu não tive conhecimento disso, deles dizerem alguma coisa desse tipo. Pelo menos, conhecimento não tenho. Aqui, houve algum cuidado, pelo menos no meu grupo, na minha área, que foi: eu, por exemplo, foram-me atribuídos os docentes que ou tinham especialização já ou tinham mestrado que era o caso de três deles e aqueles que estavam em termos de índice de vencimento igual ao meu. Portanto, eu fiquei com mais avaliando precisamente por isso. Porque acharam que... dentro do nosso grupo nós acertamos mas quem fez o acerto e teve essa sensibilidade foi o coordenador de departamento na altura e essa atribuição e aceitei perfeitamente.

Podemos concluir que, nesta escola, as lideranças desde a direção às intermédias tiveram em conta a formação e competência dos professores na atribuição de funções?

Sim.

Nesta escola, verificou-se uma alteração no número de atividades desenvolvidas?

Já são tantas... são bem planificadas e no conselho pedagógico está tudo bem estruturado

As respostas do questionário indicam que a ADD deve contribuir para o controlo das atividades letivas e não letivas dos professores. Será que, apesar de ser dada autonomia aos professores, há alguma insegurança e que, assim, queiram ser mais controlados?

O Plano Anual de Escola contém um número e uma diversidade de atividades que eu acho que não se pode ultrapassar. O controlo... e em termos de organização até a estruturação deste plano de atividades e a análise que foi feita quer em conselho pedagógico quer em conselho geral foi, precisamente, garantir que as atividades que são realizadas e controladas, reguladas e são avaliadas. Não com a ideia de dizer fizeste-a bem ou mal mas se é viável dentro do calendário que está feito para todo o plano de atividades anual e se os frutos que ele vai dar são coerentes com aquilo que se pretende e que estejam enquadrados com Projeto Educativo de Escola. Isso é o que eu penso que está a ser feito pelos próprios grupos disciplinares, mais do que o departamento em si, que tem mais razão ser até porque tem um conhecimento do pormenor da execução, da vantagem e desvantagem por que é criada por essa atividade.

Os instrumentos usados na avaliação dos professores foram revistos, avaliados?

Foram revistos por uma comissão, portanto, e poderiam, toda a gente participar, acrescentar e, nessa fase, até saírem foram alterados, trabalhados.

E no final dos ciclos de avaliação, os instrumentos foram analisados ou não?

Foram analisados como?

Por exemplo, no final do ciclo de avaliação pegaram na grelha de observação de aulas que utilizaram e avaliaram a sua eficácia?

Nós, em termos de informação de grupo disciplinar, os que estiveram a avaliar, analisámos em função dos critérios e dissemos o que é que achávamos, demos uma opinião sobre a estrutura. Esses documentos foram analisados, com certeza, no conselho pedagógico onde estão os membros da comissão de avaliação de docentes. Se houve mais algum trabalho de análise e de avaliação, não sei, mas penso que foi só esse. Não tenho conhecimento de mais algum, mas pode ter havido.

Essa avaliação passa pelo grupo de avaliação da escola da ADD?

Sim.

Esperava que a observação de aulas tivesse impacto nas atividades letivas?

Não. Não, muito pouco.

Os professores devem ser avaliados?

Devem ser avaliados. Devem ser observados mas não é por uma aula ou duas.

Tem conhecimento do que é que os alunos pensaram da avaliação dos seus professores?

Eu não tive a faceta de ser observada. Só tive a faceta de observar aulas. O que eu notei foi algum constrangimento por parte dos alunos.

Os alunos não questionavam os seus professores se iam ser avaliados? Não houve esse diálogo?

Houve esse diálogo. Os meus perguntavam porque é que não vinham professores assistir porque na outra aula iam e porque é que na minha não iam? Tive que lhes explicar que estava na mesma sujeita à avaliação só que eu não me propus para as classificações de *Muito Bom* e *Excelente* e não me sujeitei relativamente à observação de aulas.

Os alunos achavam bem que os professores fossem avaliados?

Achavam, achavam que tudo deve ser avaliado. Como eles são avaliados os professores também devem ser avaliados. Porque há bons professores e maus professores e, portanto, salvaguardaram isso.

Não houve competição entre os professores?

Não.

A ADD permitiu identificar as necessidades de formação para os professores?

Penso que não. Não tenho conhecimento mesmo disso.

Acha que a ADD teve algum impacto na avaliação de escola?

Nós já fazemos uma avaliação, muito pormenorizada, do nosso trabalho, internamente. Discutimos muito, refletimos muito sobre todos os assuntos e resultados que obtemos quer com os alunos, quer entre o trabalho desenvolvido, mesmo em pequeno grupo é muito analisado e discutido. Há um trabalho de cooperação muito grande. Está intrínseco na nossa atividade do dia-a-dia, isso está lá. Não sei que dizer... O facto de existir a avaliação de desempenho melhorou e fez com que isso... acho que não. Nós já fazíamos muito esse tipo de trabalho, pelo menos no meu grupo já era muito feito esse trabalho.

Os professores colaboram com a equipa de avaliação de escola?

Acho que sim.

Os professores têm medo de ser avaliados?

Não. Eu acho que não porque, mesmo aqui na escola, houve muitos professores que pediram observação de aulas no meu grupo, noutros grupos não optaram por isso. O que eu acho é que a forma como está feita a avaliação docente, o resultado que nós damos muito baseado numa observação de duas aulas não é um processo a encaminhar e penso que teria que ser de outra forma completamente diferente. Teria que ser um trabalho mais longo. Não anualmente mas um trabalho mais longo em que se vê todo o professor no global, todas as suas atividades, tudo o que ele tem a desenvolver, o que é que desenvolve de facto e não só a atividade prática letiva. Até parece que é essa, só, a função do professor na escola.

Com a aplicação do Despacho n.º 13981/2012 poder-se-ão distinguir os professores pelo mérito com a ADD?

Acho que não. Não me parece que seja dessa forma. Até que, acho que há professores com muito mérito que estão tão esgotados pelas alterações legislativas que, simplesmente, já tomam uma posição – eu não quero, basta, não estou para isso. Eu quero fazer o meu trabalho como devo fazer independentemente do resto.– Não me parece que vá ser dessa maneira.

Acha que o atual ministro da educação e os elementos do seu ministério tiveram em consideração as recomendações emanadas do CCAP na proposta nº1/CCAP/2010 sobre padrões de desempenho para a nova proposta de avaliação?

Tenho a ideia que não.

Há algum aspeto que queira abordar relativo à ADD ou à avaliação de escola que não foi abordado nesta entrevista e/ou acrescentar algo?

Eu não sei dizer-lhe como é que ela deve ser. Acho que a avaliação de aula também deve ser feita mas não deve ser o ponto essencial. Além da área da atividade letiva, há todo o trabalho que o docente desenvolve que tem a ver com funções que ele desempenha dentro da comunidade escolar e que não entraram em termos de avaliação. Um trabalho que é desenvolvido e que muitas vezes foi discutido em termos de avaliação de docentes, porque nós fazíamos reuniões depois de os avaliados terem apresentado todo o trabalho, foram discutidos porque havia um número estipulado para ser atribuído *Muito Bom*, uma quota, em função dessa quota nem todos o poderiam ter. Então, tínhamos que comparar quem era cada

um, o que nos facilitou a vida foi saber quem era o colega e conhecer o trabalho do colega na escola. Nós entramos muito com esse peso de quem é o colega, o que é que ele faz na escola, como é desenvolvido, qual é a qualidade do trabalho desenvolvido na escola. Merece ou não? Ao fim e ao cabo a aula dá a todos *Muito Bom* e, então, acho que já nós pegamos nessa perspectiva de analisar o colega como um todo e acho que isso faz falta.

Muito obrigada pela sua disponibilidade para esta entrevista.

EA2_A

Dia	Hora	Local	Entrevistado	Duração
23/01/2013	10h 00m	Direção	Professor avaliador que observou aulas	43m 00s

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA

Breve referência a alguns resultados do questionário dirigido aos professores da escola.

Considerando a sua experiência na observação de aulas, acha que a observação de aulas realizada nesta escola foi adequada à avaliação de desempenho?

É assim, em primeiro lugar duas ou três aulas observadas ao colega não é observar o trabalho de um colega. Por alguma coisa, nos estágios, normalmente e agora já se reduziu, infelizmente, mas... observar uma unidade didática é importante. Por exemplo, sei lá, sete, oito, nove aulas para ver o funcionamento; outra coisa é observar uma aula e depois, passado duas semanas ou três, observar outra aula. Claro que isto pode não dar um *feed back* tão digno e tão correto daquilo que é o trabalho do colega. Podemos observar alguns pormenores. Depois, também, nenhum de nós tem formação nem uma grelha específica a não ser as grelhas da ADD a... daquilo que devia observar na aula. Portanto, há um certo bom senso... e há certa experiência de todos nós, avaliadores, que somos pessoas já com experiência de ensino e, portanto, que temos alguma noção do que é controlar uma turma, que é observar se a planificação é cumprida ou não, se o professor não a cumpriu e porque é que não a cumpriu, porque de facto não houve tempo ou porque os alunos não apresentaram questões, que foi preciso informar, se a turma estava controlada ou não, se a turma estava motivada, quer dizer, isso é um pouco do senso geral, não é?, da experiência de que todos nós temos.

Nesta escola foram criados instrumentos para a observação de aulas tais como grelhas de observação?

Sim e foram usados os parâmetros dos instrumentos da ADD que nos forneceram.

Antes da observação de aulas, houve diálogo com os professores que foram avaliar? Reuniram com os avaliados antes da observação da aula e explicitaram o que iam observar?

Sim, houve antes e correram bem. Sim, houve algumas sugestões a apontar: devia fazer isto ou aquilo. Não sei se em todos os casos, no meu caso houve.

Acha que quem deve fazer a observação de aulas são os pares, colegas da escola, ou é melhor ser um avaliador externo, alguém de fora da escola?

É assim, eu acho que devia ser uma pessoa de fora mas... uma pessoa de fora que não fosse colega. Por exemplo, eu ser mandada para outra escola para avaliar os colegas e os colegas virem para aqui avaliar os daqui. Acho que tem que haver uma equipa com formação que poderão ser antigos orientadores de estágio, que poderá ser gente com formação em supervisão escolar ou... que haja uma certa formação, que haja uma bolsa de avaliadores... que seja uma carreira como antigamente havia os inspetores e que tinham outra sensibilidade e que tinham já outra formação, outro tipo de grelhas. Isto por um lado, por outro lado tem que haver sempre a componente escola porque ou há uma sequência maior da observação de aulas ou então o colega que vem de fora, que não conhece o professor e que naquele dia, por acaso, não correu bem a aula não vai avaliar nem vai, portanto, descaracterizar o professor por uma aula que deu. Portanto, tem que haver uma percentagem de componente escola e tem que haver uma percentagem de componente exterior. Agora, os professores devem ser avaliados por elementos exteriores à escola, nas aulas, no sentido de não sermos colegas, não é? Porque também não há tanta isenção. Acabamos por não sermos isentos, somos amigos ou não somos, não é? Portanto, dentro da própria escola se o processo realmente... for levado com seriedade e... que não seja... e que seja mesmo para beneficiar os professores com a avaliação... não pode ser só, não podem ser os professores da escola a avaliarem-se uns aos outros. Não concordo com isso.

Então está de acordo com as novas orientações em que os avaliadores são exteriores à escola?

Mas não da maneira como estão a fazer, sermos nós professores que temos um horário, uma componente letiva, um trabalho, irmos a outras escolas avaliar os colegas. Primeiro porque os horários dos outros colegas podem até não coincidir com os nossos e, portanto, isto tem que ser uma carreira, tem que haver uma bolsa e o professor que estiver a avaliar, primeiro, tem que ter reuniões com os outros avaliadores da bolsa e tem que ter outro formato, outro horário e disponibilidade para poder, não é?

Analisou portefólios de outros colegas?

Não.

Acha que os portefólios/dossiês são uma mais-valia para a escola?

É assim... nós, aqui na escola, já funcionamos há muito tempo com aproveitamento e rentabilidade de... papéis ou de burocracia ou seja se nós temos que fazer um projeto curricular de turma ou se nós temos que produzir documentos, nós produzimos e arquivamos num sítio certo. Se na ata temos que contemplar aqueles pontos todos para dar depois informação depois informação aos colegas e para retirar informações, por exemplo, numa turma deixamos tudo referido em ata. A nossa ata tem, normalmente, dez pontos de trabalho. Se nós, por exemplo, fazemos uma visita de estudo temos o guião da visita de estudo, o prospeto, temos o relatório da visita de estudo, as autorizações, tudo isso e depois arquivamos no dossiê de grupo ou de departamento. Portanto, quem quiser consultar tudo aquilo que nós fazemos, não é?, está nos devidos dossiês, nos devidos locais os testes arquivados, as grelhas de correção estará nos devidos locais, não é? Portanto, acho que ao recolher isso tudo e voltar a imprimir papéis acaba por...

Com as novas tecnologias há os portefólios em suporte informático os *web portefólios*...

É assim, a minha opinião sobre isso, eu vi, porque também tive aulas assistidas e porque também tive que fazer... e vários modelos de várias escolas e houve escolas que pediram portefólio, houve pessoas que até fotografias da visita de estudo puseram e... eu fui dar uma entrevista não sei quê e olhe, se faz favor, passe-me um papel. Quer-se dizer, coisas que nós fazemos nos bastidores, todos os dias, porque somos profissionais e porque temos uma ética, não é? Quer dizer... e que nem nos lembramos, muitas vezes, quer dizer, neste momento, nós temos que nos lembrar de tudo aquilo que fizemos para ganhar cada vez menos, portanto, quer dizer o estímulo acaba por ser ridículo não é? Portanto, não... eu, acima de tudo,

sou professora, acima de tudo gosto de trabalhar para os alunos e importo-me pouco com os papéis e com aquilo que faço ou com aquilo que fica registado. Agora, eu, realmente, vi isso. No meu relatório crítico, portanto, no relatório de avaliação que tive que fazer, tinha que referir lá, porque me candidatei a uma menção mais alta de Muito *Bom/Excelente*... e, portanto, tinha que referir lá evidências. Portanto, eu, mas sei que outros colegas não o fizeram, sei que outros também fizeram e fizeram também noutras escolas, remeti as evidências todas para anexos e tentei arranjar, portanto, comprovativos de todas as evidências que referi no relatório, que deu uma trabalhadeira... Agora, no fundo é assim, os professores fazem estágio no seu tempo correto, devem de facto reciclar-se ao longo da vida, não é verdade? Não sou contra isso. Faço essas reciclagens todos os anos... de formação e trabalhos e ações de formação mesmo que não precise dos créditos. Faço isso muitas vezes mas acho que pecamos por excesso de papéis, pecamos por excesso de... um portefólio tem que ser uma coisa simples, não é?... Ao que se faz e dizer assim, aqui na escola propôs-se isso, está no dossiê tal, está no dossiê tal, está no dossiê tal.

Durante os ciclos de avaliação, nesta escola, os professores demonstraram maior interesse em ocupar cargos, em trabalhar mais com a direção ou com as lideranças intermédias? Ou os professores continuaram com a sua atividade normal?

Eu penso que na maior parte dos casos, aqui na escola, continuaram com a sua atividade normal. Claro que há sempre um ou outro que se sentiu, que resolveu mostrar mais serviço que o normal. Na maior parte dos casos, aquilo que eu senti, esta é uma escola muito dinâmica em que todos nós colaboramos, em que todos nós trabalhamos, trabalhamos muito em equipa e como já deve ter percebido, temos imensas atividades, imensas coisas e, portanto, aquilo que se fazia antes continuou-se a fazer. Não senti assim grande mudança, pela minha parte, nenhuma. Fui sempre uma pessoa que trabalhei sempre e bastante ativa e, portanto, continuei a sê-lo. Agora, senti em alguns colegas que de facto houve, assim, alguma preocupaçãozita maior porque se queriam candidatar...

As respostas do questionário indicam que não houve um aumento de mais atividades, mais apetência para cargos...

Não, não.

Alguns professores que responderam ao questionário assinalaram que deve haver mais controlo das atividades. Acha que é necessário mais controlo pelas lideranças?

Para algumas pessoas, como em todo o lado, com certeza. Para outras não.

A inovação e a criação de ambientes mais exigentes, objetivos da Dr.^a M^a de Lurdes Rodrigues neste modelo de avaliação, não foram atingidas.

Claro.

Já fez referência, também, ao trabalho colaborativo que é uma norma desta escola.

Sim, sim, sem dúvida. Todos nós partilhamos materiais e o que temos e o que fazemos e interdisciplinaridade. Ainda agora vamos desenvolver um projeto com o gabinete Associação dos Arquitetos e é um projeto de História, de Turismo, é um projeto da Biblioteca. Fizemos um projeto entre vários professores que vamos colaborar.

Como avaliam, depois, esses projetos?

Olhe, por exemplo, se são projetos candidatos a prémios, por exemplo, podemos ser premiados, não é? Depois, já tive dois prémios em projetos que desenvolvi em sala de aula com os alunos de Área de Projeto,

que eu dei Área de Projeto- 12º durante quatro anos, ganhei dois prémios: um foi premiado, portanto, foi feita a avaliação inclusivamente na revista da escola, nos jornais foi divulgado, noticiado porque a ideia era divulgar a vida e a obra de xxxx. Fizemos uma exposição aqui, convidámos a sobrinha neta do xxxx, portanto, para vir cá inaugurar a exposição, houve um ciclo de conferências, houve a edição do livro sobre xxxx que foi feito aqui na escola, portanto, a apresentação do livro. Portanto, foi a comunidade que também... avaliou o projeto. No outro caso, foi um projeto sobre a República, foi o blogue da República. Ganhou o primeiro prémio e, portanto, fomos avaliados pelo próprio Ministério. Fomos receber o prémio a Lisboa e o blogue ficou à disposição de quem o quisesse consultar, não é? E os alunos foram avaliados, também.

A escola tem uma equipa de autoavaliação de escola. Há uma avaliação mais estruturada como a que faz a referida equipa. Assim, a nível da escola há uma avaliação dos projetos quanto aos objetivos...

Isso é feito no relatório final de cada equipa de cada projeto; correu bem, o que não correu, o que também se podia ter feito melhor ou o que não se podia.

Também fazem a avaliação das visitas de estudo, como já referiu.

Sim, sim, fazemos e, normalmente, pomos nos dossiês o relatório do que aconteceu dos aspetos, dos pontos fortes, dos pontos fracos, do que poderia ser alterado para o ano seguinte. Por exemplo, fazer a atividade ou a visita de estudo de outra forma.

A avaliação, então, traz aspetos positivos quando é feita?

Claro. Quando a avaliação é bem-feita, independentemente de papéis ou não, não é? Todos nós, seres humanos, fazemos a avaliação das nossas atitudes, do que fazemos. Por exemplo, estou a dar uma aula e digo assim: ora bem, eu dei esta matéria assim mas senti que os alunos tiveram dificuldades; se calhar vou ter que lhes preparar um esquema, um resumo, explicar outra vez, tirara algumas dúvidas, ver isso. Portanto, acho que essa autoavaliação acho que, acima de tudo, é muito importante, não é? É quase como irmos à igreja e nos confessarmos e despejarmos os pecados ou, em casa, refletirmos sobre o que fizemos mal e corrigir aquilo que fizemos. Para mim é muito mais importante, pronto, eu acho que isso é próprio e o professor, então, tem que ter essa consciência que... eu quando comecei a dar aulas, se calhar, não dava aulas como dou agora e, se calhar, melhorei muita coisa e, se calhar, também piorei outras, piorei, se calhar, a paciência, não é?

Conhece o trabalho que a equipa de autoavaliação de escola está a fazer?

Vou conhecendo. Portanto, nós temos acesso, depois, aos relatórios que eles vão lançando e que estão na página e que, também, nas reuniões de departamento nos vão sendo fornecidos, análise dos resultados, do que é feito na escola. Portanto, vamos tendo conhecimento porque tudo é posto na página e, portanto, na escola só não conhece se não quiser ler.

De facto há muita informação publicada na página eletrónica da escola.

Para já... é um trabalho que, realmente tenho a dizer, já estive em várias escolas e, portanto, uma escola com que me identifico e que me revejo é, de facto, nesta escola e acho que a maior parte dos colegas que cá estão também sentem o mesmo. Daí, se calhar, a nossa união, o nosso bom ambiente.

Esse bom ambiente resulta das lideranças que cá existem desde o topo às intermédias?

Com certeza, com certeza. Sem dúvida.

Essas lideranças procuram colocar os professores nos sítios certos? Pode-se concluir que, nesta escola, conhecem bem o corpo docente e retiram o máximo partido das capacidades de cada professor?

Sim.

Têm os professores certos nos sítios certos?

Sim, sem dúvida.

Acha que era possível conciliar a ADD com a avaliação de escola? A equipa que coordena a avaliação de escola poderia, também, estender a sua atividade à avaliação de professores ou é melhor estarem separadas?

Eu penso que a equipa de avaliação de professores deve ser externa embora deva ter uma articulação com a equipa de avaliação de escola, sem dúvida. Pelo menos, a partir dali sair uma secção, nem que seja constituir um grupo maior, não é? Tem que haver uma percentagem de uma coisa, uma percentagem doutra e tem que ser pessoas que conheçam bem o corpo docente. Temos sempre o problema dos professores contratados e dos professores que não estão na escola, que não se conhecem, não é? E que caem aqui naquele ano e que, às vezes, é um bocado complicado, não é? E logo, no início, poder dar uma informação e a avaliação tem pecado, também, por isso, professores que vêm de outra escola e que são avaliados na outra, ou acabam por terminar o seu processo aqui ainda quase sem serem conhecidos e a escola, no fundo, isto é um bocado uma avaliação um bocado... imprecisa, não é? Pouco objetiva, um bocado à quota, o colega diz que então vamos... vai-se dar, pronto. É um bocado a avaliação, a avaliação corre um bocado esse perigo. Para se avaliar como deve ser é como um orientador de estágio, nos modelos de estágio antigos. Quanto a mim, já fui questionada pela Universidade do Minho, e quanto a mim este modelo de estágio não tem nada a ver, não acho correto porque o estagiário está muito pouco tempo na escola, não assume uma turma, não assume uma direção de turma, não assume o trabalho da escola para a qual ele vai ter que ser preparado para o futuro como um futuro profissional. Poem-nos a fazer outra vez seminários, trabalhos da universidade que eles já fizeram durante o curso, portanto, não tem lógica nenhuma, o estagiário tem que mostrar todo um comportamento contínuo na escola e, por isso, é que o orientador deve ter mais redução e deve acompanhar os estagiários com outra seriedade porque duas aulas não classificam um professor, não é? Portanto, eu até posso, em duas aulas mais ou menos, também pela experiência que tive como orientadora e pela experiência como docente, não é?, ver mais ou menos pela aragem, não é?, e dizer: oh este até tem jeito para os miúdos e até colabora bem com eles e até as coisas correm bem. Mas, ninguém me diz que os alunos não foram industriados e que não foram ensinados para que, naquela aula, corra muito bem, não é?, pronto, porque sei perfeitamente que isso pode acontecer e tem acontecido. Portanto, tem que haver, de facto, uma pessoa que perca tempo com três ou quatro, não faça mais nada. Imagine, tem dez professores para avaliar naquele ano na escola, vai para aquela escola e vai acompanhando, fazendo perguntas, por exemplo, na direção, fazendo perguntas ao coordenador de departamento, fazendo perguntas aos alunos, avaliando aulas, avaliando a comunidade ou perguntando à comunidade e traçando um perfil sério do que é o professor avaliado. Assim, sim. Agora, isso economicamente fica muito caro, isso é uma realidade que o governo não quer tomar e, portanto, a avaliação não tem seriedade. Então, deixem-nos estar na democracia, somos todos iguais e, santa paciência, não é? Porque de facto ou a avaliação tem seriedade ou então não vale a pena fazer.

Imaginemos que alterávamos a formação dos novos professores e que na formação dos novos professores e que, na sua formação já foram avaliados, já passaram por esses crivos. A partir daí, sugere que haja algum tipo de avaliação para os professores na sua carreira? Como é que deverá ser feita, depois, a sua avaliação? Ou deverá ser feita apenas para a progressão na carreira?

Nós temos que ser avaliados, também, pelo currículo, por toda a formação que vamos fazendo ao longo da vida porque há quem não queira fazer nada e a avaliação para concursos, para tudo, não é pelo currículo apenas por antiguidade e acabou, pronto... e temos também que ser avaliados em termos da

nossa atuação, não é? Na escola é muito complicado, de facto, a avaliação do professor não é a avaliação de alguém que pode dar produtividade económica, que está numa fábrica e que pode dar mais empenho dos operários ou que pode produzir cem peças em vez de cinquenta e, portanto, vai levar um prémio pela produção. Nós, aqui, estamos a lidar com uma massa humana diferente; o professor que tem boas turmas pode ter bons resultados, o professor que tem más turmas não pode tê-los e, portanto, não pode ser penalizado por isso, não é? Portanto, tem é que ser beneficiado, se calhar, pelo bom trabalho humano que consegue fazer com aquelas turmas e pelo pouco que vai conseguindo naquela progressão mas isso, muitas vezes, ultrapassa um avaliador que vem cá duas aulas. São problemas humanos que é muito difícil definir porque um professor não é um psicólogo. Um psicólogo tem uma sessão de terapia de 50 minutos, mais 50 minutos, mais 50 minutos com a pessoa que está a avaliar e depois é que traça o perfil dele e é que faz o relatório. Aqui, se um avaliador, é como digo, conseguir acompanhar, por exemplo, dez professores ao longo de um ano, em termos de conseguir, pelo menos, tentar traçar um perfil mais correto porque viveu na escola, porque perguntou, porque indagou, porque quis ver 5, 6, 7 aulas, porque acompanhou um pouco o perfil e o trabalho que o professor desenvolveu na escola, se calhar conseguimos ter uma avaliação correta, se não, acho que a avaliação para a progressão acaba por ser, não é? O problema é criar os instrumentos de avaliação e os instrumentos de avaliação foi sempre a eterna guerra, eterno problema, não é? E já tivemos um bom modelo de avaliação nos estágios mas deixamos de o ter porque as medidas economicistas, no fundo, estão a estragar todos os sonhos e todas as boas ideias que possa haver porque isso não interessa, portanto, corta-se. Numa altura em que houver dinheiro, se calhar, até se vão fazer boas práticas, não é? Não sei, neste caso não há dinheiro para a progressão, se calhar, não se justifica a avaliação.

Deve haver mais diálogo com os alunos sobre a avaliação dos professores ou não?

Depende do professor e depende dos alunos. Se o professor quiser fazê-lo e tiver um bom relacionamento com os alunos deve perguntar, deve questionar, deve aplicar uma grelha de avaliação, o que é que os alunos pensam das aulas do professor ou o que é que sugerem em termos de mudança... agora, é preciso que os alunos também tenham capacidade de saber sugerir objetivamente e positivamente, não é? Porque depois também há aqueles alunos que não querem sugerir nada, "olhe, nas aulas devíamos ler o jornal todos os dias ou devíamos ver vídeos todos os dias", não é?, e, portanto, quer dizer, estamos a falar de adolescentes.

Então, a avaliação dos professores deve incidir não só no trabalho desenvolvido em sala de aula mas também a nível da escola, da comunidade e o modo como se relacionam com os encarregados de educação.

Sim. Já referi isso.

O atual ministro da educação e as anteriores pretendiam distinguir os professores pelo mérito. Com a aplicação do Despacho n.º 13981/2012 poder-se-ão distinguir os professores pelo mérito com a ADD?

É uma pergunta muito complicada porque ainda não percebi o que é que ele quer com os professores de mérito nem quais são as posições dele relativamente à avaliação. Pelo menos, a ministra anterior (referência a M^a de Lurdes Rodrigues) era mais incisiva. Mas, a gente sabia o que é que ela pretendia e eu, agora, não sei.

Ao ler o livro da Dr.^a M^a de Lurdes Rodrigues verifiquei que ela tinha uma visão clara do que pretendia com o ensino mas não soube implementá-las.

Ou não conseguiu.

Um dos problemas foi criar a separação entre os professores e os professores titulares.

Pelo menos a forma como o concurso dos titulares foi implementado. Não quer dizer que não possa haver, também não sou contra totalmente isso, não é? Agora, a maneira como se escolhe as pessoas ou como é que os titulares podiam ser distinguidos, não é? Se calhar não foi a forma mais correta. Porque aquela pessoa que teve a sorte de ter muitos cargos numa escola e de ter quota nessa escola entrou a titular. Aquela que não teve não entrou, não quer dizer que seja pior. Eu dou o meu exemplo concreto: eu, se estivesse em XXXX que era a minha escola de quadro, não tinha entrado a titular e, como estava aqui na escola destacada, concorri na escola onde exercia funções e assim tive a sorte de ter vaga e de aqui entrar. Se estivesse lá, não entrava e, houve pessoas de lá que não entraram e são muito válidas e, se calhar, mais válidas do que aqueles que entraram mas, por acaso, não tiveram aqueles cargos para dar aqueles pontinhos disto, daquilo, de aqueloutro, quer dizer, eu também entrei aqui por...

O concurso, o processo usado, fez com que, em algumas escolas, os professores titulares não fossem os mais habilitados para as tarefas que lhes foram exigidas. Esse facto poderá ter contribuído para que os professores não confiassem nos colegas avaliadores?

Não sei. Não senti que esses professores, porque na altura, não posso tomar muito posição sobre isso, porque... O concurso de titulares gerou revolta, isso sim. Portanto, acho que essa revolta depois se transmitiu a toda e qualquer atividade que fosse proposta, não é? Neste caso, este segundo processo de avaliação foi feito pelos coordenadores e pelas pessoas que tinham mais graduação, não é?... o que, também aqui, também meteu numa tabela pessoas diferentes porque os coordenadores podiam não ter formação nenhuma e aconteceu em muitos casos e os relatores aí já foram pessoas que tinham alguma formação, não é?, ou que, mais velhos, ou que tinham já currículo, portanto, foram eles os relatores. Também foi, assim, um processo um bocado complicado e, depois, também incorreu-se no risco de ter colegas de outras áreas a avaliar, que foi o meu caso, eu fui avaliada por um colega de Filosofia. Não tenho nada contra ele, pelo contrário, fui bem avaliada, o colega foi impecável mês, é assim ele era de Filosofia e eu era de História, eu tinha pós-graduação e mestrado e ele não tinha, não é? Portanto, quer dizer, caiu-se, isto é só um exemplo, mas caiu-se assim nestas coisas. Portanto, é por isso que eu digo a autoridade em qualquer país, em qualquer situação nunca pode ser entre pares. A autoridade tem sempre de vir de cima para baixo e tem que ser uma função distinta em relação à outra. Podem dizer: os inspetores eram maus e os professores não gostavam. É assim mas também é uma carreira diferente é alguém diferente que vem e que tem formação específica para aquelas funções. Eu acho que se não se mantiver isso a avaliação entre pares, se realmente começar a contar para outras coisas, vai começar a gerar uma guerra e um mal-estar muito grande nas escolas, muito grande.

Acha que o atual ministro da educação e os elementos do seu ministério tiveram em consideração as recomendações emanadas do CCAP na proposta nº1/CCAP/2010 sobre padrões de desempenho para a nova proposta de avaliação?

Não sei. São capazes de ter aproveitado alguma coisa, pelo menos os títulos, para ficar bonito. De resto, como eu considero que o nosso ministro verdadeiro se chama Vítor Gaspar e não Nuno Crato, infelizmente, eu penso que está tudo muito baralhado, muito dúbio. Ninguém sabe muito bem o que há-de dizer, o que há de mandar, o que há de transmitir e, portanto, eu acho que eu, pessoalmente, não lhe vou dizer que leio tudo, vou lendo algumas coisas, mas não leio tudo nem tenho tempo e cansei-me. Se calhar, consegui perceber melhor a matriz do pensamento da M^a de Lurdes Rodrigues, independentemente de considerar ou não algumas coisas incorretas, mas não consigo perceber a matriz do pensamento deste governo porque é, assim como tudo em primeiro lugar prioritário, são medidas economicistas, acabam por abafar as medidas educacionais, não é? É o caso dos mega-agrupamentos. Portanto, ainda não percebi o que pretendem fazer ao país. Acho que, também as ideias não estão muito claras, não há um fio condutor claro que é transmitido à população numa democracia e, portanto, isso é que eu gostava de ser esclarecida. Não vejo sugestões.

Qual é o rumo que querem dar à educação?

Nenhum, nenhum, nenhum. Não percebi, ainda, o rumo. Penso que o rumo parte por semiprivatizar as escolas, parcerias público-privadas, para se livrarem dos funcionários e dos professores e passarmos para o privado se houver lugar para nós, turmas muito grandes para poupar não para garantir a qualidade no ensino... Não conseguimos suprir as dificuldades dos alunos nem conseguimos trabalhar melhor porque, de facto, é impensável.

Há algum aspeto que queira abordar relativo à ADD ou à avaliação de escola que não foi abordado nesta entrevista e/ou acrescentar algo?

Não. A que eu já referi, dei um pouco a minha opinião sobre como deveria ser a avaliação. Infelizmente, acho que nós todos estamos um pouco cansados de dar opiniões que caem em saco roto, não é?... Às vezes, pedem-me para preencher inquéritos. Cheguei a preencher um inquérito na Universidade do Minho sobre os novos modelos de estágio, o que é que eu pensava sobre o estágio. Respondi, de facto, eu e, se calhar, muita gente mas caiu em saco roto porque veio Bolonha, o Bolonha traz mais dinheiro porque os mestrados são mais caros do que o prosseguimento de estudos. Portanto, dá interesse independentemente de ser melhor ou não. Isso leva-nos a um determinado número de problemas e de questões que são as licenciaturas antigas, os mestrados antigos, as pós-graduações ou os doutoramentos antigos o que é agora, não é? E, portanto, pessoas que andaram a lutar toda a vida para fazer um mestrado de quatro anos, uma investigação séria que, hoje em dia, seria um doutoramento, ficam mestres, que uma pessoa num ano tira o mestrado e acabou. Quer dizer, isto parte pela base de que está tudo... e se eu dissesse assim é o progresso, é a evolução, nós vamos realmente, é fruto da mudança e temos que entender isto de outra maneira? Não. Eu não acho que este progresso melhore em nada a conduta dos professores que estão em início de carreira e estão em aprendizagem. Tem-se visto estagiários muito pouco dinâmicos, muito pouco... muito pouco empenhados. Como estão na escola e não ganham nada vêm cá fazer, dar o recadinho que têm que dar e vão-se embora. Não participam numa conferência, numa palestra, numa atividade da escola, o mínimo indispensável. Há um ou outro que realmente se empenham mais pela maneira de ser e pela sua ética profissional mas, os outros, o que realmente querem é ir embora e não se chatear muito e, portanto, isto não é uma conduta para um futuro professor que precisava de desenvolver muito mais uma parceria mais positiva com a escola. Portanto, eu acho que se nas sugestões do seu trabalho propuser, se alguém realmente a ouvir e se houver outras escolas que pensem, também, na mesma num outro modelo de avaliação um pouco mais dinâmico no sentido de acompanhar mais os professores, mais o regime de tutoria exterior e a pequenos grupos. Não é a despachar, olha vai avaliar para ali, para aquela escola porque eles precisam de avaliadores externos, despacha-te, traz o recadinho e faz o relatório e anda embora. Isto para mim não vai resultar e vai ser muito mau porque nós vamos ser muito mal olhados, não é porque fomos à outra escola avaliar, os outros colegas vão ser mal olhados porque vêm aqui avaliar e quem és tu e porque é que vens e... Quer dizer, isto acaba... Uma coisa é uma carreira à parte, uma bolsa de formadores, uma bolsa de avaliadores e acompanharem de facto uma escola com outro tipo de características. Portanto, traçar um perfil como deve ser dum professor.

Relativamente à avaliação de alunos, a ADD teve efeitos, deverá ter efeitos ou não? Os professores desta escola têm um cuidado especial com a elaboração das fichas de avaliação, com a avaliação dos seus alunos e com a sua preparação para os exames. Concorda?

A nossa escola não está assim tão bem colocada nos *rankings*. Temos, aí, escolas que estão melhor colocadas. Agora, nós sabemos que a avaliação de alunos também depende dos alunos que temos. Temos alunos de toda a periferia que muitas vezes, as turmas que podem ter ajuda, explicação, apoio social em casa e... outro apoio vocacional e que podem conseguir um determinado objetivo e determinadas notas e há aqueles que não têm e as escolas, por exemplo, se estiverem numa periferia e que tiverem alunos muito mais de meios rurais, sem ajuda, logicamente que, até lá, podem ter bons professores mas não conseguem ter aquele nível de... Relativamente aos exames, aquele *ranking*, atingir o *ranking* que pode atingir uma escola de cidade ou uma escola que selecione, digamos, um colégio que

selecione os alunos, e nós temos isso e, depois, temos aqueles *rankings* em que avaliam 100 alunos num colégio e o *ranking* que avalia 1000 alunos e que são postos todos no mesmo nível e aqueles 100 alunos são escolhidos para a quele colégio e os 1000 são de uma escola e que, portanto, altera logo imediatamente as percentagens. Eu tenho muito medo que esse tipo de avaliação e de *ranking* porque depende muito. Se nós passarmos para uma escola pública em que só recebamos cá aqueles que realmente não podem pagar o privado, porque acham que isto vai ficar na maior bagunça que se possa imaginar. Claro que nós vamos ter uns rankings horríveis relativamente aos colégios e, portanto, o que vai ser publicado nos meios de comunicação social vai ser afinal de contas as escolas privadas funcionam muito melhor, vamos acabar com a escola pública porque afinal de contas eles é que apresentam melhores resultados. A realidade, aqui, eu vejo pela escola, eles têm aulas de manhã e têm salas de estudo de tarde. Só não vem à sala de estudo quem não quer e trabalha-se muito aqui em termos de sala de estudo. Depois, também há aqueles alunos que não querem fazer nada e que são da periferia e que os pais também não acompanham nem veem aí. Quer dizer, avaliar uma escola também pelo ranking conseguido quando tem uma boa massa é uma coisa, quando tem uma má massa é outra. Portanto, isso pode, também, ser um pau de dois bicos. Pode ser contraproducente para a escola pública.

Mas esta escola tem cuidado com a avaliação dos seus alunos?

Tem com certeza. Tem cuidado com a avaliação e com a avaliação interna sobretudo. Preparar os alunos e, no fundo ajudar um pouco os alunos, premiá-los no fim do seu trabalho... e também, às vezes, alguns têm prémios, outras vezes há prémios por mérito, por excelência, mérito por alguma ação.

A escola, além dos prémios monetários aos alunos abrangidos pela ASE (Ação Social Escolar), atribui outros prémios para distinguir outros bons alunos?

Sim, sim. Não sei se é a média superior a 18, 19 e também a algum aluno que tenha desempenhado uma ação meritória no sentido da comunidade, de ajudar a comunidade, algum perfil que também tenha que ser distinguido pela sua ação.

Muito obrigada pela sua disponibilidade para esta entrevista.

EA3_A

Dia	Hora	Local	Entrevistado	Duração
22/01/2013	10h 00m	Direção	Professor avaliador com observação de aulas	46m 27s

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA

Breve referência a alguns resultados do questionário dirigido aos professores da escola como por exemplo a existência de reuniões para esclarecimentos do processo de ADD.

Os professores que fizeram parte da equipa que coordenou a avaliação dos docentes tinham formação para esse fim?

Eram os que estavam no conselho pedagógico e que foram escolhidos em função da distribuição das funções que os colegas tinham. O conselho pedagógico de então tinha poucos docentes.

No 1º biénio da avaliação houve possibilidade de escolher os docentes do conselho pedagógico, aparentemente, mais especializadas na função da avaliação. Fiz parte dessa equipa, no 1.º biénio, mas no 2.º biénio da ADD os coordenadores, dado que eram também avaliadores, não podiam fazer parte da comissão de coordenação da ADD. Em resumo, no 1º biénio da ADD houve a preocupação de escolher docentes com formação ou experiência na função de avaliação, mas no 2.º biénio, as escolhas foram muito condicionadas, embora tenham sido escolhidos docentes que tinham experiência ou formação específica ao nível da avaliação de desempenho, quer por via da orientação de estágios ou por via da formação especializada.

Correu bem o processo de avaliação de desempenho de docentes na escola.

Na xxxx o processo de avaliação de desempenho foi muito bem conduzido pelas estruturas que tinha a responsabilidade pela sua condução, designadamente a Direção e o conselho pedagógico. Houve uma grande tranquilidade. Os docentes compreenderam que a avaliação de desempenho não iria produzir grandes alterações na vida normal da escola. Procurou-se enquadrá-la na dinâmica habitual da escola e não foram sentidas grandes pressões. Não houve, de facto, uma corrida, essa busca obsessiva pela melhor classificação, nem se assistiu à procura de encontrar as pessoas que podiam favorecer cada um. Isso não houve. Houve, de facto, muita tranquilidade, muita estabilidade, pouca pressão. Muito embora, inicialmente, se sentisse que as pessoas viviam a ADD com alguma angústia. Mas esta foi-se reduzindo pouco a pouco porque, neste particular, reconheço o mérito da direção da escola que conduziu muito bem o processo e procurou conduzi-lo de forma a provocar pouca ansiedade. Ou seja, também acho que de um modo geral a ADD correu muito bem na escola xxxx.

A direção conhece bem as capacidades dos professores e podemos dizer que os professores certos estão colocados nos sítios certos ou não?

É uma característica desta escola. Em primeiro lugar há uma boa liderança, ao nível da Direção. Além disso, diferentes departamentos e estruturas as lideranças também funcionam bem. Não quer dizer que toda a gente esteja contente mas, de um modo geral, a escola funciona muito bem, as estruturas funcionam e estão bem lideradas, a começar pelo topo.

Nesta escola não houve competição entre os professores? Ou foi tão pouca que não se notou?

Não se notou, parece-me que não houve grande competição. Fiquei com a percepção que foram poucos os docentes que lutaram pelas menções de excelência e de muito bom. Não houve muita procura por estas classificações. De uma forma geral, no meu departamento e do que me apercebi também nos outros departamentos, não houve polémicas ou conflitos expressos, não houve grande correria aos excelentes e muito bons.

Nesta escola não se verificou um aumento de atividades e, por isso, não houve necessidade de fazer alterações no plano anual de atividades. Podemos concluir que as atividades são bem programadas?

Correu tudo com normalidade. Parece-me que a ADD na escola xxxx não fez desencadear a corrida às atividades. Tenho a impressão que os planos anuais de atividades, aquando do processo de avaliação de desempenho, vieram na sequência dos anos anteriores. Não houve assim grande alteração na dinâmica habitual. Não houve muitos floreados, pelo menos não se notaram.

Há orientações específicas para a seleção das atividades que se realizam durante o ano na escola ou não?

O plano anual de atividades da escola xxxx está muito bem coordenado com a nossa revista xxxx. Os responsáveis pela revista xxxx elegem sempre, em julho, o tema aglutinador. A partir daqui os diferentes departamentos e estruturas da escola xxxx concebem as atividades que vão de encontro ao tema aglutinador. Além disso, as estruturas e departamentos indicam outras atividades, tais como: visitas de estudo, palestras ou outras iniciativas. Esta dinâmica existe há muitos anos na escola xxxx. Quando foi

instituída a avaliação de desempenho a escola já tinha esta dinâmica e manteve-a. A ADD não veio alterar a dinâmica já instituída na escola. É uma escola muito dinâmica neste aspeto, que envolve toda a comunidade educativa (alunos, professores e funcionários). É uma dinâmica que já vem de trás e, portanto, a avaliação de desempenho não veio, de forma alguma, alterar ou adulterar esta dinâmica, nem veio, de certa forma, mexer na escola. Não quer dizer que um ou outro professor, uma vez que pediu aulas observadas e tinha a pretensão de obter muito bom, não fizesse uma ou outra atividade extra, mas de uma forma geral não se notou de forma significativa qualquer alteração. A normalidade aconteceu. A ADD foi integrada nesta normalidade.

Observou aulas?

Sim.

Acha que a observação de aulas é uma mais-valia para a avaliação dos professores ou será que se pode fazer uma boa avaliação sem essa observação?

Eu não sou contra a observação de aulas. Eu considero que ela faz sentido e ela pode ser uma mais-valia porque obriga, de certa forma, o professor a aperfeiçoar-se mais e melhor, a procurar novas metodologias, a encontrar e a diversificar as estratégias de ensino e de aprendizagem, a diversificar e a melhorar os processos de avaliação. No entanto, também reconheço que é possível avaliar o docente sem ter necessidade de eventualmente observar aulas. Além disso, é importante referir que as aulas observadas também podem ser muito artificiais, uma vez que o docente pode investir tudo nas duas ou três aulas em que vai ser observado. Fui observar as duas aulas que a ADD impunha como obrigatórias. Creio que as aulas que observei, permitiram-me concluir que era o trabalho normal que os professores faziam. Tenho a impressão que não houve por parte dos professores a preocupação em fazer grandes floreios ou fazer muito diferente do que fazem no seu dia-a-dia. Portanto, eventualmente não precisaria de observar essas aulas para avaliar o desempenho dos colegas.

A observação de aulas deve ser feita pelos pares ou por avaliadores externos?

Eu creio que a observação de aulas deve ser feita por especialistas, por pessoas que tenham formação especializada, porque é uma atividade muito complexa e que requer conhecimento profundo e especializado. Entendo que a avaliação de desempenho deve ser centrada na escola e aceito que pode ser feita por pares. No entanto, estes devem ser bem selecionados, devem ter perfil adequado, do ponto de vista científico e pessoal e depois serem bem preparados.

Foram criados critérios para a observação de aulas?

Foram definidos critérios gerais e foram construídas grelhas de observação. No entanto, reconheço que nem tudo foi bem feito, porque não é com uma formação intensiva de 15 ou 30 horas que se prepara alguém para a função de avaliação de desempenho docente, que se habilita alguém para o efeito. Porém, fizemos este trabalho sem grandes pressões e também de uma forma geral os colegas que foram objeto de aulas de observação de aulas, reconheciam a competência das pessoas. Na escola xxxx não se criou o ambiente negativo que sabemos que ocorreu noutras escolas. Tudo correu, correu com muita normalidade.

Nesta escola foi usado o portefólio?

Foi aconselhado no 1.º biénio.

Houve orientações para a sua construção?

Houve, mas escassas. Cada docente organizou-o como melhor entendeu.

Acha que o portefólio é uma mais-valia para a escola?

Não sei se é mais-valia ou apenas é mais sobrecarga burocrática. Sobrecarga é. É inquestionável. Se é mais-valia... poderá ser eventualmente, reunir instrumentos que possam ser úteis. Desse ponto de vista poderia ser mais-valia mas também pode ser mais uma carga de trabalho que é colocada ao professor, que lhe pode roubar tempo e energia para o trabalho com os alunos, que é cada vez mais exigente e muito esgotante. Portanto, ainda pedir-lhe mais um portefólio... acho que é exagerado. Colocando isso numa balança, a sobrecarga de trabalho que isso dá, os documentos que é preciso reunir, as reflexões que têm de ser feitas, o tempo que isso exige, todas as preocupações inerentes... Pode, sem dúvida, trazer vantagens para a melhoria pessoal e profissional do docente, mas poderemos estar a pedir demais ao docente que já tem tanto e tanto trabalho e preocupações com os alunos e as turmas que já põem grandes dificuldades aos docentes.

Se o professor tivesse que ter o seu portefólio anual com uma reflexão das suas práticas, não precisaria de ser muito grande, será que isso não melhoraria as suas práticas? Será que isso não contribuiria para a sua autoavaliação?

Eu entendo que o professor deve ser reflexivo, portanto, deve sempre refletir sobre o seu trabalho e se isso puder ficar exarado num documento tanto melhor. Acho que essa autoavaliação, essa reflexão sobre o trabalho desenvolvido é importante. É sempre importante na função docente obviamente. Claro que é preciso definir bem o que é um bom portefólio? Senão aparecem os portefólios volumosos. O portefólio implica reflexão em diferentes momentos... embora eu reconheça que possa ter mais-valia e que deva ser feito, mas a dificuldade é dosear. As orientações para a sua elaboração tinham que ser muito claras.

Depois da avaliação de desempenho docente, nesta escola, não se verificou nos professores uma maior motivação, autonomia, responsabilidade, preocupação com a sua atualização, etc. Acha que, com outro sistema de avaliação, se podem alterar esses resultados?

Os professores devem ser avaliados. Mas encontrar um modelo adequado para a avaliação de desempenho é sempre difícil. A avaliação deve fazer parte integrante da atividade docente, sobre isso não tenho dúvidas. Porém, encontrar a melhor forma é difícil. Acho que a avaliação de desempenho deve ser contínua, mas centrada na escola. Entendo que deve haver na escola pessoas com a função de avaliação, de apreciação do trabalho e de orientação sobretudo dos mais jovens. Entendo que as escolas deverão ter equipas especializadas que orientem, que acompanhem, monitorizem o trabalho, em particular, dos mais novos, mas também de outros colegas que revelem maiores fragilidades. Os jovens professores, embora já sejam profissionalizados, iniciam uma experiência nova e complexa e verifica-se que a formação que trazem é ainda insuficiente, carece de aprofundamento e acompanhamento. Portanto, se houver uma equipa na escola que ampare, que oriente pode ajudar o professor a ser um bom profissional. Além disso, admito que para a progressão na carreira possa haver determinados momentos para se fazer uma avaliação mais estruturada, mais formal para a obtenção nomeadamente de determinadas menções e possibilitar a progressão profissional. Julgo que deve ser conferida autonomia às escolas para que sejam criadas equipas especializadas de acompanhamento e avaliação, com apoio de instituições especializadas, designadamente das universidades.

Por exemplo os aspetos comuns para a avaliação de todas as escolas do país e que sejam complementados com uma avaliação específica e criada por cada escola? Poder-se-ia seguir o exemplo da autoavaliação de escola, avaliação interna?

Sim.

A avaliação de desempenho docente deve estar ligada à avaliação interna de escola?

Devem ser coisas separadas. Julgo a autoavaliação de escola, portanto, a avaliação interna deve ser separada da avaliação dos docentes. Pode haver objetivos comuns mas não pode ser a mesma equipa a fazer uma e outra coisa, porque são funções muito distintas.

Será que a equipa responsável pela avaliação de escola que é constituída por docentes com formação em avaliação e que dominam melhor os instrumentos de avaliação, não poderia criar instrumentos ou outros materiais para contribuir/ajudar a ADD tendo sempre presente as orientações da tutela?

Sim, deve ser permeável. De certa forma o trabalho não poderá ser absolutamente separado. Pode haver, aqui e ali, colaborações mas entendo que devem ser grupos distintos. As duas funções são muito específicas. Trabalhar com a avaliação de desempenho é uma coisa, com objetivos bem definidos e específicos. A avaliação é outra coisa, tem outras áreas e subáreas com objetivos bem distintos.

Por exemplo, a equipa que faz a avaliação de desempenho dos docentes pode não estar atenta ao trabalho desenvolvido pelos professores na escola e que contribui para a sua melhoria e que, por sua vez, é avaliado pela equipa de avaliação de escola. Até que ponto é que a equipa de avaliação de escola não poderia contribuir para a avaliação do trabalho desenvolvido pelo professor fora da sala de aula?

Claro que pode contribuir para a sua avaliação, mas apenas fornecendo informação complementar relativo a uma parte da ação do professor.

Refiro-me à equipa coordenadora...

A equipa coordenadora pode dar informações, mas não pode ter a função de avaliar o docente. Admito que deva haver diálogo, que os referenciais sejam comuns, que haja elos de ligação. Isso, eu entendo. Mas entendo que também deve haver separação de águas. É óbvio que a avaliação de desempenho não pode ficar restrito ao trabalho na sala de aula, mas a equipa que coordena a avaliação interna não pode ficar com a incumbência de avaliar docentes. Esta é uma matéria específica que deverá ficar entregue a uma outra estrutura. No entanto, admito que possa haver diálogo e articulação entre uma e outra estrutura. Aceito que quem coordena a avaliação pode, de facto, coordenar todo o trabalho de avaliação na escola, incluindo essa vertente específica da avaliação de desempenho e até definir algumas regras comuns, alguns critérios, e até referenciais comuns.

Conhecendo como funciona o PAR, penso que a equipa de autoavaliação de escola coordena outros grupos que avaliam áreas específicas como por exemplo a avaliação dos resultados. Portanto, não recai toda a avaliação na equipa coordenadora.

Aqui, caiu tudo na equipa que coordena a autoavaliação. Não é fácil trazer outros docentes para o trabalho de avaliação interna.

Pode haver essa tendência.

Porque tem que haver sempre alguém, desculpe a expressão, que puxe a carroça. O grupo liderante é que acaba por fazer quase tudo.

Acha que este sistema de avaliação de desempenho docente teve alguma influência na elaboração dos instrumentos de avaliação dos alunos?

Julgo que a ADD não veio alterações ao nível da avaliação dos alunos. Creio que a avaliação de desempenho não veio mexer na dinâmica habitual, a este nível, na escola xxxx. Os critérios gerais de avaliação são definidos pelo conselho pedagógico, a partir de propostas discutidas e aprovadas nos departamentos e grupos disciplinares. Desde meados dos anos 90 que a questão dos critérios de avaliação dos alunos, se vem fazendo na escola. No início dos anos 2000 a autoavaliação de escola

começou a fazer-se com alguma regularidade. Esses instrumentos foram objeto, também, e vêm sendo aperfeiçoados. Hoje os critérios de avaliação e os instrumentos de autoavaliação estão particamente definidos e estabilizados, sofrendo pontualmente uma ou outra alteração. Vão-se fazendo pequenos ajustamentos quando se entende que alguma coisa precisa de ser melhorada. Portanto, a avaliação de desempenho na escola não veio mexer com as dinâmicas. Não veio alterar, creio que de uma forma geral, nada.

Com a aplicação do Despacho n.º 13981/2012 poder-se-ão distinguir os professores pelo mérito com a ADD?

Não. Os contextos fazem também o profissional e, obviamente, as lideranças. As lideranças têm um papel decisivo, são muito importantes. O mérito é facilmente reconhecido quando as instituições funcionam bem.

A liderança nesta escola é de que tipo?

É colaborativa.

Nesta escola, as respostas dos professores indicam que a ADD deve contribuir para o controlo das atividades letivas e não letivas dos docentes. Será que isso reflete alguma insegurança dos professores?

Eu creio que na escola xxxx é conferida autonomia ao profissional. Os profissionais têm autonomia. Nota-se que é conferida autonomia e, obviamente, responsabilidade ao profissional. Claro que, quando a liderança dá autonomia aos seus colaboradores, eventualmente, há sempre alguém que pode falhar. Eventualmente, quem fez essas referências notou que pontualmente teria que haver mais intervenção. Nem tudo é perfeito. Há pessoas que não gostam... e a liderança sabe onde as coisas funcionam bem e onde as coisas não funcionam bem. Eventualmente tem atuado mais junto desse grupo que não funciona bem. Claro que, depois, nós sabemos que os profissionais da escola também têm um passado, têm hábitos, têm rotinas, têm vícios, são seres humanos e, portanto, alguns ajustam-se e vão melhorando o seu trabalho porque as exigências são outras mas outros resistem. Há sempre resistências e as resistências vêm naturalmente daqueles que estavam viciados num determinado tipo de trabalho e que, depois, as lideranças têm dificuldade aqui e ali em romper com alguns vícios e hábitos instalados. É evidente que há coisas a ajustar numa escola com esta grandeza. Nem tudo é perfeito...

Acha que o atual ministro da educação e os elementos do seu ministério tiveram em consideração as recomendações emanadas do CCAP na proposta nº1/CCAP/2010 sobre padrões de desempenho para a nova proposta de avaliação?

O atual ministro não acrescentou nada. Foi apenas retirar alguma carga à avaliação e, portanto, sabendo que ela não ia ter qualquer efeito, porque na prática nós, docentes, vemos que não tem qualquer efeito. Portanto, no meu entender não veio melhorar nada.

Mas, segundo a Dr.ª Mª de Lurdes Rodrigues, as escolas deviam ter adequado os instrumentos às escolas.

Nesta escola foi selecionado aquilo que seria mais pertinente. Eu também fiz essa leitura, eu entendi que a avaliação fazia sentido. Agora, a Ministra teve muita resistência da classe docente e, portanto, não houve uma compreensão, nem houve um grande esforço do país e da comunidade docente em compreender a necessidade da implementação de um modelo de avaliação. Daí que a leitura foi radicalizada, radicalizou-se tudo e depois tudo se perdeu. Quando o modelo foi simplificado, quase ficou reduzido a nada. Passou-se do 80 para o 8, isto é, do muito exigente, ao nada fazer.

Acha que os professores têm medo de ser avaliados?

Acho que não. Os professores, eventualmente, são dos profissionais que sabem que avaliar é uma atividade altamente complexa, muito complexa. Os professores avaliam todos os dias, quase a todo o momento e sentem muita insegurança, porque reconhecem a sua complexidade. A avaliação é função mais difícil do professor, nomeadamente, quando, no fim de três meses, temo que avaliar alunos que mal conhece e, claro, faz uso de instrumentos que permitam de certa forma medir alguma coisa para chegar a um resultado. Nós, professores, sentimos uma certa angústia, porque temos a consciência da grande complexidade que é avaliar. Além disso, o professor sabe que a avaliação tem uma forte componente de subjetividade e se ela não for bem utilizada ela pode virar-se contra a pessoa. A avaliação pode gerar ressentimentos, vinganças... Acresce a isto que se as lideranças nas escolas não funcionam bem e se nós não acreditamos nas lideranças e não temos confiança nelas, nós podemos ser sujeitos a um processo avaliativo pouco justo. Há muitos contextos escolares complicados em que as lideranças não se exercem ou deixam as coisas correr, onde pode aparecer alguém muito ressentido e espírito vingativo que tudo pode fazer. Há muitas escolas em que os processos são pouco democráticos e pouco justos. O medo existe entre os docentes. Os professores sabem disso, sabem que pode acontecer e conhecem quem pode avaliar e quem pode ser avaliado ou não pode ser avaliado. Se o avaliado tem confiança no avaliador, se sabe que o avaliador é uma pessoa sensata, uma pessoa que sabe, que é dialogante, que está ali para nos ajudar, que está numa perspetiva mais formativa, aceita. Ele aceita ser avaliado por essa gente. Agora, se ele não sabe quem vai ser o avaliador, se não o conhece, ele receia que pode estar ali a ser sujeito a algumas situações complicadas que podem até pôr em causa o seu futuro profissional. É um facto que os professores, de uma forma geral, não estavam habituados a ser avaliados... O relatório que faziam não servia para nada, servia só para cumprir uma formalidade. Claro que é muito mais cómodo não ser avaliado e ir progredindo na carreira sem pressão nenhuma, deixar as coisas correr. Claro que a avaliação, e aqui estou perfeitamente de acordo com a ex-ministra M^a de Lurdes Rodrigues vai, de certa forma, pode ter um forte a melhoria dos contextos, a melhoria da escola e a melhoria do sistema. Se a avaliação de desempenho for bem implementada, não tenho dúvidas que ela pode contribuir decisivamente para a melhoria das instituições escolares, para a melhoria do desempenho profissional dos docentes e também para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. Claro que as escolas, eventualmente até, não precisarão rigorosamente de uma avaliação se elas estiverem bem estruturadas, se forem bem conduzidas, etc. Mas, também, o diretor ou quem lidera tem que ter instrumentos de avaliação. A avaliação tem que fazer parte integrante de qualquer atividade.

Tem que haver uma avaliação formativa e/ou sumativa?

Eu considero que ela deve ser essencialmente formativa e, sobretudo, formadora no sentido de colaborar, de ajudar o professor a crescer, a desenvolver-se, a ser melhor profissional e isso pode ter consequências na melhoria do contexto, na melhoria da escola, das instituições e melhoria do ensino e da aprendizagem.

Há algum aspeto que queira abordar relativo à ADD ou à avaliação de escola que não foi abordado nesta entrevista e/ou acrescentar algo?

Não.

Muito obrigada pela sua disponibilidade para esta entrevista.

EA4_B

Dia	Hora	Local	Entrevistado	Duração
6/02/2013	13h 30m	Direção	Professora com aulas assistidas	40m 00s

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA

Breve referência a alguns resultados do questionário dirigido aos professores da escola.

Teve necessidade de se reunir com outros professores para analisar a legislação sobre a ADD?

Nós, na altura, reunimos em termos de departamento, portanto, de grupo, de departamento, e foi analisada e essas reuniões foram suficientes.

A calendarização foi cumprida?

Sim, sim.

Teve aulas assistidas. Como é que decorreu o processo? Houve, inicialmente, a definição de critérios para a observação de aulas?

Sim, sim.

Teve conhecimento com antecedência?

Foi tudo definido com a, portanto, atempadamente, organizado, foram-nos identificados os professores que eram avaliadores, foram, depois, distribuídos, na altura até foi pelo nosso coordenador que fez uma proposta e a que foi aceite sem qualquer tipo de oposição de nenhum elemento e, depois, fizemos de acordo com o que está com as orientações da escola. Portanto, primeiro foi, tive uma reunião com a avaliadora, depois, entretanto numa fase posterior, acertamos os dias que eram melhores para a observação. Pronto, tal e qual como a colega que é de Biologia, nós temos as aulas práticas e havia alguma necessidade de que as aulas, que a observação não coincidissem com uma metade de uma aula.

Em algumas aulas práticas, é mais difícil fazer a observação do trabalho do professor, porque os alunos estão mais centrados no seu trabalho laboratorial.

Por acaso eu fiz. Numa das turmas com aula prática e a outra observada foi numa aula normal, portanto, sem ser o desdobramento de turmas.

Sentiu-se bem durante a observação de aulas?

Curiosamente a colega que foi observar a minha aula é do meu grupo disciplinar.

Isso é bom?

Sim, dá algum conforto e, portanto, correu bem. Curiosamente, eu acho que há coisas interessantes nisto. Eu tinha duas turmas distintas em termos de aproveitamento, completamente distintas e, a primeira aula assistida, foi nessa turma e que foi uma aula laboratorial que se presta, claro, a alguma confusão e correu bem. Curiosamente, a segunda aula teve que ser marcada com a turma que tinha que era, em termos de aproveitamento, era muito complicada. Tinha alunos absolutamente desinteressados que, depois, até

fizeram mudança de curso e, portanto, não era uma turma muito fácil. Eu não estava à espera que corresse bem. Até porque era uma turma que, eu normalmente faço perguntas, faço um recapitular do assunto que foi dado anteriormente e eu estava à espera que fosse uma catástrofe. Coincidiu com a altura em que, aqui, se faz o Troféu da xxxx e, portanto, grande parte dos alunos, eu estava condicionada pelo número de alunos, portanto, eles poderiam não vir e não havendo número de alunos suficiente teria que fazer revisões. Não poderia fazer o que tinha planificado na aula e, então, pensei duas vezes se havia de perguntar aos alunos se lhes havia de perguntar se vinham, se não vinham até porque, pronto, a turma, dado as características, não convinha muito, não convém muito levantar problemas e, então, fiquei assim naquela situação “colega, olhe, corremos o risco de tu vires e não termos alunos e a aula terá que ser adiada”. Lá conversei com eles e tal e perguntei-lhes: quem são os alunos que pretendem vir? Eles ficaram muito admirados, porque é que eu estava com aquele, “mas o que é que se passa?” e expliquei: olhem, vamos ter uma aula assistida e o que vai acontecer é que, se não houver número de alunos suficiente, eu não vou obrigar a colega a vir. Eles vieram, portaram-se extraordinariamente bem, eu perguntava, eles respondiam e, portanto, quando saímos da aula, diz a minha colega: “eu não estou a perceber o que aconteceu; esta é que é a tua pior turma? Isto não é nada,” dizia ela. Não, é que não estás a ver a turma, tu vieste ver uma aula em que eles pensavam, não sei, eles pensaram que iam ser eles avaliados.

Os alunos não tinham consciência que era a avaliação da professora?

Não, não porque eu não expliquei nada. Eu disse que tinha uma aula assistida, pronto. Não sei, se calhar, eles olharam para mim e disseram “assistida, estagiária não deve ser”. Portanto, nunca viram aqui ninguém, portanto eu penso. Eles portaram-se maravilhosamente bem tanto que, na aula seguinte que tive com eles, não resisti a perguntar, se os tinham trocado naquele meio tempo e se não os tinham voltado a trocar, em tom de brincadeira. Mas acho que, quer dizer, acho que este tipo de avaliação acaba por ter este tipo de desfecho que, muitas vezes, não coincide minimamente. Nesta aula eles surpreenderam-me pela positiva. Aliás, eu não lhes expliquei nada, só quis saber quantos vinham e por que razão é que eles tinham que vir.

Os alunos não estavam informados que os professores da escola andavam a ser avaliados?

Não. Aqui não.

Nos questionários desta escola, os professores indicaram que não conversaram com os seus alunos sobre a ADD.

Não. Mas, por exemplo, eu estive muitos anos noutra escola, estive nove anos noutra escola, em que as colegas comunicaram aos alunos, explicaram. Aqui, não. Também não era nada que interferisse diretamente com eles.

Mas é interessante saber o que pensam os alunos sobre a avaliação dos seus professores, ou não?

Nós, aqui, não.

Depois da observação de aulas reuniu-se com a avaliadora?

Sim, reuni com a avaliadora e fizemos uma análise e, portanto, eu fiz a minha autoavaliação e a avaliadora fez, depois, a avaliação.

Essas aulas assistidas, esse trabalho todo que teve com a avaliação contribuiu positivamente de alguma forma para o seu trabalho na sala de aula?

Eu acho que isso poderia, eu acho que isso pode ter alguma vantagem quando o tipo de trabalho que se faz é um trabalho individual. Quando nós trabalhamos individualmente, que eu acho que isso já não existe, penso eu, porque, eu acho e, nesta escola especialmente, eu acho que há um trabalho muito cooperativo

e, portanto, o trabalho de pares, eu acho que aqui é assim qualquer coisa que não é muito comum e, portanto, eu acho que acaba por não fazer, assim, uma diferença tão grande na nossa prática quanto isso.

Acha bem que os professores sejam avaliados pelos pares ou seria melhor serem avaliados por avaliadores externos?

Eu penso que, havendo um ambiente saudável, chamemos-lhe assim, é absolutamente indiferente.

Nesse ambiente saudável está implícito os professores terem formação em avaliação?

Se calhar também, se calhar também.

Reconheceu essa autoridade na pessoa que foi observar as aulas?

É assim, eu, pessoalmente, confio na colega que me veio avaliar.

Reconhece-lhe essas características de avaliadora?

Eu acho que, qualquer professor, entendido no verdadeiro conceito, não é?, e acho que a colega que me veio avaliar está, obedece a esses requisitos, não vejo propriamente... Acho mais normal ser avaliada por um colega do que ser avaliada pelo exterior, por exemplo, por alguém que não faz a mínima ideia do que é ensinar nem estar dentro de uma sala.

Alguns professores não reconhecem competência nos colegas para avaliarem os seus pares.

Esta escola, eu não pertença a esta escola, eu sou professora do antigo quadro mas de outra escola, estou, aqui, destacada. Eu acho que costuma haver o bom senso, sempre, nestas coisas de ver, de haver algum cuidado nas pessoas que são indicadas para determinado tipo, para determinado tipo de professor.

Quem avalia quem?

Sim. Acho que há esse cuidado e esse bom senso.

Sentiu necessidade, por ser avaliada e ter aulas assistidas, de fazer mais atividades na escola?

Não. Aliás, até porque eu não fiz. Continuei a fazer exatamente aquilo que fazia porque essa é a minha postura.

Esta escola tem muitas atividades. Essas atividades são bem ponderadas, são bem organizadas e são avaliadas no fim?

São.

Mas são avaliadas como? No grupo disciplinar, no departamento, no conselho pedagógico, onde são avaliadas?

Elas são avaliadas a nível do pedagógico.

Fazem o relatório final e depois vai ao pedagógico.

Sim.

Concorda que os professores sejam avaliados?

Eu, quando essa pergunta me é posta assim, do exterior, eu costumo dizer que fui sempre avaliada. Porque nós fomos sempre avaliados, somos sempre avaliados, fomos sempre avaliados e acho que quando e... quando isto, na sequência, é assim, quando todos os funcionários públicos, neste momento, se sentem melindrados com tudo o que está a ser feito, nós já sentimos isso na pele desde 2005, não é?

Portanto, o que quer dizer que, tudo isto, nós somos sempre avaliados. Aliás, somos sistematicamente avaliados por 30 alunos que temos dentro de uma sala, mais 30 pais, mais quase outros 30 provavelmente do outro lado. Portanto, somos sistematicamente avaliados.

Pelo coordenador, pela direção...

Exatamente. Quando chega ao fim do ano ou ficamos ou não ficamos. Portanto, somos sempre avaliados. Agora, é assim, se esta avaliação, se eu me sinto bem com esta avaliação? Eu acho que se calhar, porque não senti que fui penalizada, acho que foi justo a forma como fui avaliada e não passei por qualquer tipo de constrangimento, se calhar é-me indiferente este tipo, outro tipo... Agora, eu acho que é uma injustiça quando dizem que nós não éramos avaliados. Até porque, eu sei, todos os funcionários são avaliados. Os nossos parceiros, funcionários públicos, não é? São avaliados mas são avaliados por outro sistema. Portanto, porque é que não somos avaliados da mesma maneira? Se querem que nós sejamos totalmente, não é? Se querem a igualdade no número de horas, igualdade em tudo, porque é que não querem a igualdade no tipo de avaliação de desempenho?

Mas esta avaliação de desempenho, segundo alguns professores, veio “meter na ordem” um grande número de professores, por exemplo, na assiduidade...

Quem não estava na ordem continua sem estar na ordem e os professores não são os únicos que são maus profissionais, não é só na nossa classe que há maus profissionais. Aliás, acho que no nosso grupo, eu até acho que há muito bons profissionais.

São grupos disciplinares com exames a nível nacional.

Eu acho que, mais ou menos, tentamos fazer, olhando por mim, para trás, eu acho que tive bons professores. Mas eu acho que a preocupação que temos hoje com os nossos alunos é muito maior do que tivemos connosco. Até por todas as razões, por todas as razões sociais. Se nós pensarmos que dentro de uma sala de aula temos um elevado número de alunos de famílias desestruturadas, não é?, e que, muitas vezes, fazemos, levamos daqui não só os problemas associados a comportamento, à aprendizagem mas, ainda, levamos os problemas que eles têm porque a determinada altura não funcionaram bem e, portanto, nós chamamos a atenção e eles despejam o seu saquinho que nada tem a ver com a escola e nós levamos mais para casa. Eu não sei se isto é muito comum nos outros funcionários, é que não me parece. Eu, em casa, tenho um funcionário público que, depois de fechar a portinha do escritório, acabou. Eu acho que isto tem é que ser repensado em termos do que estão a fazer connosco porque eu acho que, eu acho que eles, com isto tudo, podem estragar tudo. Eles, que se dedicam a isto, que vivem isto de corpo e alma, que nunca lhes passou pela cabeça outro tipo de opção, não é? Cada vez se sentem mais desiludidos porque, quer dizer, nós quase que “levamos nas orelhas” por tudo e por nada, não é? Nós somos os culpados e, houve uma altura em que eu disse, proibi, em casa, de dizerem que eu era professora porque só faltava porem assim, aqui, na nossa testa e dizer assim “ladra do estado”. Só faltava dizer isto. Isto é que é inadmissível. Querem-me avaliar, estão à vontade desde que não cometam injustiças, estejam à vontade.

A avaliação de desempenho docente deve ser apenas formativa e nunca sumativa, nunca para uma prestação de contas? Podem coexistir as duas: formativa e sumativa?

Eu não me oponho. Em relação a isso, eu acho que podem coexistir. Acho que isso não é, não é aí que está o problema da situação. O problema da situação poderá passar, é o que eu digo, eu fui muito feliz, poderá ser pela pessoa que nos avalia, isso sim. Agora, pelo resto, eu penso que não.

Nesta escola há um certo cuidado na atribuição de funções aos professores certos?

Há esse cuidado.

A direção desta escola é de que tipo? É mais diretiva, mais colaboradora...

Colaboradora.

Dá autonomia aos professores?

Sim, sim.

Na sua avaliação, usou o portefólio?

Sim.

Teve orientações para a sua construção?

Sim. Fui sempre contactando com a colega.

Nesse portefólio estava o registo relativo ao trabalho de um ano disciplinar, de um ano escolar ou do trabalho desenvolvido no período em avaliação?

Do período em que fui avaliada.

O portefólio é uma mais-valia para a escola?

Eu continuo a achar que esta escola, se calhar, é diferente e, se calhar, porque é diferente pode não servir. O que é que acontece? Todo o material que nós utilizamos, por norma, por exemplo eu tenho o décimo e trabalhamos, o grupo de décimo e, portanto, quando eu faço algum tipo de material, quando eu organizo alguma coisa ou a preparação de aulas eu envio para as colegas para as colegas que estão a dar décimo. Se há alguma coisa a modificar, é-me devolvido isso. Portanto, normalmente, trocamos, por *mail*, com alterações ou com propostas, com novas propostas. Fazemos muito trabalho de grupo. Portanto, eu penso que, onde se faz um trabalho de grupo, haver mais um dossiê acaba por ser indiferente.

Com este modelo de ADD não se atingiram vários objetivos tais como mais inovação nas práticas, ambientes de aprendizagem mais exigentes, etc. Será que, com outro tipo de avaliação, se conseguiria atingir os objetivos inicialmente propostos?

Eu não consigo sequer... Eu acho que esta escola reúne já muitas condições que permitem...

Tem as condições ideais de trabalho?

Exatamente. Que uma pessoa vem para a escola, vem satisfeita, se falta, se falta até tenta, por exemplo, eu tenho uma filha pequena, que tem ficado doente, tento sempre controlar com o meu marido, com a empregada, conseguir conciliar de maneira a faltar o menos possível. Quer dizer, eu penso que nas condições do dia-a-dia, nas atuais, este tipo de situação traduz que realmente nós vimos para aqui com satisfação.

Sentem-se apoiados?

Sim, sim.

Conhece a equipa de autoavaliação da escola?

As pessoas que estão...

O trabalho que essa equipa tem feito.

Sim, conheço.

Acha que é possível conciliar a avaliação interna de escola e a ADD?

Não tenho...

Por exemplo, uma escola é uma “unidade” mas há várias avaliações e quando se diz “esta escola é muito boa” podemos questionar em que é que é boa? São os alunos, são os professores, são as instalações, etc.?

Se calhar não é impossível. Não sei se será muito fácil e com os colegas, com a tendência que isto tem para estes hiper mega agrupamentos eu acho que será absolutamente impensável uma coisa dessas. A continuar mas, também, penso que não terá grande importância para quem nos governa porque o objetivo deve ser mesmo destruir a escola pública. Eu penso que é mesmo destruir a escola pública.

Os professores já estão com mais carga horária?

Sim. Eu tenho 24 horas letivas mais 3.

Estão com mais alunos por turma?

Estamos com 30 alunos por turma, portanto, foram construídas salas onde não cabem todos por exemplo.

Os documentos que foram usados para a avaliação dos professores foram revistos, avaliados no fim do ciclo de avaliação?

Foram.

Durante os períodos de avaliação, sentiu que houve mais competição entre os professores?

Não, não, até pelo contrário, acho que há colaboração.

Sentiu que, com esta avaliação, precisava de fazer formação em alguma área específica?

Não, não porque é assim, o que utilizei tinha a ver com formação. Portanto, estava de acordo... tinha feito formação em multimédia e tinha feito formação nos novos programas e, portanto, a parte laboratorial estava de acordo com os novos programas e, portanto, na parte laboratorial.

Nunca sentiu interesse em se integrar num grupo de avaliação de escola? Por exemplo, no grupo de autoavaliação de escola?

Não.

Mas uma avaliação bem pensada, bem estruturada melhora a escola...

Eu não tenho dúvidas. Eu acho que uns nascem para umas coisas e outros nascem para outras e eu não. No processo de ensino a parte que me incomoda mais, que me custa mais fazer é a avaliação. Adoro preparar o material, adoro fazer testes, preparar fichas, fazer a preparação da parte laboratorial. Isso, para mim, é tudo fantástico. Fico completamente stressada quando se aproximam as avaliações.

Quanto mais os professores se preocupam com os alunos, como seres humanos, mais difícil é fazer a avaliação?

Depois é assim, com estes problemas todos, como é que pode aprender FQ? Para que é que lhe serve?

A ADD alterou a cultura da escola ou a sua dinâmica?

Não, manteve-se tudo como estava.

O atual ministro da educação e as anteriores pretendiam distinguir os professores pelo mérito. Com a aplicação do Despacho n.º 13981/2012 poder-se-ão distinguir os professores pelo mérito com a ADD?

Eu quero acreditar que quem pensa, pensa bem. Quero acreditar, não sei, não sei... Porque eu acho que isto, depois, depende muito da volta que lhe querem dar. Eu penso que funcionará bem nas escolas em que tudo funciona bem e, se calhar, vai continuar a não funcionar nas outras porque eu acho que, aqui, há, da parte da direção, muito bom senso. É essa a minha... Eu estou com eles desde 2009 e acho que, pronto, há sempre uma tendência de nós somos colegas, estamos aqui para dar o nosso melhor e, portanto, por isso, eu acho que, nesta escola por exemplo, que eu não tenho dúvidas que, venha o modelo que vier, será sempre tudo feito com a intenção, pelo menos, de que nós sejamos, aqui, também felizes. Agora, como é que vai funcionar? Foi como esta última avaliação a que fomos sujeitos. Depende das escolas porque há muitas opiniões. Quando eu converso com outras colegas é exatamente isso que dizem.

Acha que o atual ministro da educação e os elementos do seu ministério tiveram em consideração as recomendações emanadas do CCAP na proposta nº1/CCAP/2010 sobre padrões de desempenho para a nova proposta de avaliação?

Se calhar, no papel, provavelmente, de alguma forma. Até porque é assim: profissional se calhar sim; social talvez também; ético, acho que é muito complicado em tão pouco tempo perceber.

Há algum aspeto que queira abordar relativo à ADD ou à avaliação de escola que não foi abordado nesta entrevista e/ou acrescentar algo?

Eu penso que nós temos que ser avaliados, como fomos sempre, é inevitável. Que esta avaliação tem que ser pensada no sentido de não destruir mas de construir, eu acho que isso é fundamental. Para todos!

Mas esta avaliação permite diferenciar os professores pelo mérito?

Por exemplo, eu dou um exemplo que se passa no meu grupo. Eu acho que há professores excelentes no meu grupo que não se propuseram a este tipo de avaliação.

Tem a ver com a cultura de escola ou...

Eu acho que tem a ver com aquilo que eles próprios têm noção.

Podemos dizer que, nesta escola, os professores ainda têm o espírito de “missão do ensino”, estão aqui para ensinar?

Sim.

Muito obrigada pela sua disponibilidade para esta entrevista.

EA5_B

Dia	Hora	Local	Entrevistado	Duração
28/05/2013	13h 30m	Biblioteca	Professora avaliadora que observou aulas Coordenadora de Departamento	31m 00s

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA

Breve referência a alguns resultados do questionário dirigido aos professores da escola.

Nesta escola, os professores reuniram para aprofundar o conhecimento da legislação.

Exato, fizemos reuniões iniciais quando o processo de avaliação foi marcado recebemos todos os instrumentos e a partir daí a primeira reunião que fizemos foi a da CAD (SAD), da comissão (secção) onde os quatro coordenadores dos departamentos juntamente com o Diretor, na altura Presidente da CAP nos dava as orientações e analisávamos (os documentos, inerentes ao processo) e depois cada coordenador de departamento delegou funções, a(o) nosso critério foi nos delegados, e quando o número de professores excedia, para tentar ser mais ou menos equitativo e ter o mesmo número de avaliados delegávamos noutros que não o delegado. Por exemplo eu lembro-me que no meu grupo que havia muitos professores para serem avaliados e eu era a delegada porque eu acumulava as funções de coordenadora e de delegada e então deleguei em duas minhas colegas que são as mais antigas da casa que, por ordem, são as mais antigas (Professoras de carreira) aqui na escola e portanto são os horários número um e dois, deleguei nelas para elas também procederem à avaliação dentro do nosso grupo. Nessa altura eu também tinha a meu cargo a avaliação como coordenadora de departamento de colegas de outros grupos disciplinares e, portanto, não poderia ficar com tudo e tive que fazer isso e então era necessário que concertássemos um bocadinho a forma como íamos aplicar e como é que íamos fazer a avaliação e então reuníamos. Reunia eu com todos os avaliadores internos e que íamos também fazer a observação de aulas e tentávamos analisar a legislação, fazíamos atas e essas coisas todas que depois até nem era necessário, mas guardou-se. Ficaram registados os momentos, aprofundávamos, tirávamos dúvidas e depois víamos como é que haveríamos de avaliar os vários parâmetros para tentar que todos, fizemos isso de início e também fizemos isso na parte final depois de cada um já ter feito a sua avaliação, voltámo-nos a juntar para aferir, para ver quem tinha dúvidas e o que tinha acontecido ou não para depois, com base na quota existente em termos das menções de *Excelente* e de *Muito Bom* tentarmos distribuir de uma forma equilibrada que desse para abranger todos os grupos disciplinares, aliás, o meu departamento era o maior, tinha noventa e tal pessoas, são cinco grupos e, portanto era um bocado complicado também se nós concentrássemos as menções honrosas, não é? Todas num grupo acho que era um bocado, porque em todos os grupos há sempre pessoas válidas.

A distribuição das menções era em função do número de docentes?

Exatamente, era em função do número de docentes, (era determinado o percentil, percentagem esta que dependia da Avaliação externa que a Escola tinha tido) tínhamos X quotas e depois a partir daí nós e depois também fazíamos o seguinte, também muitas vezes os coordenadores voltavam a reunir para vermos as menções que tínhamos que fazer um apanhado geral para tentar que se eu tinha direito a sete quotas vamos imaginar e outro grupo tinha cinco para que a avaliação deles não me viesse “roubar” as nossas quotas uma vez que tínhamos direito a elas. Pronto, fizemos o melhor possível, penso que correu bem, não tivemos reclamações, não tivemos nada, as pessoas ficaram satisfeitas a partir daquele momento não tenho *feedback* contrário e correu muito bem por acaso. Eu acho que pelo facto de termos trabalhado assim em conjunto tipo trabalho colaborativo e termos distribuído de uma forma justa as avaliações que não surgiu problemas.

Os professores avaliadores tinham alguma formação em avaliação?

Não. Nós tivemos, inscrevemo-nos (numa formação, promovida pelo CF a que a escola pertencia) e lembro que logo na altura que começou o processo, fomos fazer a Formação uma formação que era para sermos formadores e acabamos por receber uma como sendo avaliados. Não recebemos propriamente aquilo que estávamos à espera porque a nossa ideia era chegar lá, porque nós fomos com a ideia de que íamos (de como íamos proceder relativamente ao processo de avaliação, porque nenhum dos professores envolvidos nesse processo tinha formação nessa área) receber para sabermos como é que íamos avaliar e recebemos, mas é como é que nós como avaliados teríamos que proceder e ficamos um bocadinho (dececionados, porque não tivemos a ajuda que necessitávamos para fazer uma avaliação daquela natureza), na altura, e dissemos: bem, não era isto que queríamos.

Chegaram a saber porque é que trocaram as formações?

Não sei, nunca nos informaram disso. Não sei se não foi por falta, eu sei que na altura havia e foi para aquela que nos candidatámos e foi para aquela que fomos e não era aquela que estávamos à espera, não sei se era por falta de vagas ou por falta de formadores, não sei. Na realidade fomos aprender como é que se faz um relatório, fomos aprender como é que se davam as aulas, fomos aprender que não era isso que queríamos. O que queríamos era como avaliar e não como ser avaliados, mas pronto, serviu também porque eramos avaliados que eu também fui pelo Diretor.

Podemos concluir que esta escola houve interesse em que os avaliadores tivessem formação?

E (Sim) aliás, foi isso mesmo que nós procurámos e foi para isso que nos inscrevemos, simplesmente, não foi propriamente...

E, agora, já conseguiram mais formação?

Agora não. A partir daí nunca mais apareceu nada. Depois nunca mais apareceu nada, depois voltamos a pedir que queríamos mesmo como avaliadores e, depois, não surgiu nada e, entretanto, agora com estas horas de assistir às aulas, dos avaliadores externos, já existe uma bolsa que não nos compete a nós, já não estamos lá e, portanto ... maravilha! (riso)

Relativamente aos instrumentos, os professores dizem que foram os emanados da tutela, mas também foram elaborados e adaptados à escola. Como é que foram adaptados? Tem essa ideia?

Não. Nós estivemos na reunião da SAD (Secção de Avaliação de Desempenho) e nós fizemos uma adaptada de acordo com a legislação, sempre (de acordo) com os critérios mas tentamos, como é que hei-de explicar, colocar lá aquilo que realmente nós pretendíamos ver dentro das várias dimensões e obedecendo (aos indicadores das três dimensões referidas na lei) e obedecendo à lei.

Todos os professores colaboraram nessa tarefa ou foram só os avaliadores, os coordenadores?

Em princípio, (foi na SAD) primeiro desce sempre ao grupo, nós analisamos e as pessoas que dão o seu parecer fazem as suas propostas. Depois, a partir daí faz-se uma compilação que foi o que nós fizemos, também um bocado aí.

Na escola foram definidos critérios para a observação de aulas?

Exato. Até porque eu observava aulas de colegas que não eram do meu grupo disciplinar e como tal não podia avaliar a componente científica.

E esses critérios foram dados a conhecer aos avaliados?

Sempre. Tudo era dado a conhecer aos avaliados, tudo. (As próprias grelhas de avaliação eram do conhecimento de todos os envolvidos no processo, para que não suscitassem dúvidas nos parâmetros a avaliar)

O número de aulas observadas foi suficiente para conhecer o trabalho do professor?

Não. Acho que deviam ser mais e, outra coisa, acho que o facto de as aulas estarem marcadas criaram um bocadinho de artificialismo. Senti um pouco isso. Achei que eram poucas e depois o facto de ser penso que na altura eram de 45 minutos (que foi a nossa opção) se não me engano o que significa que um professor tinha que planificar a aula tendo a aula 90 minutos ou 135 nalgumas situações para ter uma introdução, um desenvolvimento e uma síntese porque qualquer aula tem que passar e tinham que confinar aquilo a 45 minutos que era uma falsa questão porque a aula era de 90 minutos. (mas as grelhas a isso obrigavam) Na realidade estavam a tentar terminar um assunto, fazer uma síntese de algo que não acabaria, mas só acabaria ao fim dos 90 minutos, mas a aula foi preparada nesse sentido.

Porque é que decidiram observar só 45 minutos de aula?

Não sei. Era muita gente, tinha a ver, porque a nível do 3º ciclo muitas eram de 45 minutos e, depois, deve ser um bocado em função dos nossos horários, para gerir e assim era um bocado mais complicado porque nós, muitas vezes, vínhamos em horas livres, vínhamos em espaços, (que não tínhamos aulas e por vezes quando não existia alternativa faltávamos às nossas aulas e depois repunhamos essa aulas nos espaços livres dos alunos) vínhamos muitas..., acabava por ser um bocado complexo. Depois, também as pessoas é que marcavam connosco, com as turmas que mais lhe agradavam, um dos critérios era sempre se as pessoas tinham mais que um nível, ver (Observar as aulas) em níveis diferentes.

O que é que acha que deve ser observado numa aula?

Eu, por mim, a parte científica e pedagógica para mim é das mais importantes, eu acho. Depois em termos de metodologia depende, depende muito da turma, depende dos instrumentos que se aplicam, depende da turma em questão se é recetiva, se não é recetiva. Depois, muitas vezes eu ouvia, não da parte dos professores, mas da parte dos alunos dizer: até que enfim que há uma aula observada, até que enfim que temos um *power point* que nunca tínhamos visto! Eles são mauzinhos, fazem esses comentários mesmo quando estamos lá presentes e sabem que vamos lá e a gente nota algum artificialismo, alguma coisa que...

Mas há mesmo ou é uma vingança dos alunos?

Também pode ser, exato, a gente tem sempre que estar nas duas perspetivas porque eles, às vezes conseguem ser "mauzinhos". Agora, realmente, eu achava que era a parte científica e a parte pedagógica e o apoio durante a aula, que os alunos colocavam dúvidas porque eles estavam muito à vontade. Eu notei que se eles tivessem alguma dúvida colocavam e não estavam assim apreensivos nem (preocupados com a nossa presença)...

Nesta escola, os alunos tiveram conhecimento de que os seus professores estavam a ser avaliados?

Pois, é assim: eu quando foi da minha avaliação, dos meus alunos, eu não avisei, não os avisei que iam ter aula observada. Há muita gente que os avisou e os preparou e, agora também não sei, lá está a tal situação que a gente também ouve uma versão e ouve outra até que foi prometido coisas aos miúdos, mas não sei até que ponto isso é verdade ou não. Eu sei que os professores avisavam. Eu, quando foi da minha aula, na minha altura não avisei, foi surpresa. Eles, quando bateu à porta, na altura era o Diretor, que eu era assim: meu Deus, se eu digo que vem o Diretor, eles morrem. Porque uma coisa é um professor entrar, que eles até conhecem de vista, outra coisa é o Diretor. O que é aquilo? Então eu nem vou dizer que ele é que é o meu avaliador e eles acharam que era porque eles se andavam a portar mal que ele lá estava. Também fui assistir a aulas dos Cursos Profissionais e eles têm uma fama de serem um bocadinho, ui!, irresponsáveis (mal comportados e indisciplinados) e o professor que estava na frente da turma tinha alguns problemas com os alunos. Eles portaram-se tão bem, mas tão bem que ele, no fim, só me disse: tu não queres vir várias vezes assistir às aulas? Não por favor! Eu nunca vi, eles tiravam os cadernos, eles ofereciam-se para ir ao quadro, ele estava abismado e diz assim: não queres vir mais vezes? E depois, lá está, é a tal situação correu bem e quando corre bem quem somos nós para não avaliar os colegas bem, porque o resto eu desconheço por muito que se diga e se faça, na realidade quando eu estive lá tudo correu bem.

Sendo a avaliação feita pelos pares há um conhecimento maior das turmas do avaliado.

Exato e a metodologia tem que ser completamente diferente, tem que ser mais incentivadora, não pode ser ali um despejar de conteúdos, tem que ser diferente, tem que ser um trabalho diferente.

É a favor da avaliação pelos pares ou pelos avaliadores externos?

Eu, em relação ao que eu senti, preferia ser por um avaliador externo porque eu tive muita dificuldade em estar a avaliar, por exemplo, eu sentia-me bem quando via os de XXX (do mesmo grupo disciplinar) e sentia-me muito mal apesar de não avaliar a parte científica porque não conhecia, só via a parte pedagógica mas sentia-me um bocado mal a avaliar outros colegas de outros grupos disciplinares. Pronto, senti que estava ali a... e depois há pessoas que não reagem bem, há pessoas que... pronto, e depois nós tentamos ser o mais honesto com aquilo que vimos e a pessoa quer muito mais do que mostrou e a gente tem que se basear nas evidências porque o resto do trabalho a gente desconhece. Podemos ver os papéis, podemos ver o que entregam, mas não é o que se passa na sala de aula. Na sala de aula é o que se passa naquele momento, naqueles 45 minutos, às vezes até corre mal e muitas vezes os alunos não ajudam, tive essa experiência com uma colega minha, do meu grupo, e que ela teve uma aula terrível e agora eu pergunto: será que a culpa é dela? Será que eles, foi por um momento de vinganczazinha e que quiseram..., mas eu tive que a avaliar e eu acho que foi terrível para mim ter que lhe dar a nota que lhe dei na parte da observação de aulas e pronto. Acho que se cria assim uma desconfiança, não sei, um diz-que-diz e um por trás e eu não gostei muito. Cria um mau ambiente. Se há pessoas que são justas, compreendem o nosso papel, (que é difícil, que não o pedimos) há outras que não compreendem (não se colocam no nosso lugar, só olham para o seu umbigo e o objetivo é a classificação).

Vocês como avaliadores sentiram diferenças no modo como os colegas lidavam convosco?

Senti, senti muito a necessidade de mostrar trabalho coisa que não era habitual - olha, eu fiz, eu estou, olha, eu estive - até podia ser a título de brincadeira, mas senti muito mais, muitos convites para muitas coisas.

Na escola houve mais atividades?

Penso que não, não. A nossa escola prima por fazer muitas atividades viradas para os alunos, com objetivos de os formar e de os fazer crescer como cidadãos. Portanto, não notei assim nada de especial.

As atividades que se realizam na escola são avaliadas pelos professores que as organizam?

São e depois, são avaliadas pelos organizadores e por quem visita a exposição. Normalmente nós temos sempre um questionarizinho ou alguma coisa (um parecer de Suficiente, Bom e MB, excelente) em que os próprios alunos que participam e que visitam fazem a avaliação.

Mas essa é a regra geral ou é a regra do grupo a que pertence?

É a regra do grupo/departamento de XXX (riso). Agora, na regra geral não sei (mas é obrigatório fazer porque são as orientações emanadas do Conselho Pedagógico). Nos outros grupos penso que também deve haver mas não faço ideia, não posso falar por isso.

Nesta escola não houve a necessidade de fazer alterações ao PAA (Plano Anual de Atividades) porque o documento fica "aberto" durante todo o ano.

É, é aberto. Aliás, sempre que vão surgindo, aliás nós depois, quando começamos a entrar na parte do 3º período, aí tem-se algum rigor, alguma restrição porque é um período mais curto, um período em que temos exames nacionais e os alunos têm que ter, pronto, e aí até ao fim do 2º período está sempre aberto. No Pedagógico há sempre novas propostas e depois, porque é que tem que ser aberto? Porque se há aquelas propostas que nós já temos definidas e que as queremos realizar durante o ano é uma coisa, depois há muitos concursos, estamos sempre a receber (novos desafios), felizmente agora as faculdades já, cada vez mais cedo, começam a mandar-nos as semanas abertas, coisas que antigamente não acontecia e surgia da Universidade do Minho, surgia às vezes temas interessantes e nós tínhamos realmente que incorporar no momento no plano, mesmo concursos e tudo. Por exemplo, nós, as olimpíadas, já pomos lá, bem nos pedem a data mas não há datas, nós sabemos que depois fica em aberto e quando surgir...

Nesta escola usaram o portefólio/dossiê?

Sim, sim.

Houve regras para a sua construção?

Houve, houve regras, houve um índice completamente estruturado em que, exato, houve com todos os tópicos com o que é que tinha que conter em todas as situações e depois nós trabalhamos isso com os nossos avaliados, mostrámos tudo o que era necessário, construíram-no sozinhos e depois eles entregaram nos Serviços Administrativos e depois nós fomos lá levantar. Mas houve um ano que houve portefólio, o ano passado já não houve, a última vez foram os documentos anexados, no último só foi mesmo as evidências, tudo que tivesse a ver com as aulas observadas, foi só nessa base.

Acha que um portefólio bem construído pode ser uma mais-valia para a escola?

Em termos do trabalho do professor?

Por exemplo, os professores entregam o seu portefólio, portefólio e não dossiê, e o seu conteúdo não poderia contribuir para a melhoria da escola?

Se houvesse um portefólio de grupo, acho que sim. Agora, individual não acho, não faz sentido porque primeiro ninguém ia ler se fosse individual, enquanto que se fosse um portefólio que fosse construído em grupo, tendo em conta todas as análises das turmas, dos resultados obtidos, todas as reflexões que se fazem muitas vezes e que medidas vamos tomar para mudar isto, para melhorar o sucesso dos alunos que nós fazemos muito isso em trabalho de grupo, está nas atas, está tudo nas atas. Agora, se houvesse algo que pudesse reunir todas essas coisas seria o ideal porque temos muito, todos nós, as nossas reflexões. Por exemplo, os testes, quando nós entregamos os testes, quando pego nele e porquê? Porque é nestas questões de resposta aberta, há que trabalhar essas questões em sala de aula e pronto, tentar. Agora, assim individualmente não sei se faria muito sentido porque ninguém iria ler, eu acho. Agora nas atas nós colocamos todas essas coisas e as atas estão compiladas, estão na Direção, agora não sei, em termos de grupo não sei se não seria.

As decisões de grupo não vão para o Conselho Pedagógico?

Sim, sim, sim, é sempre, vão.

Alguns colegas consideram o portefólio como mais burocracia.

Nós, agora, até em termos de grupo, se formos a pensar em grupo, já praticamente é tudo digital, nós já pouca coisa temos a não ser em termos de correspondência que recebemos e arquivamos. Por exemplo, planificações, tudo isso, o coordenador guarda, o delegado de grupo guarda e depois grava num CD e entrega na Direção. Normalmente fazemos assim porque antigamente era tudo nos dossiês, muito papel e acaba por ser um exagero e normalmente os colegas, nós também temos aqui a técnica do coordenador de ano, pronto, um conjunto de professores que lecionam o 7º ano é eleito um coordenador entre eles, normalmente é nomeado, a gente tenta gerir em reunião de grupo, fazemos sempre isso, depois ele é responsável por, em conjunto fazemos a planificação, veem quais são as atividades, tudo o que é guiões, trabalhos práticos, é tudo combinado entre eles dentro do mesmo ano com os docentes e, depois, o coordenador de ano recebe e envia para mim e eu arquivo a planificação anual num sítio, a trimestral noutro sítio, instrumentos de avaliação no fim do período, tudo o que é aplicado no período e, então, depois com isso o plano anual do grupo de atividades, tudo o que é, gravado num CD e entregue na Direção e eu recebo também dos grupos Y, Z, recebo daquela gente toda.

Os professores do seu departamento gostam do trabalho colaborativo?

Gostam. Gostam e ajudam-se sempre e estão sempre prontos a colaborar, a vir em horas vagas. Nesse aspeto não há ainda, por exemplo, hoje temos a mostra que está aqui e muita gente a trabalhar e muitos não tinham aulas, mas de boa vontade, precisamos de docentes e lá vêm eles e revezam-se.

Não houve inovação com a ADD nesta escola. Podemos concluir que esta escola já é inovadora?

Nós tentamos o melhor possível. Tudo quanto é projetos fazemos muita coisa, colaboramos (concorremos) em muitos concursos, temos tido muitos prémios, portanto daí que (posso considerara que a nossa escola tenta sempre estar mais um passo à frente)...

A Direção gosta de colocar a escola em projetos?

Em tudo o que é projeto, em tudo quanto é concurso sempre, sempre a concorrer.

E a ADD induziu ao aparecimento de ambientes mais exigentes e mais motivadores para os alunos?

Não sei, não acho muito. Não acho muito porque é assim a aula era uma aula, a aula era um momento... Não sei (temos uma escola que considero que já é uma referência, muito antes da ADD)

A avaliação externa da escola não incentivou a haver mais e melhor avaliação dentro das práticas da escola?

A nossa escola já prima por isso, já vem desde cima da Direção, já foi há muitos anos, não foi agora com a avaliação de desempenho. Eu já estou nesta escola há 23 anos e, portanto, tenho sentido que a escola desde que vim para cá que a escola evoluiu imenso e, desde então, desde que teve a direção do Dr. X, que já está há 15-16 anos mais ou menos e, então acho que ele esmera por querer que a escola vá mais além, seja uma escola de referência, que seja inovadora, qualquer coisa no sentido que seja para ser pioneira, para começar nós estamos lá às vezes um bocado contra nós, mas nós às vezes não temos tempo para fazer tudo, para ter tantas atividades, tantos projetos, nós também temos os nossos alunos e a nossa vida familiar e às vezes insurgimo-nos um bocadinho, mas na realidade é o facto de ele nos puxar, é o facto de nos "obrigar". De nos motivar que a escola é hoje o que é, acho eu. Evoluiu imenso e cresceu muito e de uma forma que está cada vez mais a oferecer aqui à população envolvente tudo aquilo que eu acho que os alunos precisam e não precisam de ir para as grandes cidades para seguirem. Nós temos muitas áreas mesmo a nível profissional, muitas áreas profissionais mesmo dos cursos Científico-Humanísticos, nas artes, temos todos.

Com esta avaliação, com a ADD os professores não ficaram com mais autonomia, não se sentiram mais motivados, etc. Haverá alguma maneira de se conseguir isso com a avaliação de desempenho?

Não sei. Eu acho que os professores sempre que ouvem o termo avaliação ficam todos alarmados, veem a avaliação como algo de negativo em vez de pensarem que com a avaliação podem mudar práticas e é uma forma formativa que eles têm de tentar melhorar alguma coisa que não esteja a correr bem e nós, às vezes, cometemos falhas como qualquer pessoa e se tivermos alguém que nos diga: olha, mas não é assim, assim às tantas até era capaz, pode até nem dar, mas se o facto de haver outra pessoa, outro olhar, pronto é muito mais enriquecedor e daí nós fazemos muito trabalho colaborativo e cooperativo aqui, dentro do grupo até para planificação das aulas, trabalhamos muito em conjunto para tentar enriquecer as aulas e agora temos aqui as comunidades de professores em associação com a UTAD, numa colega nossa que é contratada e que trouxe para cá esse projeto e nós temos feito coisas diferentes com os alunos, trabalhado outras metodologias diferentes e eles gostam, alguns são recetivos e outros não, nem por isso. Depende muito dos alunos, depois, nós também temos que usar as estratégias conforme a turma que temos na frente. Lembro-me que no ano passado quando, eu faço parte desse projeto e reunimos sempre uma vez por semana ou três a quatro vezes por período, agora está a ser mais complicado e temos um grupo heterogéneo em termos de disciplinas e lá debatemos todas as situações possíveis, conflitos, por exemplo em turmas problemáticas tentamos arranjar o melhor método para

trabalhar com eles, para os incentivar, para os levar a estudar, a trabalhar. Nós temos muito esse tipo de trabalho, não é só estar ali a fazer documentos ou a tentar, não, teoricamente tentamos ver qual é a turma, o nosso insucesso, porque é que será, porque é que falham nisso, vamos tentar arranjar um método que se adapte e fazem mesmo isso. Eu lembro-me que, trabalhei com uma turma que apliquei um método, uma turma que tinha o ano passado em que eu tive uma miúda que, frontalmente me disse: detesto isto professora, eu detesto fazer isto. E houve outra que também foi de acordo com ela e então acabei com o método, mudei para outro método diferente porque elas não se sentiam bem, porque eram muito boas alunas e o objetivo é sempre formar grupos de trabalho em que tem um bom aluno e os outros com o nível de aprendizagem diferente que é para ela tentar puxar por eles e em grupo poder chegar a todos porque, às vezes, nós não conseguimos na sala de aula. Ela sentia que era uma responsabilidade enorme estar a fazer aquilo e por mais que eu lhe dissesse que pelo facto de ela estar a ensinar era aprender duas vezes, ela não conseguia. Eu sentia que ela era egoísta e disse-lhe mesmo, cheguei-lhe a dizer que ela era egoísta porque os colegas diziam assim: oh professora, a gente está a resolver um exercício e ela diz - é isto - e eu pergunto porquê: oh! Lê! - Ou seja ela não colabora, não tinha aquele espírito de partilha e pronto, é um bocadinho isto que se pretende e, na altura, eu mudei-a e mudei como? Em vez de ser um grupo mudei para tutoria de pares, dois a dois. Ela estava com uma parceira de que gostava e assim já trabalho bem. Às vezes resulta com turmas e outras não, depende.

Está a par do trabalho da equipa de autoavaliação de escola?

Sim.

O facto de que a partir da avaliação externa de escola é que se atribuem as quotas de *Excelente e Muito Bom* fez com que os professores procurassem melhorar a escola para aumentar essas quotas? Tem ideia?

Não tenho muito essa ideia, nós trabalhamos sempre com um objetivo, um método condutor, não é? Sempre o melhor para a escola e, portanto, penso que se foi muito bem avaliada, eu sei que foi, teve muito boa avaliação que foi fruto de um trabalho conjunto, mas que eu acho que nós, todos os anos, nos empenhamos sempre com muito boa vontade e não estamos a pensar nisso.

Houve uma maior apetência dos professores para o desempenho de cargos?

Não, não, ninguém quer cargos. Eu até estou mortinha por deixar o meu agora. É preciso renovar. Antigamente eram dois anos, agora são quatro anos, é muita coisa, é um grupo muito grande. Felizmente agora, na próxima etapa, o departamento vai ser compartimentado em dois. A rotatividade é muito importante quer em termos de cargo de delegado, quer em termos, nós, é sempre por rotatividade, procuramos sempre rodar. Quando fui eleita na altura Coordenadora de Departamento era quando era titular, como era titular, só os titulares é que podiam ser há quatro anos atrás, fiquei eu. Quatro anos chega agora, portanto há que haver rotatividade, até devia ir alguém doutro grupo disciplinar agora para coordenador, mas agora como a lei obedece a uns certos critérios e o perfil do coordenador já é ligeiramente diferente do que era antigamente. Vamos lá a ver o que vai sair.

Concorda com os avaliadores externos?

Sou, (concordo, deixa de existir algumas situações constrangedoras, quando estamos em sala de aula com um nosso colega, que pode estar a pensar que nós somos o inimigo) em termos de observação de aulas acho que sim porque, depois, há a outra componente porque isso aí não há problema nenhum e podemos ser nós os avaliadores internos.

A avaliação deve ser formativa ou deve ser direcionada para uma prestação de contas?

Eu acho que é mais formativa seja ela qual for apesar de nós, para os alunos dizermos que a avaliação devia ser mais formativa e devia, só que depois, na realidade, converte-se numa nota, uma classificação final sem que depois também em termos de exame tem a sua influência.

Há quem considere que os professores, depois de acabarem o curso, não deviam ter uma avaliação formativa e sim uma avaliação para uma prestação de contas, para as promoções, para prémios monetários...

Mas isso é quem ambicionar...

Nesta escola, os professores indicaram que a autoavaliação beneficia os avaliados e o avaliador. Sentiu que a avaliação dos seus avaliados a beneficiou?

Não sei sinceramente. Não sei, fui bem avaliada desta vez (riso).

Mas, agora, refiro-me a si como avaliadora.

Não sei. Eu acho que eles não têm muito... Mas ajudar, acho que sim, eles avaliaram-me. Agora, a única coisa que eu senti e isso é uma verdade e uma realidade, o grupo é muito grande e eu não fui diretamente avaliadora deles, mas foi em quem eu deleguei funções e muitos deles não me conheciam, inclusive muitos colegas que dão aulas à noite nem me conheciam a mim como coordenadora e quando me fizeram a minha avaliação foi em função das orientações do delegado. É uma realidade porque é assim, quem me conhece avaliou-me como entendia que devia avaliar e conhece o meu trabalho e o meu serviço, mas na realidade de um universo de noventa e tal pessoas em que eu vim, por acaso, assistir a uma aula, a duas aulas à noite porque a colega era realmente do noturno, mas à partida há muitos colegas que a gente nem os vê de dia, não conhecem, mas estão nas reuniões de grupo e então aí foi um bocadinho a informação que passou através do delegado que conhecia o meu trabalho e que trabalhavam comigo. Na altura eu não achei que era muito justo as pessoas que não me conhecerem terem que me avaliar. Havia de haver uma observação qualquer ou não conhece, não está, qualquer coisa do género porque é uma realidade e acho que nesse aspeto falhou um bocadinho. Agora, se o delegado gostava muito de mim e dizia que gostava muito do meu trabalho, influenciava de uma forma positiva ou não.

Mas o seu trabalho tem influência no trabalho do delegado.

Eu penso que sim. Se os delegados funcionaram bem, se os grupos funcionaram bem também é fruto de algo... Não é questão de ser modesta, mas custou-me que alguns colegas que vieram ter comigo (que me conheciam bem, conheciam todo o trabalho por mim realizado e que passava para as suas reuniões de grupo através da delegada) e diziam: oh XXX soube agora que tu és a minha coordenadora, (e que também tenho de te avaliar) como é que te vou avaliar? E eu respondi: como entenderes.

Esperava que a ADD tivesse impacto na sala de aula? Que os professores refletissem mais nas suas práticas?

Eu acho que não. Eu acho que não porque acho que se eu sei de professores que é prática comum do dia-a-dia terem aquele tipo de aula, há outros que não. Eu creio que não, não é a avaliação que os vai mudar, não, de forma alguma e aquilo foi momentâneo, foi quarenta e cinco minutos mais quarenta e cinco minutos e acabou e a partir daí voltamos ao mesmo e até foram aulas que até correram bem se continuassem com aquele tipo de prática e que provavelmente não continuaram, mas outras que assisti eram perfeitamente normais e que eu já conhecia a dinâmica.

Acha que é possível conciliar o trabalho da ADD com o trabalho de autoavaliação de escola? Ou devem continuar separados?

Eu acho que elas são uma continuidade, uma da outra, porque na realidade a autoavaliação baseia-se em todo aquele trabalho que aqui é feito.

O que é que se devia avaliar no trabalho desenvolvido pelos professores?

As áreas ideais? A aula tem que ser e depois eu acho que era a relação com os alunos e com os colegas também e no desenvolvimento de projetos a nível que possam enriquecer a escola e por aí. A formação, a formação deles tem que ser, acho que todos temos que apostar na formação profissional, mas há muita gente que só procura a formação por uma questão de ter os ditos créditos que agora já nem sei se existem e muitas vezes até nem nas áreas deles, específicas, e cada vez, também compreendo que é mais complicado porque agora tudo se paga e a vida não está muito fácil para se estar a formação. É obrigatória, mas quando não há na nossa área temos que pagar porque agora, enquanto antigamente havia uma variedade muito grande de temáticas e mesmo o centro de formação oferecia-nos e eu lembro-me, como eu já fiz na Universidade do Minho e eu tinha que me deslocar para lá ao sábado e a gasolina e 150 euros na altura pela formação de 25 ou 50 horas, depende. Acaba por, neste momento, algumas pessoas já não ir intensamente para apostar na formação.

Com a aplicação do Despacho n.º 13981/2012 poder-se-ão distinguir os professores pelo mérito com a ADD?

Não sei. Eu acho que continua tudo na mesma. Só mesmo algum que dê muito ... é o que aparece. Normalmente é assim.

Acha que os padrões de desempenho do CCAP da proposta nº1/CCAP/2010 foram incluídos na ADD?

Foram, foram.

E neste novo ciclo de avaliação aquelas dimensões são avaliadas? Por exemplo a dimensão Profissional, social e ética; Desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; Participação na escola e relação com a comunidade educativa; Desenvolvimento e formação profissional ao longo da vida.

Não, não e nem, por exemplo, só num ano com duas aulinhas de 45 minutos ou de 90 minutos numa ou noutra circunstância mas... Não é assim. Eu acho que, por exemplo, vamos imaginar que o escalão é de 4 anos eu acho que devia ser todos os anos, devia ser um acompanhamento contínuo. Não sei se é possível e não deve ser possível porque isso requer horas, horas e tempo (e avaliadores externos).

Como acha que deve ser o trabalho do avaliador com o avaliado?

Eu acho que deve ser sempre contínuo na minha opinião e agora é assim. Eu, na altura quando fiz a observação de aulas, fazíamos um relatorozinho, não sei se é hábito, de todas, fazíamos um relatorozinho de como correu a aula e depois, no final mostrávamos ao avaliado para ter o *feedback* do que nós sentimos, o que é que foi mais positivo, o que é que foi mais negativo, o que é que faria numa circunstância.

Isso é suficiente?

Não, não é suficiente. Teria que ser muito mais do que isso.

Até que ponto é que os professores avaliados devem ser estimulados pelos avaliadores para se profissionalizarem, para progredirem, para refletirem visto que, nas respostas dos questionários desta escola, colocam nas mãos do avaliador essa responsabilidade?

Pois colocam e nós bem tentamos e estimulamos, bem dizemos, mas às vezes as coisas não são como a gente quer, não é? E, depois, também sabe o que é que eu acho que é assim: avaliação! É este ano de avaliação, toda a gente fica... Não é este ano, é para o próximo, fica tudo relaxado, fica tudo descontraído. É um bocadinho assim.

Está a par do trabalho de autoavaliação de escola?

Sim, sim, isso sim.

Os professores costumam colaborar com a equipa de autoavaliação de escola?

Sim, sempre. Eu pertenço ao grupo de focagem. Portanto, sempre que a coordenadora pede alguma coisa lá estamos nós e colaboramos e mesmo quando abrem inquéritos para fazer uma reflexão penso que a escola adere muito bem, muito bem. Aliás, penso que no ano passado fizeram, mas também este ano foi um ano de agregação, por este ano ser um ano de transição quando a coordenadora aplicou os inquéritos nós, aqui, respondemos em massa e dali não foi tanto assim. Também a adaptação nós somos maiores e eles juntaram-se a nós com uma dinâmica diferente, eles têm níveis de ensino diferentes, o básico, o pré-primário, 1º ciclo e 2º ciclo e depois têm o 3º. Nós, aqui, é 3º, secundário e temos profissionais, etc. Agora, claro que eles tinham uma dinâmica de trabalhar diferente da nossa porque também têm níveis de ensino completamente diferentes e juntaram-se connosco. Eles já eram um agrupamento, nós é que não, mas ao juntar-se com a nossa dinâmica de trabalho foi ligeiramente diferente, eu acho que eles estranharam um bocadinho porque, claro, eram duas entidades completamente distintas com um grupo de gestão completamente diferente e eles não responderam tanto assim ao solicitado. Não sei, porque não estavam habituados ou porque foi porque eles também tinham uma equipa de autoavaliação lá.

Há algum aspeto que queira abordar relativo à ADD ou à avaliação de escola que não foi abordado nesta entrevista e/ou acrescentar algo?

Não. Acho que está tudo.

Muito obrigada pela sua disponibilidade para esta entrevista.

EA6_B

Dia	Hora	Local	Entrevistado	Duração
25/05/2013	11h 40m	Sala dos Professores	- Coordenadora da equipa de autoavaliação de escola - Avaliadora - observou aulas - Professora com aulas observadas	1h 08min

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA

Durante três anos eu fui a coordenadora da equipa de autoavaliação. Este ano fizemos o agrupamento e havia a equipa de autoavaliação de cá (Escola xxxx) e a equipa de autoavaliação da outra escola (Agrupamento de Escolas xxxx). Portanto, o Presidente da CAP juntou-nos e propôs formarmos uma única equipa. Havia dois coordenadores, era um ano de transição e então ficou assim: este ano não havia um coordenador, a própria equipa iria, enfim, fazer aquilo que daria alguma continuidade ao trabalho realizado nas duas escolas. Só que, este ano, foi extremamente difícil nestas circunstâncias porque nós, aqui, internamente perdemos elementos, ficámos três e um professor de Informática que sempre nos deu apoio. Eles (professores do ex-agrupamento xxxx) também perderam elementos, mas temos uma educadora, temos uma colega do 1º ciclo, temos outro representante do 2º ciclo e temos um do 3º ciclo, portanto, são quatro. Aqui ficamos só um representante do 3º ciclo, outro dos cursos profissionais XXX, e eu da parte dos cursos Científico-Humanísticos. Nós, internamente, os três combinámos e coordenei um pouco as coisas cá, o outro colega da xxxx que era o coordenador também coordenou. Nós fizemos ao longo do ano 9 reuniões conjuntas com toda a gente. Para além disso, também mudamos os alunos, o

nosso representante dos serviços administrativos manteve-se. Ficámos com dois alunos: um aluno que nós aqui já tínhamos o hábito, normalmente era o aluno da Associação de Estudantes, este ano mudámos em função deles porque eles costumavam ter o aluno que era o representante dos delegados.

Tinham grupo de focagem?

Tínhamos e temos. Formado por 15 elementos, alunos, pessoal docente, pessoal não docente, pais e EE, outros. Relativamente aos elementos da equipa de autoavaliação, este ano fomos aos delegados e por coincidência o delegado do 3º ciclo era de lá (xxxxx) e o do secundário era de cá (xxxxx), então pegamos nos dois delegados, e temos um Encarregado de Educação que é do 1º ciclo. Portanto, a equipa é grande e é difícil trabalhar numa equipa assim. Estamos muito dispersos e não tínhamos qualquer tipo de experiência, eu não conhecia nada da educação pré-escolar. Perante esta situação o Presidente pôs-nos à vontade, a equipa é que decidia, a equipa é que dizia se queria continuar com o PAR, poderíamos continuar ou não, eles fizeram essa proposta. Acontece que, com as alterações, eu perdi dois elementos da equipa, estou eu, a colega XXX e o colega de Português, a outra colega que fez formação connosco no PAR manifestou que queria sair, perdemos um outro colega que é dos Cursos Profissionais porque como o cargo de diretor de curso deixou de ser na componente letiva, ele ficou sem horas e o colega de Informática que nos dá apoio só na informática. Havia dois projetos, nós tínhamos, a outra escola tinha, estava envolvida com o Observatório da Melhoria e da Eficácia da Escola, nós estávamos com o PAR e foi muito complicado. O Presidente pôs-nos à vontade e disse-nos que decidíssemos. A maioria não concordava que nós continuássemos no PAR e só tinha duas pessoas com experiência do PAR. Este projeto dá muito trabalho e nós sabemos que ir para as outras escolas tem as suas implicações e nem sempre há disponibilidade. A opinião geral dos colegas da equipa de autoavaliação era a de que o agrupamento deveria ter o seu próprio projeto de avaliação e que tudo o que viesse de fora era bom (PAR e Observatório) desde que fosse um complemento. O PAR não funciona assim, pois tem áreas definidas para avaliação e uma estratégia própria que deve ser seguida. Perante isto então a decisão foi não e deixamos o PAR. Eu tentei preservar as aprendizagens feitas no PAR, utilizei a metodologia PAR, fizemos o referencial, o questionário, mas depois senti aquela falha que foi nós antes tínhamos o amigo crítico e ele corrigia e dava sugestões e agora não.

Não pediram mais apoio ao amigo crítico?

Não. Como nos mandaram o convite para continuarmos e não continuamos não me senti à vontade para pedir trabalho. Portanto, não lhe vou pedir trabalho quando não lhe dei nada. Depois o Observatório era já dali (xxxxx) e eles faziam bastante pressão para que o Observatório continuasse. O Observatório tem características completamente diferentes, não se paga absolutamente nada e, comparando com o PAR, os materiais já estão feitos. Foi tratada a medida de envolvimento escolar: alunos do 1º e 2º ciclo. Foram eles que vieram ao 1º ciclo aplicar o questionário, eles é que aplicaram o questionário, o relatório foram eles que fizeram, isto (documento na mão) é o relatório feito por eles! E, depois, vieram cá explicar-nos o relatório, portanto, isto não dá trabalho nenhum! A verdade é esta enquanto que do outro lado (PAR) a gente elabora, a gente aplica, a gente analisa, ali (Observatório) nós temos psicólogos, auxiliares, professores da Lusíada, que fazem o trabalho. Eles (xxxxx) já estavam neste processo. No 2º ciclo foram os colegas que aplicaram os questionários mas informaticamente porque eles inscrevem os alunos..., 75 questões, isto pelo PAR, eles mandavam-me dar uma volta. É outra forma de trabalho, eles dizem que todos os questionários foram testados e validados por entidades estrangeiras.

Sente que com este projeto as escolas melhoram?

Este ano isto foi assim muito leve, nós tínhamos dificuldades, nós tínhamos que juntar duas escolas, uma Comissão Provisória, tínhamos e ainda temos dois Projetos Educativos de Escola (PEE), só agora é que o Regulamento Interno foi elaborado pelo Conselho Geral Transitório há um mês. Como é que se trabalha? Como é que a gente consegue ir para a frente com um processo de autoavaliação? O PEE de uma escola, o PEE de outra escola que já era um agrupamento, eles já iam do pré-escolar ao 9º ano e juntaram-se a

nós. Projetos Curriculares de escolas diferentes, dois RI diferentes que, no fundo, só agora a partir deste que o Conselho geral aprovou é que passou a ser do agrupamento, mas ainda não sabemos se é tudo definitivo, a gente fica, a gente vai ver a um, vai ver a outro, mas vai ver o quê? É muito complicado mesmo a nível das reuniões, eles combinam reunir todos juntos, mas a nível de grupos, não. Mas isto não está fácil, o que a gente fez, fez para todo o agrupamento. Tivemos reunião com os elementos do Observatório ontem, quarta-feira, eles deram-nos sugestões de melhoria e nós temos o nosso relatório também pronto porque nós estávamos a trabalhar a articulação e fomos analisar a avaliação externa que a outra escola também tinha tido. Portanto, há duas avaliações externas, nós tivemos aqui em 2008, portanto, há quatro anos tivemos aqui, vai fazer cinco e estamos quase a ter outra avaliação externa, e a escola de lá foi um ano depois e um dos pontos negativos comuns é a articulação. Isto, acho que é o ponto fraco em todas as escolas e como nós já estávamos aqui a trabalhar a articulação e estávamos a fazer o referencial da articulação entre ciclos e então fizemos um questionário muito simples, fizemos para colegas e fizemos desde o pré até ao secundário, a toda a gente em suporte informático, a pessoa vai lá responde, em suporte informático o nosso colega de informática, essas coisas, resolve-nos. Aplicámos também a Assistentes Operacionais só da educação pré-escolar e 1º ciclo e até fizemos por amostragem em suporte de papel e, mesmo assim, introduzir isto tudo..., e fizemos a Encarregados de Educação também por amostragem desde o pré ao secundário. Que trabalhadeira introduzir depois os dados todos, fizemos a triangulação entre docentes, Assistentes Operacionais e Encarregados de Educação e elaboramos o relatório final. A nível do Observatório só trataram a medida de envolvimento escolar: alunos do 1º e 2º ciclo, não nos deu nenhum trabalho aliás foram eles que vieram no 1º ciclo, trataram de tudo e mandaram-nos o relatório feito. Eles têm um objetivo interno que se faça um plano de melhoria das escolas do conselho é ideia deles, aliás o relatório apresentado compara a nossa escola—com outras escolas, não identificadas, mas têm as mesmas características.

Cada escola tem a sua cultura e acaba por escolher um determinado projeto de avaliação interna com que se identifique.

Claro. Eu vendo isto (indicação do relatório em papel) e a experiência que eu tive e que tive este ano eu concordo mais com a filosofia PAR. Eles diziam-nos uma coisa, eles são contra esta metodologia da avaliação de agrupamento. Eu acho que eles têm razão, são realmente formas diferentes. Isto provavelmente funcionaria, se houvesse uma equipa mas subdividida e que tratasse cada escola do agrupamento no seu contexto. É verdade que a escola é aqui ao lado, mas são culturas diferentes, são coisas diferentes e eu penso que resultaria mais, agora no Regulamento Interno a nível da equipa de autoavaliação vem tudo muito descrito e tem que ser nomeado um coordenador e essas coisas todas, mas para o ano isto vai ser um bico-de-obra porque não vai ser fácil, não é fácil.

Continuam sem ter horas para este trabalho ou eram as horas de redução (R79)?

Eu pela minha parte e os elementos aqui da escola, nós nunca tivemos razão de queixa e aqui a direção, mesmo a antiga, sempre nos deu horas.

Os membros da direção já estão cá há muito tempo?

Sim, 16 anos (o diretor está há mais tempo, será +/-20. Os restantes elementos têm mudado). A direção sempre nos deu horas, mesmo este ano eu tenho três blocos de 90 minutos por semana. Portanto, eu quando ia às reuniões e dizia que tinha, toda a minha componente não letiva destinada ao trabalho de avaliação de escola, as pessoas ficavam admiradas pois eram muitas horas ..., a XXX tem dois blocos, o outro colega como estava na coordenação da biblioteca, ele gere um bocadinho, mas depois temos problemas do outro lado (colegas da xxxxx) a educadora não pode ter, uma colega do 1º ciclo não pode. Por exemplo, a gente reuniu realmente nove vezes que dá mais ou menos uma reunião por mês mas sempre às quatro menos um quarto porque elas tinham aulas até às três e meia e vir da escola delas até aqui é complicado para a equipa. Por exemplo, nós ficávamos propositadamente à espera delas, nós ficávamos aqui desde as treze e vinte e ficávamos aqui à espera porque não tínhamos hipótese, Quanto

aos outros dois colegas da xxxxx um era adjunto, portanto podia gerir o tempo, a outra colega acabou por não ficar com horas porque não ficou escrito nas orientações para elaboração de horário. Aqui na escola, uma coisa que falha, que sempre falhou é dar as horas coincidentes a todos os elementos da equipa, é muito complicado. A Direção deixa que a gente faça uma gestão, mas isto é uma coisa que a escola faz, temos sempre que assinar, mas porque confia e vê que a gente efetivamente reúne, que tem sempre a 4ª que é o dia do Pedagógico porque temos sempre aquela garantia que não há reuniões de grupo, não há reuniões e foi a brecha que nós encontramos.

Mas todos concordaram com isso?

Nós da equipa funcionamos assim. Agora, ter aquele trabalho entre uma escola e outra de trabalho conjunto, muito *mail*, muita coisa, mas não... Eu gostava mais como tínhamos antes, nós sempre reunimos, elaborávamos o relatório, ia para o Conselho Pedagógico, Conselho Geral, recebíamos as indicações, sugestões de melhoria e daí resultava o plano de melhoria. Este ano fomos nós a dar sugestões, coisa que eu não fazia no PAR, seguíamos aquela linha, nós analisamos, nós enviamos, vocês mandam-nos as vossas sugestões e depois, se quiserem, arranca-se com um plano de melhoria. Esta “nova” orientação, a gente analisa mas a gente também dá sugestões para, não envolve tanto a comunidade e não houve tempo para elaborar um plano de melhoria. O nosso plano de melhoria há-de surgir em setembro. Eu acho que o plano de melhoria não pode surgir agora. Tentámos fazer, este ano, o trabalho possível.

Enquanto esteve a coordenar o PAR nesta escola, os colegas colaboravam?

Nós temos um processo interessante. Nós tínhamos já equipa de autoavaliação há dois anos, no primeiro ano não estive na equipa, no segundo ano, quando entrei, nós andávamos um bocadinho à deriva. A verdade é esta, nós fazíamos muita análise de coisas, de médias internas e médias externas..., eram resultados, resultados, resultados. Era um bocadinho o que a direção nos indicava e nós andávamos depois em tudo o que era relacionado com resultados da avaliação interna e externa e não saíamos muito daquilo. Quando entrámos para o PAR, foi novo e foi outra metodologia e investimos bastante a nível, aqui, da divulgação, criámos um grupo de focagem, o que a gente tem hoje 15 pessoas, mas criámos um grupo no 1º ano com quarenta e tal e tivemos muita colaboração.

Têm a vossa informação na página eletrónica da escola?

Temos, mas deixei de pôr. Este ano só temos 15 elementos no grupo de focagem, mas seguimos a mesma coisa: pessoal docente, não docente, EE, alunos e outros, mas não dá. Era muita gente porque mesmo com 15 elementos eu recebia meia dúzia de respostas. Temos na mesma os tais *olhares* então nós fizemos aqui muita divulgação sim senhor. Realmente pedimos a opinião aos grupos disciplinares e grupo de focagem e de acordo com as informações que nos deram, foi selecionada área a avaliar ou seja a escola como lugar de aprendizagem dos alunos e fomos para a vertente articulação porque era ponto fraco nosso. Elaborámos questionários a docentes, só docentes nesse ano, aplicámos a docentes e fizemos uma coisa, nós parámos a escola um dia e todos os resultados foram analisados, utilizámos aqueles quadros *SWOT*, apresentámos aqueles quadros *SWOT* e foram analisados. Nós misturámos as pessoas, primeiro era um grupo mais restrito e depois, da parte da tarde, apresentado em plenário a grupos mais latos e eles preencheram as grelhas *SWOT* que a gente recebeu e que tentou, depois, simplificar e resumir e daí saiu efetivamente um plano de melhoria que nós elaborámos, que aplicámos e que recebemos por cada período a monitorização através dos coordenadores e que depois nós analisámos. Foram dois anos mas mesmo com imenso, imenso trabalho! Mas nós tivemos a parte inicial muito participada a nível de seleção da área a trabalhar, sugestões de melhoria, depois com a implementação do plano de melhoria e com a monitorização começou a descair, faz-se a primeira vez, vai-se à segunda, as pessoas cansam-se. Senti isso. Houve reflexos a nível de algumas práticas que não estavam tão bem a nível da articulação e que houve mudanças, houve, sinto isso. Depois, esta junção, nós agora temos que arranjar outros mecanismos e temos que nos adaptar a esta realidade e ver como fazer

porque depois, também os outros não seguiram este caminho que nós seguimos. Nós temos isto inclusivamente com muita visibilidade externa porque nós preparámos o seminário onde tardes temáticas era uma resposta também às dificuldades que se fazia sentir. Foram dois dias de seminário, inicialmente era para ser só uma coisa simples. Depois, passou para ação creditada e precisava das 25 horas então nós fizemos o segundo dia de seminário no início deste ano letivo, em setembro organizámos, eu e a XXX um dia inteiro com pessoal inclusivamente de fora da escola e fizemos muito trabalho prático, tipo *workshops*. Foram dois anos muito trabalhosos, mas eu gostei, eu gostava muito da metodologia PAR. Agora, também não digo que me cansei um pouco porque muitas idas a outras escolas, recebemos aqui uma vez, a organização é complicada e realmente são necessárias muitas horas de trabalho para concretizar com algum sucesso pequenas coisas. Tirando eu que estava só com isto, tinha pessoas na equipa com outras responsabilidades, tinha um professor coordenador de curso, diretores de turma e as pessoas ou canalizam para um lado ou canalizam para o outro, tem que se estar só centrada nisto. Fizemos alguma coisa.

Houve alguma ligação entre a equipa da AE e a equipa da ADD?

Não sei, nós nunca... Seria bom mais trabalho conjunto? Não sei, é um bocado complicado isso.

Como coordenadora da equipa de autoavaliação do PAR tem uma visão da escola no seu todo?

Fica-se.

Está tudo articulado e os professores também pertencem à escola. Até que ponto é que uma equipa de autoavaliação que faz a gestão da avaliação das lideranças, ou da articulação, ou dos espaços não deve participar na ADD?

Pessoalmente não gostaria nada de ter, isso é complicado. Efetivamente tenho uma visão da escola Secundária xxxx bastante consistente mas não do ex-agrupamento de escolas xxxx e na realidade agora somos um só agrupamento e como tal uma ESCOLA.

Mas porque não está de acordo com a avaliação pelos pares ou prefere os avaliadores externos?

Eu tive essa experiência porque a minha coordenadora delegou em mim há dois anos e tive que avaliar e no fim de tudo chorei que nem uma Madalena. Fiz observação de aulas e fiz inclusivamente observação de aulas noturnas e, portanto, não gostei. Digo-lhe sinceramente não estou vocacionada para isto. Não gostaria porque acho que é sempre uma situação um bocadinho difícil, mas, por outro lado, que até tem razão porque nós somos as pessoas que ficamos a conhecer melhor a escola. Nós mexemos em coisas que mais ninguém mexe e depois, como mexemos em muita coisa, ficamos a conhecer. Devia ser um trabalho de parceria com o avaliador.

Havia a equipa de coordenação da ADD e não devia haver algum diálogo com a equipa da AE? Por exemplo, até que ponto é que o avaliador estava devidamente informado sobre o trabalho do avaliado para a escola? Alguns professores investem também muito na escola e outros só investem na sala de aula.

Mas é difícil em qualquer situação o conhecimento disso tudo. Agora fazem estes relatórios de três páginas (documento na mão), também não sei em que medida... A verdade é essa.

O número de aulas observadas (duas ou três) é suficiente para avaliar os professores?

Não. Aqui nada era suficiente na minha opinião. Depois nós tínhamos aqui uma grelha de observação que tinha tantos parâmetros que eu chegava ali e ficava mas é "louquinha". Como é que eu conseguia preencher aquilo tudo? Aquilo não, ainda por cima a observação era de 45 minutos.

Essas grelhas...

As do Ministério, nós preenchíamos no fim, mas a própria escola criou instrumentos de observação de aulas que no fundo ia preenchendo para depois, no fim, atribuir uma determinada classificação. Não gostei da experiência. A gente não conhece, as aulas estão preparadinhas para aquele dia, tudo lindíssimo, não, não é assim o trabalho de uma pessoa, acho eu...

Acha que devia haver mais trabalho do avaliador com o avaliado?

Mais trabalho, mais acompanhamento, acho que as aulas só têm sentido, assim não devia ser marcado o dia A, B ou C. Eu devia ter liberdade de quando entendesse de chegar à aula, naquele dia ficava dez minutos ou vinte no outro e ver afinal como se trabalha no dia-a-dia, porque acho que é isso que interessa. Ali pretende-se melhorar, não é apontar: vocês têm isto. Acho que devia ser um bocadinho por aí e não tipo supervisão de verificar o plano de aula se cumpriu ou não cumpriu e senão é penalizado. Às vezes não se cumpriu, foi por mil e uma interferências porque o aluno não acompanhou e é preciso parar, explicar-lhe. Os alunos pequeninos portam-se melhor que os adultos, acabam por compactuar com os professores (situação ocorrida na observação de uma aula noturna).

Os alunos sabiam que os professores estavam a ser avaliados? E aceitavam bem?

Sabiam. Aceitavam bem e compactuavam. Eu também tive aulas observadas e eu senti, tinha uma turma em que fiquei surpreendida porque não era fácil e aquela aula nem pareciam as aulas que costumava dar, tive uma turma a colaborar e depois de sair o coordenador, eles para mim: portámo-nos bem? Porque eu não tinha dito antes muita coisa sobre o assunto, disse, vamos ter uma aula observada mas não tinha dito mais nada porque eu acho que as coisas deviam ser assim e eles portaram-se o oposto do que era normal. Acho que quanto mais pequenos eles colaboram.

Não era bem nesse sentido. Era haver uma articulação entre as duas equipas porque a escola acaba por ter a avaliação dos funcionários (SIADAP 3), a avaliação da Direção (SIADAP 2), a avaliação dos professores (ADD), a avaliação de escola (AE), a avaliação de alunos ou seja, há várias avaliações...

E elas não são articuladas. Eu acho também que quanto maior o número de pessoas envolvidas é mais difícil. Mesmo nesse sentido a articulação não é fácil e eu não conheço neste momento, eu não conheço a educação pré-escolar e pertença à equipa de avaliação de escola. É o primeiro ano que estou, mas eu sinto a mesma coisa dos colegas que vêm de lá em relação a nós porque nós temos secundário, temos profissionais, portanto, é preciso ainda um bom tempo para que uma equipa de autoavaliação amadureça.

Mas será que não passa pelo agrupamento ter uma visão do que quer e a partir daí trabalhar a avaliação?

A gente em setembro tem que fazer essa tal visão, o que quer realmente como agrupamento. Neste instante é difícil para uma equipa de autoavaliação.

(Breve referência a alguns resultados do questionário dirigido aos professores da escola). Os documentos que foram usados para a observação de aulas foram avaliados?

Eu aí não sei. A nível de equipa, não, os instrumentos foram divulgados sempre pela coordenadora de departamento ela reunia com as pessoas em quem tinha delegado, mas isso foi tudo elaborado a nível da comissão que na altura existia. Se a comissão depois avaliou... Não sei. A mim foram-me dados os instrumentos e quando foi na parte de conceber nós demos opinião e andamos ali, houve algum trabalho conjunto nessa elaboração de ir e voltar, muita pedra se partiu.

Nesta escola os professores indicaram que “ os professores participaram na organização dos documentos”.

Foi, foi sim senhora. Isso aí foi. Agora, se depois houve avaliação, aí desconheço.

A ADD interferiu com a avaliação de alunos?

Nós temos a nível de avaliação de alunos, temos aqui uma cultura, de há uns bons anos a esta parte andamos sempre em cima dos resultados, mas não tenho dados suficientes para responder.

Os resultados têm melhorado?

Têm melhorado e eu já não sei precisar os anos, mas período a período os resultados são sempre analisados em pedagógico, vão sempre a grupo disciplinar. Se há uma percentagem grande de negativas aplicam-se os critérios de melhoria, portanto, temos que fazer o plano de melhoria, as turmas têm plano de melhoria de turma em que o Conselho de Turma também em conjunto o faz. Havia também uma cultura até interessante porque esse plano de melhoria vai para os EE, para as reuniões que nós temos e pede-se também a opinião deles, é divulgado aos alunos. Havia até uma própria avaliação do plano por parte dos EE, agora, este ano mudaram outra vez e a avaliação passou a ser feita só pelo conselho de turma. Melhorou-se muito efetivamente os resultados e a nível de apoios. O apoio dado ao aluno não é quando o aluno chega ao 3º período, não. Se o aluno começa a ter dificuldades mesmo que não tenha nenhum CT, o professor após diagnosticar a situação, fala com o DT vai à direção apresenta as dificuldades, preenche a ficha de sinalização e o menino começa, portanto, nós nesse aspeto temos singrado um caminho positivo, acho que sim.

Nesta escola usaram o dossiê/portefólio na avaliação dos professores. Houve regras?

Sim, tínhamos indicações para o fazer

Como coordenadora da equipa de autoavaliação da escola acha que esses portefólios poderiam ser uma mais-valia para a escola?

Nós tentamos ver aquilo tudo, ~~mas aquilo~~, a avaliação era realmente feita de uma forma linear. Havia portefólios que tinham a planificação aula a aula, havia de tudo. Se calhar havia lá materiais que poderiam ser eficazes e partilhados e por aí fora, não sei. Havia muito fogo-de-vista.

Sendo o portefólio um instrumento em que o professor regista sua reflexão sobre um projeto, uma atividade até que ponto é que não seria uma mais-valia para a escola?

Podia ser se eu tivesse acesso, eu posso ver o que está bem e o que está mal e posso usar e posso melhorar. Nesse aspeto, sim. Agora, nós temos aqui alguns hábitos de trabalho que são, eu acho interessantes. O facto de nós termos um coordenador de ano, nós temos a figura do coordenador de ano sem qualquer redução em nada e o coordenador de ano tem aquela obrigação, no fundo de pelo menos a nível das atividades que se fazem, nas turmas do mesmo ano, nós fazemos por norma sempre as mesmas, portanto, se eu fizer o relatório para a avaliação da turma A quem estiver a dar a turma B vai fazer o mesmo relatório utilizando os mesmos critérios de correção. Nós tentamos a nível de instrumentos de avaliação e sem ter muito papel, nós fazemos uma matriz tipo a de exame nacional, utilizamos os mesmos objetivos que estão lá, pomos os mesmos conteúdos, não pomos aquela matriz detalhada se tem cinco perguntas daqui ou dacolá, pomos as percentagens como tem no exame 50, 60 ou isso, mas temos um documento próprio dentro do grupo e é onde comparamos. Exemplo, o coordenador chega ao fim do período, tem uma grelhazinha onde ele vai pôr todas as turmas, qual foi a média que eu tive na minha turma, que a colega teve, para podermos ver e podermos refletir e depois, as médias dos relatórios tudo o que seja avaliado a nível quantitativo, quem estiver a dar a disciplina do mesmo ano vai ter acesso no fim do período que depois vai para o coordenador e é mandado o relatório para a direção. Nós aplicamos muitos instrumentos, nós corrigimos da mesma maneira e nós até fazemos a nível de testes, quando é possível o mesmo teste. Este ano somos só duas a dar XXX e fazemos dois testes, eu faço um e ela faz outro e à primeira turma dou um, à segunda turma dou outro e na próxima vez trocamos. Depois analisamos os resultados. Fazemos as mesmas atividades práticas, fazemos aquela nossa planificação anual e comum, depois há atividades que eu faço na minha turma que se calhar ela não faz na sua, mas nunca são de avaliação, as de avaliação sumativa, fazemos iguais, mas de qualquer maneira a gente acaba por aplicar as mesmas coisas, depois a metodologia que eu uso pode não ser igual à dela, isso é

outra coisa, mas a nível de instrumentos a gente realmente trabalha aí muito em conjunto e nisso o grupo tem uma grande abertura.

Mas o grupo disciplinar da colega tem métodos de trabalho específicos.

Nós fazemos os testes tipo exame nacional. Há quem não goste, mas nós fazemos de escolha múltipla, resposta restrita..., os tópicos todos e critérios de correção e, portanto, fazemos um teste corrigido dessa forma que enviamos á coordenadora que nem toda a gente faz isso noutras escolas. Portanto, um delegado que queira ver se eu estou efetivamente a trabalhar sabe, ele sabe o que é que eu aplico, nós mandamos e ele tem os testes, tem os instrumentos e os critérios.

Essa avaliação também é feita às atividades da escola?

Sim.

Todos os professores?

Toda a gente faz. Se for ali ao nosso relatório, se for à página da escola tem lá o PAA.

O PAA vai sendo completado ao longo do ano?

Sim, mas tem lá coisas que não estão preenchidas. Efetivamente há um modelo próprio e toda a gente tem de fazer a avaliação. Mais, quando não é feita a avaliação nós temos na mesma que entregar dizendo as razões pelas quais não se realizou. Há uma coisa que também fizemos (equipa de autoavaliação), esse preenchimento teria mais impacto se todos os intervenientes preenchessem e não só o responsável porque há essa tendência que, depois, quem faz é quem organiza e que fez. É perfeitamente possível ter a opinião dos alunos, dos EE é muito difícil de o fazer e integrar nessa avaliação, não ser só o olhar de quem organiza, ter os diferentes intervenientes que é uma das nossas sugestões no relatório. Tínhamos lá uma pergunta que era se o PAA estava de acordo com o PE e toda a gente diz que sim, mas depois ao analisar e ao ver as várias áreas, há realmente, as atividades são para promover o sucesso, ou para promover o sucesso académico, há outras que falham bastante. Já a relação com a família é interessante porque a gente vê isso. A nível da educação pré-escolar eles fazem muito e conforme se avança nos níveis de ensino vêm menos EE e eles confirmaram isso no questionário aplicado. Agora eles também dizem, achei muito interessante o relatório, eles reconhecem que eles também não sugerem quando lhe é pedido algo que eles não têm aquele à vontade de sugerir atividades para integrar, eles reconhecem que também não dão sugestões. Também perguntamos essas coisinhas, foi interessante.

Essas atividades são avaliadas por quem as organiza?

São.

Depois são avaliadas pela Direção ou pelo Conselho Pedagógico?

São enviadas à Direção, é feito um relatório, vai a Conselho Pedagógico e depois, no fim, vai ao Conselho Geral.

E devem estar de acordo com o Projeto Educativo (PE)?

Já temos lá uma colunazinha para dizer em que área do PE é que foi, porque é que foi numas áreas e não noutras.

Acha que nesta escola os professores foram considerados como tendo competência para avaliar os colegas?

Senti, realmente não senti muito aquela polémica que se ouviu falar, aqui não senti muito isso.

Nesta escola houve o cuidado de serem os professores com mais formação a avaliar os professores com menos formação?

Aqui também devem ter tido esse cuidado porque à partida foi o coordenador e depois delegavam, mas delegavam nos colegas que tinham mais experiência ou que tinham uma formação já. Houve este cuidado quando se delegou. Eu não senti aqui essa – ah, não tem competência para – não! Não senti isso, mas...

É a favor da avaliação pelos pares ou pelos avaliadores externos?

Isto tem os aspetos positivos e negativos como outra coisa qualquer, porque isto de avaliar amigos também não pode ser, é difícil a gente ser imparcial, não é? É muito difícil e eu acho isso e, portanto, se vem alguém externo eu também não conheço, mas também a pessoa que vem aí, assim, caído, se calhar duas ou três vezes, também não sei muito bem o que é que vai avaliar.

E se avaliação for feita uma parte pelos pares e outra pelos avaliadores externos?

Eu acho que tem que haver avaliação porque efetivamente a gente também devia progredir e de acordo com aquilo que se faz. Eu nunca fui muito partidária por aquilo de vamos todos por anos de serviço, eu não faço nada, outro faz e no fim têm a mesma avaliação. Tivemos isto durante anos e anos. Eu também acho que as coisas não devem ser assim, há pessoas que dão tudo à escola, que nunca estão a olhar para o relógio e que fazem tudo e há aqueles que nada fazem e progrediam como eu, não faziam e, às vezes, até se riam, ainda se riam, portanto, a verdade é esta nua e crua. Havia pessoas que passavam, aqui, na altura das matrículas, das turmas e havia outros que estavam na praia e diziam – não queres vir à praia? Portanto há que fazer alguma diferenciação. O avaliador externo também não vai conhecer estas coisas e eu não sei, isso, se calhar, aqui é que poderia haver a tal junção porque, por exemplo ali, muitas vezes a direção conhece coisas que o coordenador não conhece, portanto, eu não sou tão contra da direção avaliar, agora um delegado, o coordenador que execute a sua função conhece muito e aí devia ter uma ação, acho muito bem, acho que a direção também devia ter. Externo, mais pela questão da imparcialidade para depois não dizer – estás a avaliar és mais amigo deste e aquele... - Não sei, mas não é muito fácil ter isto no terreno, tenho essa consciência e como não gostei nada quando avalei e não tive ninguém a pedir, não tive, felizmente a coisa correu lindamente, mas eu senti-me muito angustiada.

Com a avaliação vai ser possível diferenciar os professores pelo mérito?

Não, não vai não.

O que é que se devia avaliar nos professores?

Nós temos que avaliar vários aspetos, isso é verdade, mas acho fundamentalmente que devíamos avaliar o trabalho com o aluno e o trabalho que se desenvolve no dia-a-dia. Se eu depois faço mais uma fantochadazinha ou faço mais uma atividade que dá nas vistas ou não, depois a tendência foi essa, nesse ano surgiram, multiplicaram-se as atividades, multiplicaram-se as atividades. Eu acho que o ponto fundamental era mesmo a sala de aula e ver que trabalho é que este professor desenvolve com o aluno. O resto tem que pesar obviamente alguma coisa, mas não ter o mesmo peso e não é porque se eu organizo uma atividade tenho que ser mais valorizado do que um que só foi lá participar ou só levou a turma. Também tem que se ver a qualidade, tem que se ver essas coisas assim, também acho que sim, mas fundamentalmente, eu ia mesmo no processo ensino-aprendizagem centrado na sala de aula e aí, é o que eu digo, não é no dia X, Y ou Z, é quem avalia pode entrar, pode sair, pode ver, ver o que é que a pessoa faz e para isso é preciso acompanhar, mas nós não estamos em estágio permanentemente porque muitas críticas fazem-se neste sentido e isso implicaria um pouco essa situação...

Até que ponto é que um professor que já fez estágio, ingressou na carreira deve ser sujeito a uma avaliação formativa? Devemos ter avaliações formativas ao longo da carreira? Já referiu que para a

progressão na carreira a avaliação deve ser mais numa lógica de prestação de contas e de acordo com o trabalho desenvolvido é que se progride...

Porque a própria filosofia da avaliação, do que eu li na altura, ela tinha essa orientação, ela não devia ser penalizadora, ela tinha exatamente como objetivo que eu apontasse aquilo que eu achava que não estava tão bem para que se melhorasse. Então era um aspeto formativo, era o aspeto formativo da avaliação. Só que, depois, isto é o espírito que está lá só que depois eu traduzi isto de uma forma quantitativa. Se calhar aqui é que está alguma coisa que não está a jogar muito bem. A parte formativa, a gente pode ir e é também o querer, a gente vai aprendendo e vai fazendo formação, a gente vai fazendo essas coisas, mas faz-nos bem ter alguém na sala de aula por um lado e também acho interessante porque nós acabamos por reagir de forma diferente e acabamos por esquecer aquilo que fizemos há muitos anos e nos tornamos e nós, também, à medida que avançamos nós já temos outras outras experiências, diferente forma de atuação comparativamente a esta gente nova que sai, as metodologias que eles aplicam já são outras, por muito que nós nos tentemos modernizar eu tenho outra forma de ver as coisas e tenho essa consciência e pode vir alguém de fora e se observar diz – que horror! – não é?, mas também posso ser tentada a dizer isso na qualidade de avaliadora de outro mais novo, portanto, não sei, é complicado isto.

Acha que é possível incentivar mais autonomia, mais motivação, mais responsabilidade com a ADD?

Isso é mais da própria pessoa.

Nesta escola a ADD não contribuiu para esse fim?

Eu não acho, As pessoas fazem porque têm que fazer é mais uma coisa e sentem-se muitas vezes mais sobrecarregados, acho que é isso e aí as pessoas estão mais sobrecarregadas e vão ter aulas observadas e tenho que o ter em determinados escalões... acho que não, não tem os efeitos que pretendiam.

A avaliação externa de escola define as quotas para a ADD. Os professores procuraram cooperar mais com as lideranças do topo às intermédias, para melhorar a escola?

Acho que houve mais ao contrário. Tem havido muito mais de quem gere a escola a tentativa de puxar e não ao contrário. Não sinto isso. Eu penso muitas vezes que o projeto de intervenção do Diretor que tem muito que fazer, eu muitas vezes não sinto como meu assim como os colegas não o sentem como seu. Portanto, este novo sistema tem muita coisa que se lhe diga e, portanto, o projeto é do diretor, a gente no fundo somos envolvidas, temos que concretizar mas nem sempre é o projeto que eu pensava por muito que, de cima para baixo, que se tente puxar pelas pessoas, falta o construir. Se fosse ao contrário, provavelmente era diferente, acho eu, era.

Os Conselhos Executivos anteriores também tinham um projeto.

Mas aquele projeto não era muito visível, eu não me lembro de ver assim nada escrito no papel, agora vejo um projeto de intenção do Diretor que tem ali as metas, os objetivos, vejo. Pode ser um bocado eleitoral, mas vejo e vejo, aliás vejo a legislação e comparo e pronto, temos ali um projeto, escolhe as pessoas para o concretizar. O nosso Diretor não escolheu diretamente os delegados e coordenadores, deixou que fossem os departamentos e os grupos a votar em quem entendessem desde que fossem cumpridas as normas em vigor. Agora os coordenadores, tendo em conta a legislação, serão indicados pelo diretor (terá que indicar três), mas o nosso diretor deu sempre essa liberdade para que as pessoas egessem, mas isto, também era uma eleição de qualquer forma condicionada porque tinham que ser pessoas que tivessem redução preferencialmente na componente letiva, eu digo *os velhos*, são sempre os mesmos e eu, para mim, estou um bocadinho *pé trás* com estas novas formas de organização. Agora, que há colaboração dos colegas e há colaboração da escola nesse sentido, há. Esta é uma escola que trabalha muito, mesmo a nível de cativar alunos para a escola. Isto é trabalho nosso, é trabalho do professor e aí nota-se mesmo aquele afinco, aquele interesse, nós ainda temos muitos professores contratados, eles

tentam tudo para ver se no próximo ano eles têm, mesmo que não seja um horário completo, mesmo que seja umas horinhas e há muito trabalho de escola nesse sentido.

A direção desta escola é de que tipo?

Este ano temos a CAP que é a junção daqui (elementos da xxxx) e de lá (elementos da xxxx). Temos uma pessoa que tem pulso e que guia a escola, mas que também pede muitas opiniões que podem nem sempre ser executadas, agora há uma divulgação grande a nível do pedagógico, vai para os grupos, é pedida informação e retorna. Acho que é acessível, temos uma Direção que apoia tudo o que seja projeto, a gente chega lá com uma ideia do projeto e recebe apoio, portanto há muito apoio à implementação de novos projetos e pelo aluno, o aluno é o centro e tem razão.

Nesta escola há a prática do trabalho colaborativo?

O trabalho colaborativo tem-se alargado muito porque quando nós fizemos ~~aquela~~ a nossa primeira avaliação de escola isso era realmente um dos pontos fracos. Nós temos aqui a sorte de ter a UADP que são aquelas unidades de aprendizagem colaborativa/cooperativa, é um trabalho conjunto com a Universidade de Trás-os-Montes, temos mesmo as comunidades cá, este ano estive também lá, é assim, nós temos uma grande dificuldade que é conseguir reunirmos, mas é interessante porque aquilo é assim, aquilo é tudo um ensino muito virado, no fundo, para a aprendizagem cooperativa. Como tem estratégias e metodologias próprias, e há coisas que são muito interessantes, outras menos, que a gente vai tentando implementar. As próprias reuniões são feitas um bocadinho nesse âmbito de nós partilharmos os problemas que temos nas salas, de, sempre que possível, ~~de~~ construirmos também os materiais em comum, portanto penso que as comunidades já estão cá na escola há três anos e temos elementos de vários grupos. Nós acabamos por ser arrastadas, mas aprendi algumas coisas e fiz algumas coisas, agora muito de autoformação porque a gente lê, a gente é que tem que produzir e no segundo dia do seminário nós aproveitamos as comunidades que dinamizaram os *workshops* e divulgaram aos colegas o trabalho realizado e eles apresentaram as conclusões em plenário. Portanto ali, as comunidades entraram e essa dinâmica tem sido implementada e há muitos grupos que já trabalham de forma colaborativa uns mais, outros menos, mas é uma coisa que está emergente aqui na escola, porque o agrupamento em si não sei, aqui temos um trabalho árduo pela frente.

Nas respostas dos questionários os professores assinalaram que houve um aumento da competitividade e que deixou de haver tanto trabalho colaborativo.

Eu não sinto, mas isso provavelmente pode depender dos grupos em que se está a trabalhar.

Os grupos de Biologia e de Matemática e por vezes o de Física e Química trabalham muito em conjunto.

Inclusivamente aqui a Matemática tem um projeto em que eles ficam aqui para apoiarem os alunos todas as quartas de tarde, portanto a Matemática trabalha muito. A Biologia também trabalha bastante, agora, eu não sei dos outros grupos, haverá provavelmente grupos que não fazem que é um bocadinho... e eu falo da minha experiência.

Há algum aspeto que queira abordar relativo à ADD ou à avaliação de escola que não foi abordado nesta entrevista e/ou acrescentar algo?

Espero ter contribuído para alguma coisa.

Muito obrigada pela sua disponibilidade para esta entrevista.

PROFESSORES

EP1_A

Dia	Hora	Local	Entrevistado	Duração
17/01/2013	11h 00m	Direção	Professor sem aulas assistidas	27m 10s

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA

Breve referência a alguns resultados do questionário dirigido aos professores da escola como por exemplo a existência de reuniões para esclarecimentos do processo de ADD.

Sentiu alguma dificuldade na compreensão da grande quantidade de legislação produzida sobre a ADD?

Não tive nenhum problema. Esse conjunto de legislação faz parte de uma avalanche legislativa que é, também, de algum modo, característica do nosso tempo. Recebemos com uma frequência inusitada documentação, normalmente escrita numa linguagem, num português que não é exatamente aquele que eu aprendi. É lida um bocado “às cegas”, lida na superfície porque já não há paciência, não há paciência coletiva, não há paciência em termos de energia, de urgência daquilo que é uma leitura e que deve ser. Concordo que se há um documento que é importante para o exercício da profissão, ou queobjeto de reflexão deve ser lido. Até porque, eu sou um leitor, por formação leio tudo, até o que há nas paredes. Reconheço que a documentação que nos vai chegando, escrita no famoso “burocratês” é, às vezes, ilegível e aparece num contexto de grande desmotivação e de desinformação.

Reuniu-se com algum colega para fazer uma análise dessa legislação?

Tudo isto tem uma história. É uma pequena história mas não deixa de o ser. Começou na anterior legislatura, deu origem a uma crise nas escolas portuguesas, a manifestações históricas de professores. É evidente que eu tive uma participação muito ativa nesses acontecimentos no sentido de estar muito aberto ao debate, à discussão e muito interessado pelo que se estava a passar. Depois, tudo isso esmoreceu e parece-me que o que resultou daí foi uma ferida, uma porta aberta aos ventos trágicos. Foi esse o grande objetivo do “poder”. As escolas, digamos, a escola que nasceu com o 25 de abril ficou ferida de morte. E agora é uma questão de tempo. Tudo o que aconteceu depois foi deixar acalmar as coisas, foi ir legislando, ir alterando, alterando o sistema, permitir que os professores mais velhos e mais experientes saíssem do sistema. Portanto, eu creio que a breve trecho, se isto continuar assim, a escola estará irreconhecível. Portanto, aquela escola que eu conheci, eu só posso falar da história que vivi e nem sequer queria falar em termos históricos e nem sequer acredito na história.

Nesta escola, a direção aproveitou a ADD para transformar a cultura de avaliação da escola?

A direção fez o que pode e, neste caso, no caso desta escola, é uma direção particularmente aberta, dinâmica e democrática e não tenho nada a dizer. É uma escola, de facto, com uma cultura cívica, com um modo de viver o quotidiano escolar muito especial que é observável num conjunto importante de ações pedagógicas, culturais e científicas que aqui se desenvolvem e não me parece que o processo de avaliação tenha dado qualquer contributo para a escola viva, para aquilo que nós chamamos o processo

de ensino-aprendizagem. Acho que foi, é um processo que nasceu torto, vai acabar torto, tem razões de poupança e tem razões orçamentais por trás, tem objetivos pouco claros, do meu ponto de vista, e em particular, neste momento, em relação ao que é ponderação entre o chamado ensino privado e o ensino público. Portanto, não.

Nesta escola verificou-se um aumento de atividades e de colaboração dos professores com as lideranças?

Não. Nós sempre tivemos muitas atividades. No início da minha atividade, dou aulas há 35 anos vou para 36, sempre foi natural o estar na escola de uma forma muito ativa. É evidente, posso admitir, que a minha área se presta a isso. É uma área ligada à comunicação no direto e às expressões, é verdade. Provavelmente, tem a ver com aspetos de idiosincrasia da própria escola e características pessoais. Ora não imagino que um professor possa ser um burocrata, possa ser um funcionário que cumpre horário e debita matéria. Vejo-me muito mais num papel dinâmico de ator e de comunicador e imagino que uma parte do meu trabalho é contribuir para a criação de acontecimentos culturais, cultura viva. Para mim, sempre agi da mesma maneira. Desde 78, desde que comecei a dar aulas e mesmo, acho que a minha atitude como estudante, antes do 25 de abril, era muito jovem, mas a minha e de uma certa geração era mesmo como estudante já era, não me imaginava um cérebro obediente aos ditames, nunca. Nem antes nem agora.

Acha que nesta escola as pessoas certas estão nos sítios certos?

Sim. Claro que como está bem estruturada vai dar um certo trabalho a desestruturar.

Nesta escola, o portefólio foi um dos instrumentos utilizados na ADD.

Sim.

Houve orientações para a sua construção?

Houve tudo. Foi tudo muito claro. Pelo que me diz respeito, tentei ser coerente com as posições que tomei desde o princípio deste processo. Por isso, fiz o mínimo indispensável que a lei me exigia. Estando em fim de carreira, naquilo que nós, antigamente, designávamos escalões, o último escalão, não senti vontade de desenvolver trabalhos que não faziam qualquer sentido, que não iam passar por qualquer projeto de animação da minha própria vida que já é animada. Não senti necessidade de nada disso. Agora, a direção trabalhou corretamente, fez tudo o que era exigível, deu oportunidade a todos os colegas, nem todos pensamos da mesma maneira e estamos, para já, num regime ainda livre portanto a direção agiu bem.

O que pensa sobre a avaliação por pares? Ou considera mais adequada a avaliação por avaliadores externos?

Num regime ideal, uma espécie de cidade de Platão, cidade virada ao contrário, isso até poderia ter algum sentido. Se calhar era preferível para um meu colega que seja eu a avaliá-lo do que venha alguém de fora. Isso é no plano ideal. Porque, no plano ideal, também lhe posso dizer que o agrupamento é uma coisa encantadora. Já imaginou o que era a alegria esfusante que eu vou sentir para (...) a vontade extraordinária que nós todos vamos ter em nos dirigirmos a outra escola... Até podemos ir de patins a cantar o hino nacional... tal vai ser a alegria. Portanto as realidades mentem e não vai ser nada disso. Vai ser exatamente o contrário porque esse projeto, por trás, tem um plano de desemprego e de limitação de lugares e de centralização. Enfim, por aí fora. Um desmantelamento do ensino público como o conhecíamos até aqui e não vou dizer que vão acabar com o ensino público, não, mas há maneiras de fazer as coisas e o que vamos ter é, presumo eu, é (...) Daí que eu sou muito pessimista em relação a isto quer em relação ao sistema. Tenho muitas dúvidas em relação à avaliação de professores. Eu não concordo muito com isso!

Não concorda com a avaliação de professores?

Não. Nem sequer concordo muito com isso. Acho que isso não tem sentido nenhum. Eu estou permanentemente a ser avaliado, estou a ser avaliado pelos meus alunos, pela própria teia complexa de relações que se estabelecem. Agora, o que é verdade é que o sistema anterior nunca teve capacidade para pôr na ordem os oportunistas e foram eles que geriram, a maior parte do tempo, tudo isto e são esses que agora vão levantar a cabeça e vão regressar. São os incompetentes e os oportunistas. São esses que agora vão regressar ao poder. O sistema nunca teve capacidade para os pôr na ordem, aqueles que faltavam em demasia, que foi a única coisa boa que as alterações conseguiram, foi moderar seriamente as faltas dos professores, isso sim. Eu nunca faltei a uma aula, por isso não sinto esse problema nem acho que se possa faltar a uma aula. Acho isso inadmissível, sequer. Quando se está doente, o sistema tem que encontrar maneira de o substituir imediatamente. Os alunos têm que ter aulas, é um direito que têm. Pronto, eu reconheço que houve uma época em que havia excessos mas não é por haver muito, depois, a política faz o mesmo, há um excesso então vamos aproveitar até porque isto é popular e dá votos e o povo gosta. Mas dizer-se mal de uma classe, trucidá-la em público, maus instintos e para a maioria dos trabalhadores dos portugueses que são pobres e miseráveis, portanto, assistirem à condenação pública, neste caso a classe dos professores foi uma coisa ótima e vai continuar a ser com o objetivo de nos devolverem os horários completos o que é quase criminoso.

Fala-se em aumentar a carga horária dos professores...

Sim, fala-se disso. Só que o Estado ainda não percebeu que vai sair caríssimo, isso vai sair muito mais caro porque vai provocar doenças profissionais terríveis.

Doenças do foro mental?

É uma espécie de teatro antinatural que o professor... porque tem uma carga emocional, um efeito de ordem psicológica do ponto de vista de uma aproximação entre o consciente e o subconsciente por via do desenvolvimento do nosso trabalho. É um trabalho muito intenso, é um trabalho no direto, também, um ambiente ruidoso, problemático do ponto de vista social, do ponto de vista das relações é extremamente intenso. É claro que esse desconto de horas na carga letiva foi estudado e é resultado de uma experiência. Vêm, agora, dizer que não tem sentido, perto dos 60 anos voltar a ter a mesma carga que se tem aos 20 anos com centenas de testes para corrigir, não sei quantas turmas, quantas aulas, turmas imensas... isso é um disparate!

Mas concorda que sejam os colegas a assistir às aulas, para avaliar, ou deviam ser professores com mais formação?

Acho isso desinteressante. É um assunto que não me interessa. Posso fazer um esforço, mas não, é-me desagradável.

Acha que há alguma maneira de se motivar os professores para se tornarem mais autónomos, mais responsáveis, preocuparem-se mais com a sua atualização, etc.?

Isto é tudo uma grande mentira. O que é a atualização? É um preconceito do tipo tecnológico e que resulta de uma prevalência de certos fatores de desenvolvimento ligados a algumas indústrias. Continua a não me dizer nada. Para mim, porque é que a atualização não pode ser um regresso a uma cultura de classe? Eu acho que é por exemplo, há os valores, porque isso hoje não existe, não existe verdadeiro debate de investigação. O que existe são aparências, *show off* tecnológico. É o cumprir calendário, é a velocidade, é a eterna novidade, é uma enorme falsidade em quase tudo. Portanto, não acredito em nada disso!

A anterior Ministra da Educação, Dr.^a M^a de Lurdes Rodrigues, nos seus discursos, passou a mensagem que os professores não queriam evoluir, aprender...

A formação, como é proposta, as famosas ações de formação, a maioria delas não serve para nada, é para cumprir calendário e enquanto houve dinheiro, enquanto houve dinheiro da Europa, serviu para

alimentar um certo tipo de economia associada à formação, aos centros de formação, a um certo sentido empresarial ligada a essa atividade. Andou meio mundo nesse folclore. Os resultados são muito curtos atendendo ao que se gastou. A formação é quotidiana, é permanente, é no dia-a-dia, a própria vida. Eu acho que estamos em formação até ao fim, como seres humanos. Ainda por cima, neste contexto, assim deveria ser. Só que nós estamos muito atrasados em relação ao que já aconteceu noutros séculos. Nós estamos num processo, em alguns aspetos, em regressão conceptual, pedagógica. Enfim, não direi material porque hoje em dia, os processos de construção e reconstrução e renovação física do sistema são muito rápidos. Hoje fazem-se obras com muita facilidade, mas é o único aspeto porque em muitos outros aspetos nós estamos num processo, a entrar numa espécie de um novo obscurantismo. Lembrome de um texto famoso que foi colocado na nossa revista, aqui há dois anos, de um diretor de escola, de um colégio jesuíta, e as palavras do responsável, do diretor, em relação aos professores eram notáveis, esclarecedoras. A carta dizia e perguntava aos professores se se sentiam bem, se se sentiam apoiados, se tinham falta de material, se precisavam de alguma coisa, se descansavam o suficiente, que é coisa que não se fala hoje. Não se fala em descanso!

Os professores têm que estar equilibrados e devem estar estáveis para que as escolas funcionem?

Precisamos de tempo para pensar, para render, refletir, para nos distanciarmos das coisas e à velocidade a que tudo ocorre... esta invenção permanente de tarefas esta espécie de tarefismo muito dependente da tecnologia... porque é preciso que as máquinas funcionem, é preciso vender máquinas. É terrível!

Com a aplicação do Despacho n.º 13981/2012 poder-se-ão distinguir os professores pelo mérito com a ADD?

Para se distinguir os professores pela qualidade, no contexto em que estamos, é preciso fazer parte do sistema. É preciso estar registado, fazer relatórios, produzir muito material, ganhar visibilidade, ter um bom relacionamento sociopolítico, etc. Portanto, é tudo uma enorme falsidade, também. O que não quer dizer que não haja prémios para bem dados e professores com muita competência. Mas é uma competência que não é só na docência, é uma competência de comunicação institucional. Eu, pessoalmente, não tenho paciência nenhuma para isso.

Conhece o trabalho desenvolvido pela CCAP, por exemplo a proposta do CCAP nº1/CCAP/2010 sobre padrões de desempenho?

Sim.

Acha que o atual ministro da educação e os elementos do seu ministério tiveram em consideração as recomendações emanadas do CCAP sobre, por exemplo, os padrões de desempenho, para a nova proposta de avaliação?

Acho que os governantes só olham para isso quando lhes interessa atendendo ao contexto, em particular económico que estamos. Não vejo daí nenhuma relevância, nenhum interesse. O que vejo, isso sim é um número crescente de jovens estudantes em dificuldades, famílias desestruturadas. Vejo necessidades reais, de facto efetivas, de muitas famílias que não têm resposta. Vejo uma degradação das condições de trabalho, vejo o número de alunos por turma a aumentar drasticamente, ameaças sobre a avaliação da qualidade profissional do desempenho dos professores e, parece-me, esta coisa da avaliação não tem muito sentido para mim que estou nisto há muito tempo, que me aproximo do fim da carreira, só que foi inventado este processo para nós penarmos até perto do cemitério, mas para mim não tem qualquer sentido. Não aprendo nada com isto.

Há algum aspeto que queira abordar relativo à ADD ou à avaliação de escola que não foi abordado nesta entrevista e/ou acrescentar algo?

Não.

Nesta escola referiram, no questionário, que deve haver mais controlo sobre os professores. Concorda?

Acho que deve haver controlo em relação aos oportunistas porque um oportunista, chamo assim, é quase um eufemismo, pode estragar, manchar a reputação coletiva. Isso, acho que sim. Agora, tenho medo que este processo todo venha a abrir a porta, justamente, a um crescendo de oportunismo.

Uma maior corrida aos cargos?

Corrida aos cargos, alguma vingança, não é uma vingança de faca e alguidar em atmosfera ultrarromântica, não é exatamente isso. Mas é o revanchismo de tipo ideológico e não só. Temo que isso possa acontecer.

Considera que aos jovens professores é-lhes inculcido o sentido de responsabilidade?

Os jovens professores, em primeiro lugar, desejam ter um emprego estável que não vão ter, se é que vão ter e os que têm vivem num quase terror, uma situação de medo perante a iminência da perda de emprego. Portanto, sujeitam-se e é muito compreensível. Eu sou muito compreensivo em relação a isso. Sujeitam-se a obedecer, pretendem não participar em polémicas, procuram passar despercebidos e cumprir as suas aulas. Eu faço parte de uma geração completamente diferente porque nós tivemos emprego quase imediato, nós optámos pelo curso que queríamos, tivemos emprego. No caso da minha geração, começámos muito cedo. Eu, com 16 anos, dava aulas a adultos não oficialmente mas de uma forma solidária. Lembro-me que dei aulas de Geografia, a pessoas adultas, ligada a uma ordem religiosa, isto antes do 25 de abril. Comecei muito cedo. Estou habituado a trabalhar, gosto da profissão que para mim, uma seriedade na profissão é natural e acho insuportável determinado tipo de comportamentos: o comportamento do professor faltoso, do professor baldas, do professor que se atrasa, do professor oportunista... Acho inqualificável. Culpa do poder desde sempre, preconceito político que nunca quis pôr ordem a essa gente. Agora isso serviu de argumento para a aplicar, durante o ministério de M^a de Lurdes Rodrigues, que não é muito diferente dos atuais. Foi só quem abriu a porta a isto tudo. Agora, nós, muitas vezes, somos acusados, já tenho sido, de conservadores. Eu tiro o chapéu, sou conservador em muitos aspetos, sou sim senhor. Também é para se manter, não é para alterar porque, essa noção de conservadorismo, porque eu não gosto, não se põe a questão: "olhe, gosta dos sumários eletrónicos?". Não, eu prefiro os sumários em livro de ponto e tenho argumentos para isso e posso demonstrar porquê... pelo efeito pernicioso o tornar todos, a alteração violenta de paradigma. Eu sou obrigado a passar, contra a minha vontade, da galáxia de Gutenberg para outra galáxia só porque dá jeito vender computadores e programas e *software*.

Muito obrigada pela sua disponibilidade para esta entrevista.

EP2_A

Dia	Hora	Local	Entrevistado	Duração
22/01/2013	14h 00m	Direção	Professor avaliado com aulas assistidas.	34m 33s

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA

Breve referência a alguns resultados do questionário dirigido aos professores da escola.

Os instrumentos usados na avaliação de desempenho docente foram adaptados à realidade da escola?

É normal, nesta escola, fazer-se sempre alguns ajustamentos para uma maior racionalização dos processos e, enfim, porque isso é que é correto. Apercebo-me, porque tenho amigos que pertencem a outras escolas e vi o que é que eles faziam, que há algumas diferenças na conceção dos instrumentos com que operarem no terreno. Mas eram diferenças que respeitavam os enquadramentos legais.

As primeiras orientações emanadas do ministério da Dr.ª Mª de Lurdes Rodrigues deviam ter sido adaptadas à realidade de cada escola...

Mas, se quiser que eu aprofunde essa questão, poderei pormenorizar o que o que se faz normalmente nesta escola, porque tem uma Direção muito esclarecida relativamente a estas e outras questões. Aqui, faz-se uma certa depuração, uma certa simplificação dos processos e isso foi sempre bastante evidente. Vi coisas bem mais complicadas noutras escolas.

A direção conhece bem as capacidades dos professores e, podemos dizer, que os professores certos estão colocados nos sítios certos ou não?

Absolutamente e não apenas a atual Direção, também as duas ou três últimas a partir dos finais da década de 80 até agora, as direções desta escola têm sido bastante esclarecidas e bastante preocupadas em utilizar o potencial dos docentes, em fazê-lo valer no terreno e conhecem muito bem os professores. Cada um dos que revelam mais potencial tem sido encaminhado ou convidado a contribuir para aquilo que em pode dar mais e melhor à escola; veja o meu caso: sou libertado de outras funções (como diretor de turma) para construir – evidentemente com uma equipa de colegas e de alunos – uma revista escolar de topo (a xxxx), de que sou o diretor. A revista já recebeu dois prémios a nível nacional, é considerada uma revista de referência. Esse projeto foi-me entregue a mim, e isto – porque sou das artes - podia parecer um bocado estranho, por ser basicamente uma revista de textos e não tanto de imagens. Podiam convidar um colega de Português, mas a direção sabe que eu também fiz jornalismo no passado e posso, assim, aliar o design gráfico e a linha editorial. Mas isto prova que a Direção está atenta ao nosso curriculum. Foi-me concedido muito espaço para trabalhar no projeto. Está marcado no meu horário mas eu não tenho que estar ali a cumprir burocraticamente naquelas horas. O que importa é que eu faça bem aquele trabalho, e ele é feito. Confia em mim e isso também se passa com outros professores. Eu fui de certo modo ignorado noutras escolas relativamente ao meu potencial.

Nas respostas do questionário, alguns professores dizem que deviam ser mais controlados. Acha que a ADD deve contribuir para o controlo das atividades letivas e não letivas dos professores?

Eu acho isso um bocadinho estranho, bastante mesmo. Aqui há mecanismos, eu não digo de controlo, mas de avaliação, acompanhamento das atividades e prestação de contas que são absolutamente suficientes.

Será que em relação à ADD, apesar de ser dada autonomia aos professores eles se sintam mais inseguros e precisem de mais controlo?

Não sei. Se calhar as pessoas estão habituadas a serem muito protegidas. Nós também temos que desencadear as nossas iniciativas e temos os nossos próprios recursos pessoais para decifrar as coisas, para descodificar as coisas e para agir. Não precisamos que nos deem a papa toda feita.

Teve aulas assistidas?

Sim.

Teve conhecimento dos critérios de observação de aulas antecipadamente?

Absolutamente e correu tudo muito bem.

Teve reuniões com o seu avaliador antes das aulas observadas?

Sempre antes e depois da aula observada. Era um contrato limpo, de grande lealdade, cooperação e de entreajuda. Era esclarecido muito claramente o que se pretendia, o que é que iria ser observado. Conversava bem com o avaliado, que me entregava previamente o plano de unidade e o plano de aula, todos os documentos para eu, antecipadamente, ficar com um bom conhecimento. O avaliado conhecia bem os critérios pelos quais ia ser observado. Depois da aula, não imediatamente após mas num dos dias seguintes, a fazíamos a sessão de balanço. Deixávamos passar uns dias para “arrefecer” um bocadinho. No final imediato da aula falávamos de outros assuntos, coisas de amizade porque, no fundo, são colegas de grupo e com os quais vamos, ao longo do ano, criando amizade. Passados uns dias, cada um entregava o seu relatório, eu escrevia um relatório e o avaliado outro, depois fazíamos uma ata; era o ponto de encontro da discussão e do cruzamento dos dois relatórios.

É a favor da avaliação pelos pares?

Sim, sou mais a favor dessa avaliação, mas reconheço que não há nenhum modelo que não seja problemático alguma vez ou nalguma circunstância. A avaliação por elementos da mesma classe pode ser problemática, sobretudo por causa das quotas e da, muitas vezes inevitável, competição.

E sobre os avaliadores externos?

Eu não sou muito a favor da avaliação docente tal como ela está definida. Em última análise, filosoficamente estaria mesmo contra a avaliação docente. Eu acho que o problema tem que ser resolvido antes. Um professor ingressa na carreira e só o poderia fazer se, na sua formação de base, tivesse dado boa prova das suas capacidades gerais para a docência (intelectuais, emocionais, científicas, pedagógico-didáticas, relacionais, comunicacionais, etc.). Compete às Universidades fazerem esse trabalho, não facilitar o acesso a quem não revele potencial e não o tenha demonstrado. Claro que a Universidade não pode fazer e prever tudo, muitas vezes as pessoas, quando chegam ao terreno, modificam os seus comportamentos, instalam-se. Mas se Universidade trabalhasse melhor – e com melhor conhecimento do que efetivamente se passa no terreno da escola básica e secundária – a ADD escusava de ser um processo tão oneroso para os docentes e para a escola. Mas as escolas também têm órgãos onde se prestam contas. Nós temos um conselho pedagógico, nós temos departamentos disciplinares, nós temos estruturas do topo à base que são capazes de verificar, controlar e avaliar o exercício da docência.

Nos Mega agrupamentos há um número elevado de professores. Não é difícil controlar todos?

Se me fala em mega agrupamentos, vejo tudo ficar mais complicado, vejo perda de proximidade. Mas ao nível da escola, pergunto: Para que é que servem, por exemplo, as estruturas de articulação curricular, os diversos órgãos criados do topo à base e todos os planos e instrumentos de verificação? Por exemplo, deve dar-se mais valor à coordenação de ano e disciplina? São nestas estruturas de malha mais apertada que se pode observar melhor o trabalho do docente com as turmas.

As lideranças intermédias?

É evidente que são importantes. Temos de nos habituar a um regime saudável de prestação de contas. Muitas vezes, o que se facilita é isso, relaxa-se demasiado. Havendo prestação de contas sabe-se quem está a falhar, quem não está, isso percebe-se. Pronto, mas muito bem, não chega. Vamos então ao sistema de avaliação de docentes, mas eu penso que este modelo nasceu coxo, tem imensas falhas e não foi objeto de um amplo debate nacional. Foi imposto por decreto.

É a favor de uma avaliação para a prestação de contas ou de uma avaliação que sirva para a formação dos professores?

Uma avaliação que sirva para a formação dos professores ao longo da carreira...

Mas acha que pode haver prestação de contas?

Absolutamente, como disse antes. Mas essa prestação de contas é a que se faz ou deve fazer, normalmente, nas estruturas de articulação curricular e nos órgãos pedagógicos das escolas. Ai é que é feita essencialmente.

O que é que se devia avaliar nos professores?

As competências científicas, pedagógicas, relacionais e comunicacionais e, depois os campos de atuação. E a capacidade de desenvolver projetos com os alunos e a nível de escola, de propor, planear e realizar atividades de índole cultural, etc. ... nós não estamos apenas numa escola para dar aulas. A escola é uma comunidade que cria acontecimentos e situações que são de aprendizagem. A aprendizagem não é só o currículo formal, e esta escola impôs-se como uma espécie de escola cultural com atividades extracurriculares de elevada qualidade. Foi uma das ambições da primeira reforma: q a “escola cultural”. Esta escola, de facto, realizou esse projeto até um certo ponto... realizou e os nossos alunos, os que se envolveram nestas atividades amadureceram e cresceram. Sentimo-los a crescer.

Nesta escola não houve mais inovação, mais trabalho colaborativo?

Não, por cauda da ADD não. Se me questiona se a atual ADD e a que foi herdada, por uma série de sínteses e modificações progressivas, contribuiu para melhorar decisivamente a vida nas escolas, eu respondo-lhe que não.

Podemos dizer que esta escola já tem um padrão de qualidade que não foi alterado pela ADD?

Não, não foi alterado.

Não houve aumento de atividades, não...

Houve aumento de atividades, não apenas nesta escola mas em quase todas. Se algumas dessas atividades foram bastante produtivas para a escola... bendita ADD! Mas há muitas atividades e muitas coisas que foram criadas por “obrigação”, para avaliador ver, e muitas delas afinal pouco relevantes. Eu verifiquei que houve uma espécie de inflação de atividades em muitas escolas, mas isso foi um fenómeno forçado, empurrado, para cumprir calendário, com o perigo de banalizar as atividades e de gerar a reação oposta: neutralidade, desinteresse. Por exemplo, as atividades culturais, ou têm qualidade ou não vale a pena promovê-las, e nem todos os professores têm que promover atividades de determinada índole para as quais não estão muito vocacionados. Tradicionalmente, nas escolas, há desempenhos especializados. Há professores que não são tão hábeis nesse tipo de atividades mas são bons, por exemplo, em tarefas organizativas, como elaboração de inquéritos e relatórios, etc., que são muito bons nisso, devem ser aproveitados aí. Isto é um problema de racionalização dos quadros de uma escola. Agora, toda a gente a propor de repente “atividades”, algumas ridículas. O excesso de oferta também desmotiva e dispersa.

As respostas dos questionários indicam que o aumento dessas atividades não implicou fazer alterações no PAA (plano anual de atividades). Nos critérios?

Sim, não houve grande mudança e mantiveram-se os critérios.

Os documentos usados na avaliação dos professores, os que foram usados na observação de aulas, na avaliação do portefólio foram avaliados no fim de cada ciclo?

Provavelmente aí houve mais um bocadinho de desatenção. São-nos pedidos relatórios, são para ser entregues e a gente entrega. Eu entrego sempre os relatórios de todas as atividades que faço, Eles são pedidos, entram na secretaria, são carimbados e seguem para a direção e julgo que são lidos. De vez em quando, saem documentos do conselho pedagógico que resultam de discussões com as conclusões da análise de alguns desses documentos. Mas também me apercebo que, num caso ou noutro, o estudo e o aproveitamento das conclusões desses relatórios poderá não ter sido tão grande.

A avaliação de desempenho, nesta escola, fez com que os professores procurassem colaborar mais com a direção, com os coordenadores de departamento ou demonstrassem uma maior apetência para esses cargos?

Não, não. Mesmo quando eu falo do excesso de atividades. Não foi assim tão evidente nesta escola onde tradicionalmente já há atividades que chegue, mas soube de casos de várias escolas em que se exagerou e houve oportunismo na aproximação às direções das escolas. Mas nós aqui temos um quadro docente muito estabilizado, de pessoas que se conhecem muito bem, que lidam umas com as outras e está tudo muito bem definido e as coisas funcionam porque há muita competência e dedicação. Não é preciso mais.

Esta escola tem uma equipa de autoavaliação de escola que tem, quanto sei, desempenhado um bom trabalho.

Tem um excelente trabalho.

A ADD fez com que os professores se interessassem mais pela avaliação de escola?

Não porque a avaliação de escola já existia antes. Era uma prática que nós tínhamos... quer dizer, a ADD poderá ter dado algum contributo, mas não interferiu assim tanto nessa perceção que temos do nosso trabalho e da escola.

Os professores tornaram-se mais colaboradores com a equipa de autoavaliação?

Depende... eu não sei até que ponto. Mas também não vi quem pusesse obstáculos. Precisava de saber como é que essa colaboração se pode dar ou de que autoavaliação de escola estamos, também, a falar.

Mas não é a equipa que constrói os referenciais de avaliação?

Exato!

A equipa que coordena a autoavaliação de escola não pode abarcar tudo, então, deve haver outros grupos de professores responsáveis pela avaliação de determinadas áreas. Até que ponto é que os professores se mostraram mais participativos para integrar esses grupos para, assim, ajudar a melhorar a escola?

Eu penso que isso sempre foi feito e sempre houve pessoas, aqui, nesta escola, disponíveis para integrar essas equipas. Sempre houve, antes e depois. Eu não noto diferença nenhuma para melhor, muito honestamente, não noto.

A ADD contribuiu para um cuidado maior na construção de instrumentos para a avaliação de alunos?

Houve mais cuidado, embora aquilo que se fazia e sempre fizemos fosse suficiente, bastante eficaz e correto do ponto de vista dos princípios em todos os parâmetros pedagógicos. Se calhar, acrescentamos algumas subtilidades, refinaram-se alguns instrumentos, noutros casos caiu-se, também, num exagero, no "grelhismo"...

Os exames e as provas intermédias também tiveram influência nesse cuidado?

Sim, sem dúvida, as escolas não podem descurar isso. Mas ... Ainda na sequência da questão anterior, até o próprio reforço da tecnologia no sistema educativo, da introdução das tecnologias, implicou uma

espécie de digitalização de quase todos os processos... tem as suas virtudes, mas também é o refúgio da nova burocracia e dos novos burocratas e, de facto, há uma certa apetência em nos esmerarmos, em fazer grelhas complexas. Eu vi algumas com tantos itens, tantos, que eu pergunto: como é que o professor conseguia avaliar aquilo tudo, observar aqueles itens todos e ser honesto? Eu sou muito adepto de uma percepção e avaliação mais globalizante, demasiada atomização de parâmetros, critérios, etc. é um erro porque um aluno nunca é uma soma de parcelas, é um todo e, por outro lado, quem está a dar aulas deve confiar na sua intuição ou então não devia estar no ensino. Esses aparelhos, esses instrumentos, muitas vezes são bloqueadores, tanto ajudam como dificultam. Isto é preciso muita inteligência, muito tato para usar esses instrumentos. Agora, abusou-se um bocadinho mas isso foi por todo o lado.

Mas os professores ao terem que aderir às novas tecnologias e, por vezes, o bom aspeto dos gráficos e das grelhas fizeram com que proliferassem...

Muitas vezes até foi esse aspeto, as possibilidades oferecidas pela linguagem informática para esteticizar os papéis, meter cores, criar grelhas complexas, etc. Coisas que nós não faríamos se não tivéssemos que as exibir num portefólio e esse portefólio era um encanto... de facto, de certa maneira isto até teve graça, não vou dizer que também não aprendemos alguma coisa nova com isso. Aprendemos a construir um portefólio, sem dúvida que sim.

Esses portefólios também podem ser úteis para a escola?

Bastante.

Com a ADD verificou-se um aumento da competição entre os professores ou um aumento do trabalho colaborativo ou não houve alterações?

É uma coisa um bocadinho difícil de ser respondida. Fiquei um bocadinho apreensivo nalgumas alturas. Apercebi-me de algumas pequenas “triquinhas”, mas não coisas graves. Entretanto, e volto a dizer - porque tenho amigos de outras escolas e convivo com eles com muita proximidade e regularidade - houve coisas incríveis noutros sítios. Mas a ADD contribuiu de qualquer para começarmos a olhar um bocadinho de outra maneira uns para os outros. Um bocadinho com uma “capazinha” defensiva, coisa que não existia tanto. Contribuiu para algum arrefecimento das relações humanas dentro da escola, embora aqui menos um pouco.

A ADD permitiu identificar as necessidades de formação para os professores? Ou devia ajudar a identificar essas necessidades?

Se a ADD servir para isso, bendita ADD. Se servir para isso, ainda bem! Porque nós, nos relatórios, deixamos claro aquilo que nos falta, aquilo que nós precisamos, fazemos propostas para autoformação, para formação contínua, etc. Se essas coisas passaram de papéis e foram levadas a sério, ótimo. Mas, olhando à minha volta, não vejo que as coisas se tenham alterado para melhor a esse nível, bem pelo contrário. Nós deixamos sugestões daquilo que nós sentimos que está a faltar mais na nossa atividade diária, o que é preciso é, de facto, um grupo de trabalho que estude isso com muita atenção e que faça um *design* e um calendário dessas coisas e apresente propostas. E que haja vontade política, que se disponibilizem verbas, etc.

O atual ministro da educação e as anteriores pretendiam distinguir os professores pelo mérito. Com a aplicação do Despacho n.º 13981/2012 poder-se-ão distinguir os professores pelo mérito com a ADD?

Não. Isso é tudo folclore. Isso são tudo frases feitas. Eu tive dois excelentes, estou congelado na carreira, não sinto que tenha tirado algum benefício dos dois excelentes nem sei se vou alguma vez tirar. Vejo professores que avalei com excelente em 2 anos consecutivos e que, por serem contratados, estão no desemprego... E há incompetentes que levam “bom”, porque em quase todo o lado é uma espécie de nota mínima, e estão de pedra e cal no sistema. Para que serve afinal a ADD?

Acha que o atual ministro da educação e os elementos do seu ministério tiveram em consideração as recomendações emanadas do CCAP na proposta nº1/CCAP/2010 sobre padrões de desempenho para a nova proposta de avaliação?

Esses documentos estão corretos, eu também os vi e, em princípio, são bons documentos. Eu acho que sim. Agora, depois o problema é que há muitos cientistas e muita boa literatura pedagógica e, enfim, literatura científica de educação a circular... o que não há é, depois, a nível dos decisores políticos é a possibilidade daquelas coisas serem traduzidas em medidas, corporizadas nas medidas administrativas, políticas que são levadas para as escolas. Grande parte desse material é correto nos princípios, mesmo que com partes contestáveis ou pelo menos discutíveis. Se isso alterou a vida das escolas, tenho muitas dúvidas.

Há algum aspeto que queira abordar relativo à ADD ou à avaliação de escola que não foi abordado nesta entrevista e/ou acrescentar algo?

Eu acho é que se devia ser feito aquilo que nunca se fez verdadeiramente a sério e só se fez uma vez quando foi lançada a primeira reforma de ensino nos anos 80. De facto, nessa altura senti que houve debate nas escolas, os documentos vieram para as escolas que os discutiram, fizeram-se várias reuniões, etc., pelo menos nesta escola debatemos e eu sinto que noutras também. Eu acho que era necessário um debate generalizado sobre o que é a avaliação de professores, como deve ser o modelo de avaliação de professores em todas as escolas, nem que se suspendesse a ADD durante um ou dois anos para pôr tudo a debate e desse debate saíam muitas conclusões, talvez bem mais ajustadas à realidade. O que é preciso é a humildade para aceitar que os professores sejam ouvidos, sejam considerados e depois haver boas equipas - temos na sociedade portuguesa muito boa gente - para pegar nesse material e tirar conclusões.

Muito obrigada pela sua disponibilidade para esta entrevista.

EP3_A

Dia	Hora	Local	Entrevistado	Duração
22/01/2013	15h 00m	Sala do CNO	Coordenador de Departamento e da CCAD	47m 78s

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA

Breve referência a alguns resultados do questionário dirigido aos professores da escola.

Nesta escola foi usado o portefólio. Houve orientações para a sua construção?

No nosso caso, foi. Essencialmente tentamos e seguimos as orientações da tutela e, portanto, no âmbito, naquilo que havia regras definidas, seguimos as regras definidas e, depois, tentamos, digamos, ajudar e auxiliar criando uma espécie de matriz para a construção do relatório. Sobre o portefólio não demos orientações específicas.

Esteve na Comissão de Coordenação de Avaliação da Escola?

Eu estive. Eu fazia parte do Conselho Pedagógico e desde a primeira comissão de acompanhamento da avaliação de desempenho que eu fiquei, fiz parte... portanto já é a segunda. Houve depois uma mudança de Conselho Pedagógico e digamos que fomos recolocados, reeleitos. O nosso trabalho foi fundamentalmente e essencialmente simplificar aquilo que era complexo, principalmente porque houve... e eu estou a falar da primeira avaliação, houve três modelos: houve o modelo, depois uma primeira simplificação e depois, ainda, uma segunda simplificação e, portanto... e porque foi o primeiro, também criou ruído, criou instabilidade como é sabido. Se o nosso papel foi, principalmente, tentar acalmar, não “stressar” e obrigar as pessoas a cumprirem prazos se ainda os prazos não estavam claramente identificados e quando vinham orientações claras sobre datas precisas, porque nós já tínhamos um calendário de implementação da avaliação e que foi divulgado, sempre, para toda a comunidade em reunião geral, tentamos que, digamos... que desmistificar, tentamos explicar o que é que obrigava a cada nível de desempenho, quais os indicadores de desempenho, quais iriam ser os nossos critérios para descodificação desses indicadores e, principalmente, quais eram os separadores de águas entre cada nível de desempenho para as pessoas, o mais cedo possível, se organizarem para o nível que pretendiam atingir ou obter... e, portanto, dessa forma, também tentamos de alguma forma devolver, porque é esse o objetivo da avaliação, vencido o impacto, a dificuldade da estranheza que era a primeira vez, e depois o do processo que foi um processo bastante confuso, muito pouco claro, e que trazia, ainda, mais ruído e mais dificuldade ao processo. Tentar primeiro acalmar, deixar as pessoas seguras e depois deixar bem claro qual iria ser a nossa estratégia, digamos, de separação ou de discriminação de níveis e tentamos até, foi uma coisa que eu não sei se foi prática noutras escolas... que eu fui sabendo de uma forma muito aleatória, que tentaram desde logo marcar prazos rígidos, desde logo implementar, digamos, numa perspetiva *top-down* de quais eram os critérios. Nós deixamos, depois de apresentar uma proposta em que fazia a distinção dos diferentes níveis, o que é que distinguia o *Excelente* do *Muito Bom*, o *Muito Bom* do *Bom* e o que é que levava a um *Não Suficiente*, já não me lembro exatamente do termo porque mudou, e depois de questionarmos, discutirmos e analisarmos quais seriam os indicadores propusemos à discussão e, portanto, em reunião geral perguntamos se as pessoas concordavam. Explicamos os nossos constrangimentos e a nossa linha de raciocínio e, depois, deixamos uns quinze dias, suponho eu, para as pessoas apresentarem sugestões de alteração. Houve poucas mas houve porque, a maior parte, em reunião magna, a maior parte das decisões e dos critérios dos quais nós fazíamos a discriminação dos diferentes níveis e explicávamos, explicitávamos o descritor que ia fazer a diferença... as pessoas praticamente concordaram em quase todos. Houve uma ou outra questão mas, praticamente, concordaram. Portanto, isso foi muito interessante porque, com isto, em vez de termos algo que era imposto e que seríamos os mensageiros da má notícia, explicamos que era algo que estava a ser feito de uma forma bastante confusa mas que o nosso papel era tentar desmistificar e que esperávamos a partilha da comunidade para nos ajudar a solucionar ou a criar critérios que fossem mais justos possível e ou possíveis. Isso correu muito bem... muito bem porque de um grande problema passou-se a uma harmonização de alguma forma a uma conciliação em relação a uma questão que se tinha que resolver e que era bom resolver para o interesse de todos... para o interesse de todos os docentes. Cada colega *de per se* e por conseguinte de nós porque ficávamos com o problema resolvido e pronto. Foi esta estratégia que acho que foi, digamos, a separadora de águas.

Os documentos usados na avaliação dos professores, os que foram usados na observação de aulas, na avaliação do portefólio foram avaliados no fim de cada ciclo? As decisões que tomaram...

Não. Assim dessa forma, digamos, metodológica não e eu vou explicar, também, o porque não. Porque o que nós sentimos, desde o início, é que foi uma avaliação com alguns critérios injustos e logo à partida a discriminação e a forma como separaram a carreira docente, depois da separação... os critérios que levaram a isso, depois e porquê, só a partir daquela data de quem tenha tido atividades, contribuições relevantes, antes de 99 é como se não tivesse, houve aspetos da vida da vida das escolas que foram esquecidos nos critérios da atribuição de créditos ou de pontuação para a candidatura a professor titular

e, depois, toda a confusão criada... O que nós achamos e nós estávamos em processos de avaliação interna da escola, de avaliação externa e vários setores da escola tinham o seu próprio processo de autoavaliação imposto..., o CNO, a Biblioteca, etc., concretamente estas duas áreas ou subáreas da escola, todas eram partilhadas, todas eram do conhecimento da comunidade via Conselho Pedagógico e o que sentimos e a tremenda instabilidade das orientações, não havia... não fazia sentido estarmos a rever para o processo de melhoria contínua um instrumento que nós achávamos que aquele modelo iria ruir... tanto que acabou por ruir e foi digamos que reorganizado, refeito e, portanto, achamos que era um trabalho que não justificava enquanto não houvesse uma estabilização e uma... a palavra certa seria estabilização de metodologias.

O facto de serem os pares a avaliar dificulta a avaliação de professores? Ou os avaliadores externos têm mais legitimidade para avaliar os professores?

Aqui há sempre, eu não tenho uma posição clara e segura. Eu posso apontar ou sugerir aquilo que em termos ideais e teóricos seria o ideal e, depois, conhecendo a cultura, a nossa cultura como povo, a nossa cultura como docente, uma cultura específica de classe e juntando isto tudo eu não consigo ter e tenho esta discussão com vários elementos da direção e com colegas, entre nós, qual a solução ideal. Um avaliador externo ou é alguém que claramente domina e sabe o que está a avaliar e... a minha dúvida é: isto é praticável? Alguém vir de fora e numa aula absolutamente artificial em que é combinado até com os alunos, é preparada e às tantas foi a única aula preparada e as outras 60 ou 70 não se fez a mesma coisa... isto é um espelho do que é aquele docente? Por outro lado há aquela velha questão de, quando é entre pares, que me parece como modelo teórico mais justo e o mais equilibrado, o mais correto, aquela questão de o avaliador estar a julgar em causa própria e, portanto, estar muitas vezes a utilizar aquele poder efémero para resolver coisas que, eventualmente, foram criadas ao longo daquele trajeto profissional e criar-se com isto um poder discricionário que leva uma grande injustiça também, e, portanto, há aqui um nó górdio que não se consegue desatar... Eu, normalmente, quando estou muito dividido nessas coisas penso que, eventualmente, os dois modelos terão virtudes e defeitos e que eventualmente uma conjugação dos dois não seria o pior. Algum elemento externo mas que fosse alguém claramente com formação para dar orientações teóricas e acompanhar o processo, poder ouvir as duas partes para ver se há ali... para ver se o processo foi executado com toda a lisura ou se há ali problemas extraprofissionais de outra dimensão que possam estar a deturpar o resultado... Nunca foi proposto um modelo destes, suponho eu, é o mais oneroso com certeza e, portanto, a grande questão, também aqui o paradoxo, é querer-se fazer uma avaliação que tenha repercussões e, por outro lado, quer-se fazer o mais barato possível... não sei se isto é completamente conciliável porque quando se está a falar da vida das pessoas tem que, pelo menos, ter-se bastante rigor, tem que se ter rigor.

Acha que se devia iniciar com uma avaliação mais formadora e depois, para as mudanças de escalão ou para a progressão na carreira, com uma avaliação sumativa?

Eu acho e aqui estou a falar um pouco à revelia da maior parte dos meus colegas porque tive uma experiência. Eu não fui sempre e só professor, também tenho experiência, digamos, do mercado de trabalho fora da carreira docente e eu acho que é necessário uma pedagogia da avaliação e aquilo que se costuma dizer *accountability* da responsabilização pelo nosso serviço e, portanto, essa cultura nós não temos naturalmente, os colegas, nós. Entre nós houve, durante muito tempo, uma cultura... o termo impunidade não é o mais correto mas de alguma...

Facilitismo?

Sim, eu acho que sim, exatamente. Um sistema que era praticamente automático e, nesse sentido, o sistema de avaliação... facilitismo, eu não quero dizer que nos colegas haja facilitismo nem... o sistema é que era altamente facilitador e, portanto, era automático e só quem realmente ou tinha claras falhas de desempenho ou era distraído é que não passava automaticamente e, portanto, não progredia. Era raríssimo, era mesmo excecional e, portanto, voltando à questão, eu acho que é necessário fazer uma

pedagogia das virtudes de uma avaliação e de nós sentirmos na obrigação de sermos avaliados e de prestarmos contas e de nos responsabilizarmos pelo exercício da nossa profissão. Isto se for imposto de cima para baixo, como foi em 2007, vai dar mau resultado como deu mau resultado e, portanto, essa pedagogia... é evidente que vai haver sempre pessoas que não vão concordar mas, eventualmente, trazer uma grande massa dos colegas para este exercício de dar o melhor de si e de, eventualmente, isso depois ter a... digamos, menções discriminatórias no final de cada período. Pode ser ciclo bienal, triannual, pode ser o modelo que se pensa.

As respostas do questionário indicam que a avaliação de desempenho, nesta escola, não fez com que os professores procurassem colaborar mais com a direção, com os coordenadores de departamento ou demonstrassem uma maior apetência para ocupar cargos. Está de acordo?

Eu já estou cá há oito anos, não, nove para dez. Como eu disse, estive alguns anos fora e até no estrangeiro e, portanto, já não exercia desde 97 e desde 97 para cá é a única escola que conheço e o que me está a dizer leva-me a questionar-me e a interrogar-me interiormente: houve esse tipo de corrida, digamos, declarada e aberta a partir do momento em que as regras do jogo mudaram? Nós cá não sentimos isso. Há uma cultura muito própria e isto é um dos itens que leva a que esta escola tenha um *élan* especial. Há uma cultura muito própria de empenho, de colaboração, de trabalho interdisciplinar e, portanto, de entreaajuda em diversos grupos disciplinares. Eu vou conversando, no meu grupo disciplinar, com colegas que vão, depois voltam, saem três, quatro, cinco anos, esses depois voltam, que esse tipo de partilha, de conhecimento de construção de instrumentos em conjunto, discussão por exemplo, e essa cultura depois, digamos que depois irradia para estas coisas todas. Por exemplo, eu não assisti porque não estava cá mas estou muito ciente e conhecedor da discussão que foi nos anos 90, a explicitação dos critérios de avaliação de cada questão antes da execução de cada teste... de cada teste, e isto foi uma grande discussão. Houve resistências, muita resistência... neste momento é uma cultura interiorizada por toda a gente nesta escola, isto obriga... há critérios por trás disto, de transparência, de abertura, de não ter nada para esconder e, depois, há esta corrente que eu acho que é positiva... as pessoas da Biologia que eventualmente têm mais apetência, criam... através de um envolvimento e das árvores, um clube das árvores ou da floresta a crescer, há apoio da direção ou não e criam um jardim para se estar a ler e a fazer não sei o quê, depois classificam as árvores e quando vem a requalificação somos a única escola que não deixa deitar uma árvore... porque há este clube que preserva... e os espaços interiores, como já deve ter visto, são todos ajardinados por esse clube... e esse culto cria uma dinâmica positiva que depois vem um professor de Artes, um de Português, um professor de não sei o quê que fazem parte do clube... o clube é quem trabalha no clube. Há uma experiência de Desporto Escolar que tem prémios nacionais a torto e a direito; há uma experiência de formação de oficinas de Artes e Teatro que é única na cidade e várias escolas, agora, contratam professores para tentar criar só que essa dinâmica não é por cópia, é por algo que nasceu da dinâmica própria da escola ou dum grupo de docentes ou de um docente e, portanto, todas estas atividades que depois vão ganhando dimensão por qualidade das pessoas que estão envolvidas, não para ganhar prémios, não para terem nomeações ou avalia assim ou assado... estão instaladas e fazem parte da cultura e, portanto, as coisas depois vão crescendo e cada... também temos, já agora peço desculpa se estou a responder muito extensivamente, eu desde que vim e como disse fazia parte da comissão de avaliação de desempenho, e temos também um processo de autoavaliação que é antigo e que sempre tem tentado melhorar e aprofundar e desde que estas questões da autoavaliação e da avaliação para a melhoria contínua... se colocaram, também nas instituições públicas, nós já tínhamos, digamos, uma... um *know-how* e uma experiência e uma massa crítica que nos levou a ser muito fácil, depois, identificar áreas de melhoria e a intensificar aquelas áreas de melhoria e a intensificar aquelas áreas onde estávamos a trabalhar bem e sentirmos que estávamos a trabalhar bem e, portanto, já havia também esta cultura.

Alguns professores indicaram, no questionário, que devem ser mais controlados. Acha que essas respostas resultam de alguma insegurança relativamente à ADD? Será uma maneira de sentirem os limites mais definidos?

Obviamente, não vou colocar nem quero saber, como é evidente, quem eventualmente, em termos teóricos colocará... é uma questão que nem me passa pela cabeça. Mas a resposta a essa pergunta, o que me ocorre é... normalmente... sente esse tipo de necessidade, mais vigília ou controle quem, eventualmente, não se sabe controlar a si próprio ou seja não sabe autogerir e gerir para o melhor, para um funcionamento otimizado ou, eventualmente, essa é uma possibilidade e, portanto, eu, sinceramente, discordo. Eu sou defensor, digo isto muito aos meus alunos, educo o meu filho dessa forma... segundo o primado que a liberdade é a maior das responsabilidades e, portanto, esse é o primado pelo qual eu atuo. Quando me dão liberdade eu dou o meu melhor. Quando, eventualmente, me policiam e isto vem de encontro à questão da avaliação ser, ter sido colocada, imposta tipo *top-down* façam este prazo, este é o modelo, estas são as grelhas, não quero saber. Obviamente, houve muita resistência e quando me impõem uma grelha ou uma camisa-de-forças eu, primeiro, vejo que espaço, eu tenho de manobra, e é a minha tendência... será, eventualmente, naquelas limitações ou constrangimentos que eu não concordo, eventualmente ver... como é que posso alargá-los. Quando me dão liberdade... e, um exemplo desses foi, por exemplo, o CNO, digamos, o desenvolvimento deste projeto desde 2006 eu dou o meu melhor e acho que as pessoas quando têm um bom sentido profissional normalmente atuam assim... e, portanto... penso que eu não concordo. Em segundo lugar, havendo esta transparência e esta partilha ao nível das instituições e dos organismos intermédios e das chefias intermédias, também... Nós temos, por exemplo, e já vem de há longos anos dentro do projeto curricular da escola a uma... digamos que um, não é uma organização mas instituímos uma equipa que não existia e não conheço noutras escolas que é a coordenação/disciplina/ano ou seja, dentro das disciplinas porque os programas são diferentes, as questões são diferentes, solicitávamos que se organizassem por um coordenador que, digamos, agregasse e harmonizasse o trabalho dos colegas que trabalhavam naquele ano e tinham turmas daquele ano, seriam diferentes do ano anterior e do ano imediatamente a seguir. Isto leva a que as coisas depois transpareçam porque tem que haver reuniões com o detalhe suficiente para saber como atuou, como avaliou, quais os critérios que foram definidos, se estão cumpridos, têm que preparar em equipa exames, os diferentes tipos de exame de equivalência à frequência, etc., etc.... Depois, fazemos aqui, também, provas intermédias, têm que ser preparadas em equipa e, portanto, leva a que estas questões sejam resolvidas. Há e aí eu concordo um pouco... há eventualmente e todas as escolas têm, a nossa terá também, casos que são, também, muito isolados de colegas que eventualmente não cumprem ou... têm alguns comportamentos que não são os mais adequados e, portanto, isso já é mais do foro disciplinar embora também do foro do desempenho, digamos que há instituições, nomeadamente a direção para fazer cumprir, digamos, esses propósitos. Agora, a necessidade de um maior controle/vigilância para, digamos, o meu desempenho, o desempenho dos colegas... de forma geral eu não sinto necessidade e acho que desabona para quem o diz. É a minha opinião.

Nesta escola os professores indicaram não ter opinião sobre o que é que os alunos pensaram da avaliação dos seus professores. Porém, houve aulas assistidas e os alunos tiveram conhecimento.

Com certeza e, eventualmente, até nas aulas assistidas os alunos tiveram conhecimento.

Mas os professores não sabem o que é que os alunos pensam sobre a avaliação dos seus professores se devem ser avaliados ou não?

Eu tenho dificuldade em responder a essa questão pela simples razão que eu, desde 2006, portanto, digamos... a minha afetação ao ensino de adultos é anterior aos ciclos de avaliação de desempenho que pretende estudar e, portanto, o meu contacto é mais de população externa ao processo do que os jovens alunos e, portanto, a perceção que eu tenho entre os quadros técnicos superiores, por exemplo, que faziam parte daqui da estrutura e que não estavam, assistiram, mas não estavam por dentro e, portanto, não estavam a ser alvos também na avaliação de desempenho docente e alguns adultos que eventualmente em dinâmicas de formação afloravam o tema e, portanto, aquilo que eu percebo é que não é propriamente entendida... digamos na sociedade... a resistência e a oposição dos professores à avaliação de desempenho. Os pormenores de porquê a resistência a este modelo, as resistências à

discriminação, à separação da classe em dois ou da carreira em duas, tipos de professores diferentes, os pormenores que levaram ao modelo um, ao modelo dois, ao modelo três..., isto não é entendido pela sociedade em geral e, portanto, aquilo que é passado, até por causa da superficialidade com que as notícias aparecem normalmente nos órgãos de comunicação é: há uma grande resistência e os professores rejeitam ou resistem a serem avaliados. Portanto, é essa a apreciação que eu tenho. Estou a falar em adultos. Jovens, como não tinha contacto, desde 2006, direto não sei avaliar com rigor... sei, por exemplo, de falar com o meu filho antes de eu dizer o que eu achava, aquilo que ele eventualmente foi formulando mas não serve como amostra.

O atual ministro da educação e as anteriores pretendiam distinguir os professores pelo mérito. Com a aplicação do Despacho n.º 13981/2012 poder-se-ão distinguir os professores pelo mérito com a ADD?

Não me parece que traga nada de significativo, de diferente que não sejam os ciclos que passam a ser individualizados em vez de estandardizados. Isso, como princípio, até me parece razoável. Tenho muita dificuldade em perceber como é que vai ser implementado e leva-me a uma grande... eu ia dizer uma grande desconfiança, mas não. Eu acho que os factos valem muito mais do que um discurso. Ou seja, já tenho experiência para perceber que quando... se fala e, principalmente se é um político, fala e tem um discurso que vai valorizar a avaliação, vai valorizar o desempenho, é necessário criar modelo de avaliação de qualidade que realmente discrimine e depois, cria para... para a colocação de professores... ordem que é, uma ordem que é por antiguidade e por lista graduada quer dizer que ele não confia no modelo de avaliação nem que foi implementado e ele implementa um que é uma cópia ou reprodução, ou seja, estão-nos a enganar e eu fico muito zangado quando me tratam como uma pessoa sem capacidade de raciocinar e de pensar ou seja, peço desculpa por lhe dizer, quando acham que eu não tenho capacidade de pensar e tratam-me como um burro e, portanto, fico muito desconfiado e fico zangado e é isto que eu tenho a dizer em relação às palavras do Sr. Ministro e, mais ainda, à tremenda incoerência entre o seu discurso e a sua prática

Acha que o atual ministro da educação e os elementos do seu ministério tiveram em consideração as recomendações emanadas do CCAP na proposta nº1/CCAP/2010 sobre padrões de desempenho para a nova proposta de avaliação?

Já tem a resposta. Eu acho que este ministério prima pela desorganização, prima por uma total incoerência como já disse... por uma falta de orientação e de estratégia e, com certeza, que a forma como eles funcionam, como eles dão orientações para as escola e para as diferentes... para os diferentes níveis da administração escolar. Eu lembro-me de falar para a Direção Regional e a Direção Regional estar a dizer que não sabia, não tinha orientações e não sabia quais seriam as orientações do ministério... portanto, havia ali um gueto de informação que por consequência descaía ou acabava por desembocar nas escolas que, aí sim, ficaram em roda livre em diferentes momentos importantes e o mais gritante de todos foi em junho/julho, o do concurso de professores, e depois aquela pouca vergonha de pedirem listas antes de... listas de professores, quais seriam, em função dos dados que nós fornecíamos, quais eram os professores que nós iríamos precisar quando as matrículas das escolas do nível... imediatamente anterior ou seja, no nosso caso o nível básico, ainda não tinham chegado ou seja não havia possibilidade de estimativas. Isso é de um desconhecimento de como funcionam as coisas e, portanto, se me diz isso eu acho com certeza que não.

Há algum aspeto que queira abordar relativo à ADD ou à avaliação de escola que não foi abordado nesta entrevista e/ou acrescentar algo?

Relativamente a esta questão, ao 3º ponto (*Identificar o contributo da ADD nas práticas desenvolvidas na escola para o sucesso académico dos alunos*) que eu penso que é o cerne da ADD... Eu penso que eu iria um pouquinho mais longe. Eu penso que uma cultura de avaliação de desempenho, uma cultura de melhoria contínua, uma cultura de ... digamos, avaliação entre os pares formal e informal e institucionalizada e culturalmente integrada, como eu falei que as nossas estruturas funcionam sem um

impacto explícito no desempenho e na avaliação da carreira do colega... é fundamental para uma dinâmica de sucesso e para o sucesso dos alunos e eu acho fundamental. Como eu também já explicitiei, por várias dúvidas que eu próprio tenho, penso que é um tema tão complexo que não há uma varinha de condão, uma fórmula correta... Agora, que é imprescindível e que tem que haver, é necessário que haja uma pedagogia da avaliação na nossa classe, continuo a dizer que sim... e a explicitação ou a forma clara como isto ainda não está interiorizado é assistirmos, como assistimos, como é comum entre nós, em sede de reuniões de Conselho de Turma, ouvirmos o colega dizer que aquele aluno não tem bases e, portanto, vai reprovar no primeiro ano, eventualmente no segundo e eventualmente no terceiro. Nos três anos, foi o mesmo colega o professor, continua sem bases e eu pergunto: e foi feito algum trabalho extraordinário, fora da norma ou fora do mínimo denominador comum para que aquele caso que foi identificado há três anos atrás e que eventualmente as lacunas seriam de uma dimensão e três anos depois são doutra, eventualmente muito maior, se nada foi feito. O que é que nós fizemos para nos responsabilizarmos, para quebrarmos aquele ciclo de insucesso do aluno? Isso não passa pela nossa cabeça sentirmos que também temos responsabilidade naquele insucesso e de que forma é que podemos quebrar aquele ciclo de insucesso. Por exemplo, também é uma, digamos, uma mudança cultural... que nós tínhamos o hábito, estou a falar das escolas de uma forma geral, de criar aulas de apoio para os alunos em dificuldade. Nós não temos esse conceito, começamos por aí, há alguns anos nós temos é aulas de apoio. Temos aulas de apoio para os alunos em dificuldades, temos aulas de apoio para os alunos que buscam a excelência e isto conseguimos com o quê? Proporcionar explicações gratuitas e suporte a quem procura melhorar o seu desempenho, seja quem precisa de suporte extra, seja quem quer atingir 18, 19 ou 20.

Os alunos vão a essas aulas?

Cada vez mais. Desde que começou é, tem sido um crescendo, e tem vários benefícios: é gratuito, é do próprio professor que já conhece o aluno e que também o está a preparar para exame final, seja para uma avaliação que vai ser já marcante para o seu sucesso ou não sucesso da carreira académica do aluno e, portanto, poder destacar o próprio professor e o aluno, depois, se quiser pode assistir a outros professores que também têm aulas, tem no próprio horário, aulas para darem apoio aos alunos que o procuram. Durante anos, a cultura é em planos de recuperação, enviar os alunos com dificuldades. Alguns anos a esta parte temos tentado inverter essa tendência, essa tendência tem vindo a crescer de alunos com bons resultados e alunos muito bem-sucedidos procuram para aumentar ainda mais o seu sucesso em vez de procurar no mercado externo e isto é... é um exemplo de como nós podemos quebrar o quadrado da norma ou do mínimo denominador comum para nos responsabilizarmos pelo sucesso dos alunos.

Conheço uma escola em foi oferecido o mesmo tipo de apoio mas os alunos optaram por procurar explicadores fora da escola.

Tem que haver a cultura e, depois, tem que, nos momentos próprios, divulgar estas questões. Quais são os momentos próprios? O diretor de turma nas reuniões que faz com os encarregados de educação após cada ciclo de avaliação; depois, os próprios professores incentivarem os alunos a irem; depois, o contacto que cada membro da escola tem com os encarregados de educação seja a direção, sejam o coordenador ou o representante dos encarregados de educação em sede de reunião de Conselho de Turma explicitar isto e, portanto, isto é um trabalho que demora um bocado e ainda tem margens de progressão imensas mas que está a crescer e eu acho que é válido.

É uma boa maneira de os professores cumprirem as horas de trabalho de estabelecimento?

Claro.

Muito obrigada pela sua disponibilidade para esta entrevista.

EP4_A

Dia	Hora	Local	Entrevistado	Duração
29/01/2013	10h 05m	Direção	Coordenador da equipa de autoavaliação da escola	51m 00s

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA

Breve referência a alguns resultados do questionário dirigido aos professores da escola como por exemplo a existência de reuniões para esclarecimentos do processo de ADD.

Sim, houve reuniões.

Pelas respostas ao questionário podemos inferir que os instrumentos usados na avaliação de desempenho docente foram adaptados à realidade da escola.

Sim.

Como coordenador da equipa de autoavaliação de escola, acha que há a possibilidade de existir uma ligação entre a ADD e a avaliação de escola?

Eu acho que se quisermos fazer seriamente as coisas temos que caminhar por aí. A avaliação de escola não pode estar desligada do trabalho dos professores e, portanto, da avaliação do trabalho dos professores. O trabalho dos professores é uma dimensão importante da avaliação da escola. Como é que isso se faz ou como se vai fazer, como é que isso se vai integrar é uma questão difícil mas, eu acho que, por exemplo, a autonomia se nos fosse concedida permitiria... enveredar por uma integração da avaliação das duas áreas: avaliação da escola e avaliação de desempenho docente. Eu acho que não podemos ter uma avaliação positiva da escola sem termos uma avaliação positiva do trabalho dos professores. Neste momento, o que é que temos feito? Avaliamos o trabalho dos professores no âmbito da avaliação de escola de modo mais ou menos indireto, digamos, sem consequência na avaliação de desempenho dos professores. Mas, temo-lo feito ao avaliar, por exemplo, ao ouvir os alunos, por exemplo, sobre o seu grau de satisfação com os professores, com as aulas. Penso que temos feito. Isso tem uma expressão direta na avaliação de desempenho dos professores? Ainda não.

Mas acha que devia haver? Porque um professor tem que interagir na vida da escola...

Claro.

A equipa de autoavaliação de escola cria os referenciais de avaliação. Será que essa equipa poderia ajudar a criar referenciais para a ADD?

Sim, claro.

Ou devia haver outra equipa que, depois, se juntava à primeira?

Poderia haver outra equipa. Até porque, o trabalho da autoavaliação de escola ou de avaliação como nós lhe chamamos, equipa de coordenação das atividades de avaliação interna, a equipa tem muito que fazer e, portanto, se houvesse outra equipa a tratar especificamente da ADD, poderia haver e, depois, faríamos

a integração no referencial, naquilo que seria o referencial de avaliação da escola: o conjunto de referenciais da escola. Poderia ser. Não quer dizer que sejamos nós, a equipa de 5 ou 6 elementos, a tratar disso. Tal como não somos nós a tratar doutros aspetos da avaliação. Digamos, as outras equipas que trabalham, que desenvolvem trabalho de autoavaliação de alguma maneira estão integradas com o nosso trabalho. É essa a mais-valia da equipa. Por isso, é que se chama equipa de coordenação da avaliação das atividades interna.

Em muitas escolas há várias equipas de avaliação mas não parece haver diálogo entre elas.

Há muito tempo que, aqui, invertemos essa maneira de trabalhar noutros domínios. Precisamente quando numa das revisões do projeto educativo de escola e, depois, do regulamento interno, claro, foi criada esta equipa exatamente com esse objetivo específico: integrar todas as atividades de avaliação interna, de autoavaliação. Claro que ainda não está tudo feito e ainda não temos referenciais para tudo mas eu acho que o caminho é por aí.

Nesta escola usaram o portefólio. Houve orientações para a sua construção?

Houve algumas orientações quando foi divulgada a legislação, quando foram divulgados os referenciais de avaliação de desempenho. Tenho ideia que também deram algumas indicações sobre a construção do portefólio... dar algumas orientações não significa, depois, inibir... mas, se eu não estou em erro, foi dito que o portefólio devia contemplar pelo menos este conjunto de informações e, depois, as pessoas, para além desse conjunto, acrescentaram aquilo que achavam que deviam acrescentar. Eu não cheguei a ver nenhum portefólio porque não fiz observação de aulas. Fui avaliador mas sem ter que observar aulas e, portanto, também não tive que avaliar portefólios, de modos que, não os vi. Mas que houve algumas orientações mínimas para a sua construção, sim, houve.

Os portefólios podem ser uma mais-valia para as escolas? Poderiam contribuir para um diagnóstico das necessidades dos professores ou é apenas mais burocracia?

Não sei. Não tenho a certeza disso. Não tenho a certeza de que o portefólio seja um instrumento adequado porque, como acabaste de dizer uns ficam assim (gesto de pouco volume), outros crescem assim (gesto de mais volume). Portanto, não podemos oferecer orientações demasiado, enfim, que sejam flexíveis para obrigarmos as pessoas a só construir um portefólio de um determinado modo. Não sei, não tenho opinião sobre isso. Pode ser um instrumento interessante, depois muito difícil de avaliar.

Implica muita burocracia.

E corre-se o risco de... relacionado com a burocracia, de as pessoas, a propósito de tudo o que fazem, querem evidências para o portefólio e eu acho que isso é um disparate! Eu vou, eu participo numa conferência porque tenho interesse na conferência, não é porque quero o papel para depois colocar no portefólio e isso pode, depois redundar numa situação dessas.

Pode surgir a mesma situação que se verificou nas ações de formação onde muitos professores se inscreviam porque precisavam dos créditos.

Por exemplo. Eu acho que há outras maneiras de avaliar, outras dinâmicas que se podem construir na escola, que se podem gerar na escola e que não passam pelo uso de portefólios para... para acumular evidências.

Na escola avaliam as atividades? Por exemplo, as vistas de estudo...

Sim, no âmbito... a equipa de coordenação das atividades de avaliação interna criou um formulário para a avaliação dessas atividades e... as pessoas sabem que... devem arquivar isso nos respetivos dossiês e, quando a equipa produz os seus relatórios, a equipa de coordenação produz os seus relatórios, nós produzimos os relatórios quando decidimos avaliar determinada área, determinado domínio, se for esse o

domínio vamos fazer por amostragem, não vamos fiscalizar, não é esse o espírito com que vamos fazer, vamos à procura de algumas evidências de facto para fundamentar, depois, as conclusões do relatório. Mas é apenas com esse espírito, não é com o espírito de: quero um papel para colocar, depois, no meu...

Houve uma reflexão sobre os instrumentos de avaliação usados na ADD? As fichas de observação de aulas, por exemplo? Refletiram no fim de cada ciclo?

Eu lembro-me de que houve uma reflexão inicial de quando foi da construção. Quando foi da construção. Depois, depois houve pelo menos uma reflexão no pedagógico que passou para os departamentos e para os grupos porque, digamos, o procedimento instituído, a prática é sempre essa. O pedagógico, as propostas vão a pedagógico, o pedagógico faz circular pelas estruturas, as estruturas dão o seu contributo ou concordam ou fazem propostas de alteração e o pedagógico acolhe ou não acolhe em função da argumentação e tenho a certeza de que, inicialmente, para a construção houve. Não me lembro tanto se houve depois... essa reflexão posterior. De modo que não tenho a certeza que isso tenha ocorrido. Para não estar a... recorrendo apenas à memória, já não me lembro. Mas isso pode, isso pode verificar-se, por exemplo, indo às atas das estruturas. Penso que, penso que também ocorreu, depois, essa discussão. Mas não sei. Não me lembro agora.

Se houvesse a ligação entre a equipa de coordenação de avaliação interna e a equipa de avaliação de professores e se usassem a metodologia de trabalho do PAR talvez essa avaliação fosse mais rotineira. Mas, nesta fase, ainda é um caminho que estão a percorrer.

Não. Quer dizer aquilo que eu digo, assim de memória é o conhecimento que se...

Talvez o facto de alterarem o processo, de o simplificarem...

E não é só isso, é o outro sentimento que existe em relação à ADD: vou submeter-me à avaliação para quê? Porquê? As carreiras estão congeladas, para que é que me vou submeter a uma avaliação? Isso também tem influência. Agora, assim, o que eu sei é que o procedimento em relação a qualquer proposta é esta: ou a proposta vai do departamento para os grupos pedagógicos ou vem do pedagógico mas o pedagógico recolhe os pareceres dos grupos disciplinares e dos departamentos. Em relação a essa reflexão final, não me recordo se depois houve ou não houve.

Considera que os avaliadores tinham formação e estavam preparados para avaliar os colegas?

Eu...

Nesta escola tiveram o cuidado de escolher professores com formação ou experiência em avaliação?

Eu acho que sim. Em relação aos outros grupos disciplinares não sei. Mas, no meu grupo disciplinar sim. As pessoas que foram selecionadas para avaliar tinham, de facto, título ou já tinham sido orientadores de estágio ou tinham formação em supervisão ou tinham experiência. Tinham uma das duas coisas.

Esse cuidado fez com que a avaliação na escola corresse bem?

Sim, mas correu. Eu ficava de facto espantado quando ouvia comentários doutros colegas, acerca da ADD, que fulano se tinha zangado com sicrano, que sicrano não sei o quê com..., que entrou em conflito com beltrano. Isso, aqui, não vi nada disso.

Podemos deduzir que, nesta escola, estão as pessoas certas nos sítios certos, nos cargos certos ou não?

Eu não... pode ser isso também. Mas, eu acho que há, que houve algo muito importante que foi a maneira como a direção lidou com a avaliação de desempenho.

Esta direção é de que tipo?

Esta direção é do tipo cooperante. É do tipo que delega e responsabiliza. Não é do tipo legalista, quero com isto dizer que esta direção não está preocupada em cumprir aqui a legislação e cumpri-la a rigor custe o que custar. Eu acho que o modo como a direção desdramatizou a avaliação de desempenho contribuiu para a harmonia... para a harmonia com que decorreu na avaliação. O modo como a direção divulgou a necessidade da avaliação de desempenho contribuiu para a harmonia.

Porque é que os professores devem ser avaliados? Algumas pessoas não concordam.

Eu discordo dos que não concordam. Eu acho que a avaliação tem de haver em relação a todos os domínios. Se não sabemos até que ponto, nós fazemos a nossa autoavaliação, nós sabemos-lo ou podemos saber sempre, cada um de nós, professores, faz sempre a sua autoavaliação. Faz sempre essa avaliação. Alguns podem sobrevalorizar-se e outros subvalorizar-se e há, ainda, aqueles que podem não ter consciência do trabalho que estão a desenvolver. Portanto, uma avaliação, eu acho que faz sentido.

Uma avaliação formativa, sumativa ou as duas?

Claramente formativa, claramente formativa. As pessoas podem não fazer bem as coisas e podem não fazer bem as coisas por várias razões, uma das quais é por não saberem ou nem sequer saberem se estão a fazer bem ou mal.

É um olhar diferente sobre o trabalho do professor...

E, portanto, precisam que... precisam desse olhar diferente e precisam, de facto, que alguém os ajude a fazer melhor. Se deve ser sumativa... eu... não sei. Tenho dúvidas.

E se for, por exemplo, para a progressão na carreira?

Tenho dúvidas. Mas, inclino-me a pensar que alguma consequência deve ter.

Mesmo sendo a avaliação formativa?

Sim. Que tem que ser formativa, isso tem. Que tem que ser predominantemente formativa, eu acho que tem. Mas... se não tiver nenhuma consequência na carreira, claro terá sempre que acontecer... se é formativa já tem consequência na carreira. Se por essa via conseguirmos melhorar aquilo que o professor faz diariamente na sala de aula já tem uma consequência... mas... deve ter alguma consequência na progressão, também.

E a nível remuneratório, como se verifica nas outras carreiras?

Alguma consequência tem que ter, não é. Esse é o princípio geral. As outras carreiras... Agora, a questão é o que é que deve ser avaliado? Isso é que é mais polémico. O que é que, do trabalho que eu faço deve contar para que eu possa progredir na carreira? Fundamentalmente o trabalho com os alunos, o trabalho na sala de aula.

Então, a avaliação passa obrigatoriamente pela observação de aulas?

Sim, eu acho que sim e, mas não apenas, seria apenas uma componente. O trabalho na escola também tem que contar. Não podemos restringir a avaliação daquilo que o professor faz àquilo que faz na sala de aula.

Alguns professores desta escola indicaram que deve haver mais controlo sobre os professores. Essa resposta pode refletir alguma insegurança?

Eu acho que só pode pensar assim quem não quer assumir as responsabilidades pela autonomia que lhe foi concedida. Prefere que alguém lhe diga: faz isto, faz aquilo, estás a fazer bem, estás a fazer mal, em vez de ser ele próprio a assumir que tem um conjunto de responsabilidades, que lhe atribuíram um

conjunto de tarefas, um conjunto de funções e que tem que responder por elas. Isso tem que ver, de facto, com a gestão democrática, com a gestão da delegação... se as pessoas não querem, de facto... assumir isso e se acham que para cumprirem têm que ser mais controlados.

A avaliação ideal dos professores deve ser feita pelos pares ou pelos avaliadores externos?

Não sei. Não tenho a certeza sobre isso. Este modelo de introduzir, agora, alguém externo poderia ser positivo, poderia, se os avaliadores externos forem reconhecidamente competentes.

Devem ter formação para esse fim?

Terem competência não decorre apenas da formação, digo, da formação formal. As pessoas podem formar-se de vários modos, entre outros, por autoformação. Se não forem reconhecidamente competentes pelos pares, por aqueles que vão avaliar, por aqueles que vão estar sob o objeto... vejo com... com, vejo que isso não melhorará muito e, sobretudo, tem que ter, sempre, esse aspeto formativo. Portanto, o avaliador externo não pode vir cá como um fiscal. Não pode vir cá como um fiscal, tem que ter, igualmente, essa preocupação formativa.

Antigamente, os inspetores, no primeiro ciclo, iam às escolas, assistiam, davam orientações e, depois, voltavam para verificar se tinham sido feitas as alterações sugeridas. Se os avaliadores externos atuarem do mesmo modo, será positivo?

Não sei exatamente como é que era o processo.

O inspetor chegava à sala, ficava algumas horas, observava as aulas, pedia os registos do professor, preenchia as suas grelhas, indicava o que devia ser alterado e só quando voltavam é que vinham as penalizações.

Poderia eventualmente resultar. Não sei. Ao ouvir isso, estou-me a lembrar daquilo que é o modelo de auditoria, como se faz uma auditoria a alguma coisa. Normalmente, as auditorias decorrem por amostragem. O inspetor ia lá um dia, estava lá algumas horas e só podia fazer por amostragem... O modelo de auditoria em que se vai avaliar se aquilo que estava previsto é aquilo que está de facto a ocorrer e tendo como objetivo, sempre, essa preocupação com a melhoria... poderia ser um modelo a explorar. Não sei. Não conheço exatamente como é que isso funcionava, mas, o modelo de auditoria não me parece mal.

Nas auditorias há um aviso prévio. Na visita dos inspetores ao primeiro ciclo não havia aviso, apareciam de surpresa.

Desde que as regras estejam definidas à partida também não me parece... Se eu sei que, em qualquer momento, posso ter, ou posso ser auditado independentemente da data estar marcada ou não estar marcada, também não me parece... Se eu trabalho diariamente então tenho... por acaso os auditores apareceram num dia em que eu até nem fiz tudo bem...

Achava que a ADD iria ter impacto na sala de aula, nos alunos? (Os modelos que tivemos)

Com os modelos que tivemos de ADD nunca tive grande esperança... Não. Nunca tive grande esperança que esses modelos dessem origem, de facto, a mudanças comportamentais que levassem a uma melhoria do desempenho dos alunos, por exemplo.

Nesta escola já se investe muito nos alunos?

Já. Investe muito nos alunos. Mas, investe independentemente da ADD. A preocupação com os alunos é independente da ADD e dos resultados que os professores vão obter na avaliação de desempenho porque foram maus modelos desde o início.

O modo como, os modelos, foram implementados?

A resistência que os professores tiveram perante a ADD surgiu muito pelo modo como foi imposta.

A escola tem quotas de *muito bom* e *excelente* de acordo com a avaliação externa de escola. O facto de haver essas quotas fez com que os professores se aproximassem mais da direção, colaborassem mais com a equipa de avaliação interna de escola e ou colaborassem mais com as lideranças intermédias? Houve um grupo de professores que procurou, de facto, melhorar esta escola ou, porque já têm uma avaliação externa muito boa, isso não se refletiu?

Ou seja, se os professores mudaram o seu comportamento tendo em vista aceder às quotas? Não. Não senti isso. Se se verificou passou-me despercebido. Não sei.

Também não houve uma corrida às atividades, apoios, etc.?

Essas são as consequências nefastas da ADD e dos portefólios.

Se as lideranças não conhecem bem o corpo docente, esse comportamento acaba por existir.

E acabam por, eventualmente, dar um peso maior a esse tipo de atividades que surgem só para... porque há aquelas atividades que as pessoas fazem normalmente e independentemente da avaliação de desempenho. Eu digo que, aqui, não senti isso e é mais ou menos fácil de mostrar que foi assim, basta consultar os nossos planos de atividades antes e depois da ADD, os planos anuais de atividades, e os planos anuais de atividades sempre estiveram cheios de atividades quer antes como agora. Tanto assim que, há uma seleção dessas atividades, a direção dá indicações que de facto devemos ter cuidado com as atividades porque já não há calendário para atividades. Quando convidamos conferencistas a virem cá há o custo de oferecer alguma coisa ao conferencista porque os conferencistas vêm cá gratuitamente e a preocupação, agora, é não acrescentar atividades, agora como antes. Sempre houve um conjunto enorme de atividades que os grupos disciplinares e outras estruturas desenvolvem que é necessário limitar porque não há dias...

O atual ministro da educação e as ministras anteriores pretendiam distinguir os professores pelo mérito. Com a aplicação do Despacho n.º 13981/2012 poder-se-ão distinguir os professores pelo mérito com a ADD?

Não. Não, não. Não vamos... Se virmos bem quais são as diferenças em relação ao modelo anterior? Se o modelo anterior não permitiu destacar os professores com mérito...

E era possível? É possível haver um modelo que permita destacar esses professores?

Há muita gente com mérito que não requereu a observação de aulas.

Haverá alguma maneira de se destacar esses professores?

Talvez haja mas, não sei. Não vejo como é que se pode generalizar um modelo a todo o país que permita reconhecer o mérito em cada escola.

O mérito, na profissão docente, é muito subjetivo. O que é um bom professor?

Podemos reduzir essa subjetividade estabelecendo, acho que tínhamos que acordar em relação aos critérios que permitissem dizer o que é que é um bom professor de modo a reduzir, não digo eliminar porque em avaliação nunca podemos eliminar completamente a subjetividade nem reduzi-la ao mínimo possível. Mas, esse trabalho teria que ser feito, no fundo é o trabalho de construção de referenciais.

Acha que o atual ministro da educação e os elementos do seu ministério tiveram em consideração as recomendações emanadas do CCAP na proposta nº1/CCAP/2010 sobre padrões de desempenho para a nova proposta de avaliação?

O modelo atual já contempla algumas dessas dimensões, formalmente. Esse conselho também não disse como é que poderia ser levado ao terreno. Portanto, formalmente este modelo já contempla tudo isso... Lembro-me das relações com a comunidade educativa. Quer o conselho, quer o modelo anterior chegaram a contemplar, depois, foi eliminado. Como é que isso pode ser avaliado? É muito difícil, posso, não posso, eu professor, não posso estar entre, para, ainda por cima se a avaliação tiver consequências na minha progressão de desempenho não posso estar dependente da... da apreciação que os pais que não aparecem na escola fazem do meu trabalho. Essas dimensões parecem-me de muito difícil...

Teoricamente são as ideais.

Uma coisa é a situação ideal, outra coisa é a situação possível que veria, com muita preocupação, essa dimensão avaliada nesses termos, em que se quis avaliar quando esteve contemplada. Depois, acabaram por eliminar. Esteve previsto que os pais avaliassem os professores. Depois, o ministério cedeu e acabou por eliminar isso do modelo. Se for novamente introduzido, idealmente, seria interessante ter isso. Mas, como é que isso se pode fazer com uma preocupação mínima de justiça? Porque a avaliação também envolve essas questões éticas.

Há algum aspeto que queira abordar relativo à ADD ou à avaliação de escola que não foi abordado nesta entrevista e/ou acrescentar algo?

Não.

Antes de a escola aderir ao projeto PAR como era feita a avaliação?

Há muito tempo que eu trabalho na avaliação de escola. Mesmo antes do PAR tínhamos já alguma tradição na avaliação em alguns domínios. Por exemplo a avaliação do sucesso académico. Há muitos anos que fazíamos, há muitos anos que produzíamos relatórios e que esses relatórios eram apreciados em conselho pedagógico, nos departamentos em que eram divulgados. Há muitos anos, menos que o sucesso académico, mas há muitos anos que avaliávamos, por exemplo, a articulação curricular e sempre no âmbito do conselho pedagógico. Havia equipas, no âmbito do conselho pedagógico, que avaliavam esses domínios, sempre e sistematicamente os resultados do sucesso académico e fomos introduzindo, depois, outros domínios, o da articulação curricular, o da direção de turma... e, esses relatórios, existem, estão produzidos, estão arquivados, podem ser consultados. Com o PAR, ou melhor, já antes do PAR, quando o projeto educativo, numa das revisões do projeto educativo, introduziu-se o projeto educativo, veio permitir a criação desta equipa para coordenar exatamente enquanto isso, coincidiu a criação desta equipa, coincidiu com a nossa entrada no projeto PAR o que permitiu de facto, aqui, uma mais-valia muito grande. A formação teórica, teórica e prática mas, sobretudo, a fundamentação teórica para aquilo que fazíamos na escola permitiu melhorar o trabalho que fazíamos na escola na avaliação. Portanto, o PAR veio introduzir essa dimensão de fundamentação científica, digamos assim, académica daquilo que fazíamos.

A avaliação ficou mais fundamentada, mais estruturada?

Mais estruturada e mais integrada e mais transparente.

Os professores da escola aderem bem aos vossos trabalhos de avaliação?

Sim. Não há nenhuma resistência. Mas, já não havia antes do PAR. Quando foi que a articulação curricular foi avaliada, a primeira vez, de facto, houve alguma preocupação quando o conselho pedagógico decidiu avaliar a articulação curricular. Mas, ficou dissipada, depois, com o trabalho da equipa que, eu por

acaso, não fiz parte dessa equipa mas que ficou dissipada com o trabalho dessa equipa que fez a avaliação da articulação curricular. Porque os professores perceberam que o objetivo era melhorar. O objetivo é melhorar não é apontar as pessoas e dizer “estás a fazer mal isto”, não, “isto não está a ser bem feito vamos melhorar isto” ou “está a ser bem feito mas podemos fazer melhor”. Desde o início foi essa a preocupação. Portanto, não há e já há muito tempo que não há preocupação das pessoas em relação à autoavaliação da escola. É rotina, já.

Mesmo que a avaliação toque no trabalho dos professores?

Mesmo que isso toque o seu trabalho. O caso da avaliação da articulação curricular tocava profundamente o seu trabalho, que a equipa foi ver planificações dos grupos disciplinares. Foi ver se, de facto, estavam a ser feitas de acordo com o modelo que tinha sido aprovado em conselho pedagógico e isso tocava diretamente com o trabalho dos professores.

O conselho pedagógico preocupa-se sempre em dar orientações claras?

Sim.

Também sobre a observação de aulas?

Sim. Mesmo o trabalho da equipa de autoavaliação, nós, anualmente, avaliamos um... avaliamos sempre o sucesso académico e, depois, mais algum domínio ou algum subdomínio e, antes de partirmos para o trabalho no terreno, há sempre esse processo prévio: construção de referenciais; discussão dos referenciais no pedagógico; aprovação com ou sem alterações no pedagógico; discussão antes da aprovação, vai aos grupos para discutirem e fazerem sugestões; vai ao pedagógico para aprovação e, depois, é que passamos à execução propriamente dita. Há sempre esse trabalho prévio.

Têm um grupo de focagem?

Não. É o pedagógico que funciona como grupo de focagem.

No pedagógico estão representados todos os elementos.

Quando, na altura, houve um momento inicial em que pensamos constituir esse grupo e, depois, concluímos que era complicado. Isso traria mais problemas do que aqueles que pretendíamos resolver e, então, as funções são perfeitamente, as funções de focagem, são perfeitamente desempenhadas pelo conselho pedagógico.

No conselho pedagógico estão os professores mais ligados à escola. Pode-se dizer que têm uma visão mais ampla do objetivo da escola?

Sim e, depois, há sempre discussão nos grupos disciplinares e noutras estruturas da escola e, por aí, vem o contributo. Decidimos não constituir grupo de focagem pelas dificuldades iniciais.

Muito obrigada pela sua disponibilidade para esta entrevista.

EP5_A

Dia	Hora	Local	Entrevistado	Duração
6/02/2013	13h 30m	Direção	Professora com aulas assistidas	40m 00s

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA

Breve referência a alguns resultados do questionário dirigido aos professores da escola.

Teve necessidade de se reunir com outros professores para analisar a legislação sobre a ADD?

Nós, na altura, reunimos em termos de departamento, portanto, de grupo, de departamento, e foi analisada e essas reuniões foram suficientes.

A calendarização foi cumprida?

Sim, sim.

Teve aulas assistidas. Como é que decorreu o processo? Houve, inicialmente, a definição de critérios para a observação de aulas?

Sim, sim.

Teve conhecimento com antecedência?

Foi tudo definido com a, portanto, atempadamente, organizado, foram-nos identificados os professores que eram avaliadores, foram, depois, distribuídos, na altura até foi pelo nosso coordenador que fez uma proposta e a que foi aceite sem qualquer tipo de oposição de nenhum elemento e, depois, fizemos de acordo com o que está com as orientações da escola. Portanto, primeiro foi, tive uma reunião com a avaliadora, depois, entretanto numa fase posterior, acertamos os dias que eram melhores para a observação. Pronto, tal e qual como a colega que é de Biologia, nós temos as aulas práticas e havia alguma necessidade de que as aulas, que a observação não coincidissem com uma metade de uma aula.

Em algumas aulas práticas, é mais difícil fazer a observação do trabalho do professor, porque os alunos estão mais centrados no seu trabalho laboratorial.

Por acaso eu fiz. Numa das turmas com aula prática e a outra observada foi numa aula normal, portanto, sem ser o desdobramento de turmas.

Sentiu-se bem durante a observação de aulas?

Curiosamente a colega que foi observar a minha aula é do meu grupo disciplinar.

Isso é bom?

Sim, dá algum conforto e, portanto, correu bem. Curiosamente, eu acho que há coisas interessantes nisto. Eu tinha duas turmas distintas em termos de aproveitamento, completamente distintas e, a primeira aula assistida, foi nessa turma e que foi uma aula laboratorial que se presta, claro, a alguma confusão e correu bem. Curiosamente, a segunda aula teve que ser marcada com a turma que tinha que era, em termos de aproveitamento, era muito complicada. Tinha alunos absolutamente desinteressados que, depois, até fizeram mudança de curso e, portanto, não era uma turma muito fácil. Eu não estava à espera que corresse bem. Até porque era uma turma que, eu normalmente faço perguntas, faço um recapitular do assunto que foi dado anteriormente e eu estava à espera que fosse uma catástrofe. Coincidiu com a altura em que, aqui, se faz o Troféu da xxxx e, portanto, grande parte dos alunos, eu estava condicionada pelo número de alunos, portanto, eles poderiam não vir e não havendo número de alunos suficiente teria que fazer revisões. Não poderia fazer o que tinha planificado na aula e, então, pensei duas vezes se havia de

perguntar aos alunos se lhes havia de perguntar se vinham, se não vinham até porque, pronto, a turma, dado as características, não convinha muito, não convém muito levantar problemas e, então, fiquei assim naquela situação “colega, olhe, corremos o risco de tu vires e não termos alunos e a aula terá que ser adiada”. Lá conversei com eles e tal e perguntei-lhes: quem são os alunos que pretendem vir? Eles ficaram muito admirados, porque é que eu estava com aquele, “mas o que é que se passa?” e expliquei: olhem, vamos ter uma aula assistida e o que vai acontecer é que, se não houver número de alunos suficiente, eu não vou obrigar a colega a vir. Eles vieram, portaram-se extraordinariamente bem, eu perguntava, eles respondiam e, portanto, quando saímos da aula, diz a minha colega: “eu não estou a perceber o que aconteceu; esta é que é a tua pior turma? Isto não é nada,” dizia ela. Não, é que não estás a ver a turma, tu vieste ver uma aula em que eles pensavam, não sei, eles pensaram que iam ser eles avaliados.

Os alunos não tinham consciência que era a avaliação da professora?

Não, não porque eu não expliquei nada. Eu disse que tinha uma aula assistida, pronto. Não sei, se calhar, eles olharam para mim e disseram “assistida, estagiária não deve ser”. Portanto, nunca viram aqui ninguém, portanto eu penso. Eles portaram-se maravilhosamente bem tanto que, na aula seguinte que tive com eles, não resisti a perguntar, se os tinham trocado naquele meio tempo e se não os tinham voltado a trocar, em tom de brincadeira. Mas acho que, quer dizer, acho que este tipo de avaliação acaba por ter este tipo de desfecho que, muitas vezes, não coincide minimamente. Nesta aula eles surpreenderam-me pela positiva. Aliás, eu não lhes expliquei nada, só quis saber quantos vinham e porque razão é que eles tinham que vir.

Os alunos não estavam informados que os professores da escola andavam a ser avaliados?

Não. Aqui não.

Nos questionários desta escola, os professores indicaram que não conversaram com os seus alunos sobre a ADD.

Não. Mas, por exemplo, eu estive muitos anos noutra escola, estive nove anos noutra escola, em que as colegas comunicaram aos alunos, explicaram. Aqui, não. Também não era nada que interferisse diretamente com eles.

Mas é interessante saber o que pensam os alunos sobre a avaliação dos seus professores, ou não?

Nós, aqui, não.

Depois da observação de aulas reuniu-se com a avaliadora?

Sim, reuni com a avaliadora e fizemos uma análise e, portanto, eu fiz a minha autoavaliação e a avaliadora fez, depois, a avaliação.

Essas aulas assistidas, esse trabalho todo que teve com a avaliação contribuiu positivamente de alguma forma para o seu trabalho na sala de aula?

Eu acho que isso poderia, eu acho que isso pode ter alguma vantagem quando o tipo de trabalho que se faz é um trabalho individual. Quando nós trabalhamos individualmente, que eu acho que isso já não existe, penso eu, porque, eu acho e, nesta escola especialmente, eu acho que há um trabalho muito cooperativo e, portanto, o trabalho de pares, eu acho que aqui é assim qualquer coisa que não é muito comum e, portanto, eu acho que acaba por não fazer, assim, uma diferença tão grande na nossa prática quanto isso.

Acha bem que os professores sejam avaliados pelos pares ou seria melhor serem avaliados por avaliadores externos?

Eu penso que, havendo um ambiente saudável, chamemos-lhe assim, é absolutamente indiferente.

Nesse ambiente saudável está implícito os professores terem formação em avaliação?

Se calhar também, se calhar também.

Reconheceu essa autoridade na pessoa que foi observar as aulas?

É assim, eu, pessoalmente, confio na colega que me veio avaliar.

Reconhece-lhe essas características de avaliadora?

Eu acho que, qualquer professor, entendido no verdadeiro conceito, não é?, e acho que a colega que me veio avaliar está, obedece a esses requisitos, não vejo propriamente... Acho mais normal ser avaliada por um colega do que ser avaliada pelo exterior, por exemplo, por alguém que não faz a mínima ideia do que é ensinar nem estar dentro de uma sala.

Alguns professores não reconhecem competência nos colegas para avaliarem os seus pares.

Esta escola, eu não pertenço a esta escola, eu sou professora do antigo quadro mas de outra escola, estou, aqui, destacada. Eu acho que costuma haver o bom senso, sempre, nestas coisas de ver, de haver algum cuidado nas pessoas que são indicadas para determinado tipo, para determinado tipo de professor.

Quem avalia quem?

Sim. Acho que há esse cuidado e esse bom senso.

Sentiu necessidade, por ser avaliada e ter aulas assistidas, de fazer mais atividades na escola?

Não. Aliás, até porque eu não fiz. Continuei a fazer exatamente aquilo que fazia porque essa é a minha postura.

Esta escola tem muitas atividades. Essas atividades são bem ponderadas, são bem organizadas e são avaliadas no fim?

São.

Mas são avaliadas como? No grupo disciplinar, no departamento, no conselho pedagógico, onde são avaliadas?

Elas são avaliadas a nível do pedagógico.

Fazem o relatório final e depois vai ao pedagógico.

Sim.

Concorda que os professores sejam avaliados?

Eu, quando essa pergunta me é posta assim, do exterior, eu costumo dizer que fui sempre avaliada. Porque nós fomos sempre avaliados, somos sempre avaliados, fomos sempre avaliados e acho que quando e... quando isto, na sequência, é assim, quando todos os funcionários públicos, neste momento, se sentem melindrados com tudo o que está a ser feito, nós já sentimos isso na pele desde 2005, não é? Portanto, o que quer dizer que, tudo isto, nós somos sempre avaliados. Aliás, somos sistematicamente avaliados por 30 alunos que temos dentro de uma sala, mais 30 pais, mais quase outros 30 provavelmente do outro lado. Portanto, somos sistematicamente avaliados.

Pelo coordenador, pela direção...

Exatamente. Quando chega ao fim do ano ou ficamos ou não ficamos. Portanto, somos sempre avaliados. Agora, é assim, se esta avaliação, se eu me sinto bem com esta avaliação? Eu acho que se calhar, porque não senti que fui penalizada, acho que foi justo a forma como fui avaliada e não passei por qualquer tipo de constrangimento, se calhar é-me indiferente este tipo, outro tipo... Agora, eu acho que é uma injustiça quando dizem que nós não éramos avaliados. Até porque, eu sei, todos os funcionários são avaliados. Os nossos parceiros, funcionários públicos, não é? São avaliados mas são avaliados por outro sistema. Portanto, porque é que não somos avaliados da mesma maneira? Se querem que nós sejamos totalmente, não é? Se querem a igualdade no número de horas, igualdade em tudo, porque é que não querem a igualdade no tipo de avaliação de desempenho?

Mas esta avaliação de desempenho, segundo alguns professores, veio “meter na ordem” um grande número de professores, por exemplo, na assiduidade...

Quem não estava na ordem continua sem estar na ordem e os professores não são os únicos que são maus profissionais, não é só na nossa classe que há maus profissionais. Aliás, acho que no nosso grupo, eu até acho que há muito bons profissionais.

São grupos disciplinares com exames a nível nacional.

Eu acho que, mais ou menos, tentamos fazer, olhando por mim, para trás, eu acho que tive bons professores. Mas eu acho que a preocupação que temos hoje com os nossos alunos é muito maior do que tivemos connosco. Até por todas as razões, por todas as razões sociais. Se nós pensarmos que dentro de uma sala de aula temos um elevado número de alunos de famílias desestruturadas, não é?, e que, muitas vezes, fazemos, levamos daqui não só os problemas associados a comportamento, à aprendizagem mas, ainda, levamos os problemas que eles têm porque a determinada altura não funcionaram bem e, portanto, nós chamamos a atenção e eles despejam o seu saquinho que nada tem a ver com a escola e nós levamos mais para casa. Eu não sei se isto é muito comum nos outros funcionários, é que não me parece. Eu, em casa, tenho um funcionário público que, depois de fechar a portinha do escritório, acabou. Eu acho que isto tem é que ser repensado em termos do que estão a fazer connosco porque eu acho que, eu acho que eles, com isto tudo, podem estragar tudo. Eles que se dedicam a isto, que vivem isto de corpo e alma, que nunca lhes passou pela cabeça outro tipo de opção, não é? Cada vez se sentem mais desiludidos porque, quer dizer, nós quase que “levamos nas orelhas” por tudo e por nada, não é? Nós somos os culpados e, houve uma altura em que eu disse, proibi, em casa, de dizerem que eu era professora porque só faltava porem assim, aqui, na nossa testa e dizer assim “ladra do estado”. Só faltava dizer isto. Isto é que é inadmissível. Querem-me avaliar, estão à vontade desde que não cometam injustiças, estejam à vontade.

A avaliação de desempenho docente deve ser apenas formativa e nunca sumativa, nunca para uma prestação de contas? Podem coexistir as duas: formativa e sumativa?

Eu não me oponho. Em relação a isso, eu acho que podem coexistir. Acho que isso não é, não é aí que está o problema da situação. O problema da situação poderá passar, é o que eu digo, eu fui muito feliz, poderá ser pela pessoa que nos avalia, isso sim. Agora, pelo resto, eu penso que não.

Nesta escola há um certo cuidado na atribuição de funções aos professores certos?

Há esse cuidado.

A direção desta escola é de que tipo? É mais diretiva, mais colaboradora...

Colaboradora.

Dá autonomia aos professores?

Sim, sim.

Na sua avaliação, usou o portefólio?

Sim.

Teve orientações para a sua construção?

Sim. Fui sempre contactando com a colega.

Nesse portefólio estava o registo relativo ao trabalho de um ano disciplinar, de um ano escolar ou do trabalho desenvolvido no período em avaliação?

Do período em que fui avaliada.

O portefólio é uma mais-valia para a escola?

Eu continuo a achar que esta escola, se calhar, é diferente e, se calhar, porque é diferente pode não servir. O que é que acontece? Todo o material que nós utilizamos, por norma, por exemplo eu tenho o décimo e trabalhamos, o grupo de décimo e, portanto, quando eu faço algum tipo de material, quando eu organizo alguma coisa ou a preparação de aulas eu envio para as colegas para as colegas que estão a dar décimo. Se há alguma coisa a modificar, é-me devolvido isso. Portanto, normalmente, trocamos, por *mail*, com alterações ou com propostas, com novas propostas. Fazemos muito trabalho de grupo. Portanto, eu penso que, onde se faz um trabalho de grupo, haver mais um dossiê acaba por ser indiferente.

Com este modelo de ADD não se atingiram vários objetivos tais como mais inovação nas práticas, ambientes de aprendizagem mais exigentes, etc. Será que, com outro tipo de avaliação, se conseguiria atingir os objetivos inicialmente propostos?

Eu não consigo sequer... Eu acho que esta escola reúne já muitas condições que permitem...

Tem as condições ideais de trabalho?

Exatamente. Que uma pessoa vem para a escola, vem satisfeita, se falta, se falta até tenta, por exemplo, eu tenho uma filha pequena, que tem ficado doente, tento sempre controlar com o meu marido, com a empregada, conseguir conciliar de maneira a faltar o menos possível. Quer dizer, eu penso que nas condições do dia-a-dia, nas atuais, este tipo de situação traduz que realmente nós vimos para aqui com satisfação.

Sentem-se apoiados?

Sim, sim.

Conhece a equipa de autoavaliação da escola?

As pessoas que estão...

O trabalho que essa equipa tem feito.

Sim, conheço.

Acha que é possível conciliar a avaliação interna de escola e a ADD?

Não tenho...

Por exemplo, uma escola é uma “unidade” mas há várias avaliações e quando se diz “esta escola é muito boa” podemos questionar em que é que é boa? São os alunos, são os professores, são as instalações, etc.?

Se calhar não é impossível. Não sei se será muito fácil e com os colegas, com a tendência que isto tem para estes hiper mega agrupamentos eu acho que será absolutamente impensável uma coisa dessas. A continuar mas, também, penso que não terá grande importância para quem nos governa porque o objetivo deve ser mesmo destruir a escola pública. Eu penso que é mesmo destruir a escola pública.

Os professores já estão com mais carga horária?

Sim. Eu tenho 24 horas letivas mais 3.

Estão com mais alunos por turma?

Estamos com 30 alunos por turma, portanto, foram construídas salas onde não cabem todos por exemplo

Os documentos que foram usados para a avaliação dos professores foram revistos, avaliados no fim do ciclo de avaliação?

Foram.

Durante os períodos de avaliação, sentiu que houve mais competição entre os professores?

Não, não, até pelo contrário, acho que há colaboração.

Sentiu que, com esta avaliação, precisava de fazer formação em alguma área específica?

Não, não porque é assim, o que utilizei tinha a ver com formação. Portanto, estava de acordo... tinha feito formação em multimédia e tinha feito formação nos novos programas e, portanto, a parte laboratorial estava de acordo com os novos programas e, portanto, na parte laboratorial.

Nunca sentiu interesse em se integrar num grupo de avaliação de escola? Por exemplo, no grupo de autoavaliação de escola?

Não.

Mas uma avaliação bem pensada, bem estruturada melhora a escola...

Eu não tenho dúvidas. Eu acho que uns nascem para umas coisas e outros nascem para outras e eu não. No processo de ensino a parte que me incomoda mais, que me custa mais fazer é a avaliação. Adoro preparar o material, adoro fazer testes, preparar fichas, fazer a preparação da parte laboratorial. Isso, para mim, é tudo fantástico. Fico completamente stressada quando se aproximam as avaliações.

Quanto mais os professores se preocupam com os alunos, como seres humanos, mais difícil é fazer a avaliação?

Depois é assim, com estes problemas todos, como é que pode aprender FQ? Para que é que lhe serve?

A ADD alterou a cultura da escola ou a sua dinâmica?

Não, manteve-se tudo como estava.

O atual ministro da educação e as anteriores pretendiam distinguir os professores pelo mérito. Com a aplicação do Despacho n.º 13981/2012 poder-se-ão distinguir os professores pelo mérito com a ADD?

Eu quero acreditar que quem pensa, pensa bem. Quero acreditar, não sei, não sei... Porque eu acho que isto, depois, depende muito da volta que lhe querem dar. Eu penso que funcionará bem nas escolas em que tudo funciona bem e, se calhar, vai continuar a não funcionar nas outras porque eu acho que, aqui, há, da parte da direção, muito bom senso. É essa a minha... Eu estou com eles desde 2009 e acho que, pronto, há sempre uma tendência de nós somos colegas, estamos aqui para dar o nosso melhor e,

portanto, por isso, eu acho que, nesta escola por exemplo, que eu não tenho dúvidas que, venha o modelo que vier, será sempre tudo feito com a intenção, pelo menos, de que nós sejamos, aqui, também felizes. Agora, como é que vai funcionar? Foi como esta última avaliação a que fomos sujeitos. Depende das escolas porque há muitas opiniões. Quando eu converso com outras colegas é exatamente isso que dizem.

Acha que o atual ministro da educação e os elementos do seu ministério tiveram em consideração as recomendações emanadas do CCAP na proposta nº1/CCAP/2010 sobre padrões de desempenho para a nova proposta de avaliação?

Se calhar, no papel, provavelmente, de alguma forma. Até porque é assim: profissional se calhar sim; social talvez também; ético, acho que é muito complicado em tão pouco tempo perceber.

Há algum aspeto que queira abordar relativo à ADD ou à avaliação de escola que não foi abordado nesta entrevista e/ou acrescentar algo?

Eu penso que nós temos que ser avaliados, como fomos sempre, é inevitável. Que esta avaliação tem que ser pensada no sentido de não destruir mas de construir, eu acho que isso é fundamental. Para todos!

Mas esta avaliação permite diferenciar os professores pelo mérito?

Por exemplo, eu dou um exemplo que se passa no meu grupo. Eu acho que há professores excelentes no meu grupo que não se propuseram a este tipo de avaliação.

Tem a ver com a cultura de escola ou...

Eu acho que tem a ver com aquilo que eles próprios têm noção.

Podemos dizer que, nesta escola, os professores ainda têm o espírito de “missão do ensino”, estão aqui para ensinar?

Sim.

Muito obrigada pela sua disponibilidade para esta entrevista.

EP6_B

Dia	Hora	Local	Entrevistado	Duração
28/05/2013	14h 00m	Biblioteca	Professora avaliada com aulas assistidas	46' 08''

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA

Breve referência a alguns resultados do questionário dirigido aos professores da escola.

Houve divulgação, houve envio por *email* institucional, houve disponibilização atempada de todos os documentos legais.

Os professores reuniram.

Reuniram, fizemos reuniões de grupo e abordamos a questão da avaliação de desempenho docente.

Correu bem a ADD aqui na escola?

Sim, de um modo geral não foi polémica, não houve casos que eu tenha conhecimento.

O 1º ciclo de avaliação foi mais confuso, mas o 2º ciclo já correu com mais normalidade.

Sim, há sempre uma exceção ou outra mas não foi nada em termos globais. Penso que correu da melhor maneira.

A responsabilidade da organização do processo era do diretor que o dirigiu e que trabalhou com a comissão de coordenação da ADD?

Sim, fomos sempre atempadamente informados dos cronogramas. Houve sempre muita organização no processo.

Nesta escola os professores participaram na elaboração dos critérios ou foi um grupo de trabalho específico?

Foi uma comissão, embora nós tivéssemos a possibilidade de dar sugestões em grupo disciplinar englobados, depois, no trabalho que a comissão estava a fazer.

Esses documentos foram adaptados à realidade da escola?

Sim, foram.

Nos resultados do questionário os professores indicaram que os documentos foram os que vieram da tutela e por outro lado dizem que foram adaptados.

Foram adaptados, chegamos a receber mais do que uma versão. Eu não fiz parte da comissão mas de qualquer forma parece-me que foi assim que a situação decorreu.

Teve aulas assistidas?

Tive.

É a favor das aulas assistidas?

Sou a favor das aulas assistidas, mas noutros moldes. Estas aulas são previamente preparadas, pensadas, mais cuidadas e eu não sei se refletem a prática quotidiana das nossas salas de aula e dos nossos professores.

Então como é que acha que deviam ser?

Acho que deviam ser menos formalizadas, deveríamos lecionar mais com aquilo que eu costumo chamar “política de porta aberta”. Sendo sempre possível abrir a porta da sala de aula e dizer “estou aqui, vou ver”. Acho que isto seria o comportamento ideal, porque o facto de sabermos que vamos ter uma aula assistida e que aquela aula assistida tem determinados objetivos pode criar um ambiente artificial, porque logicamente, quando nos propomos a uma aula assistida, planeámo-la o melhor que podemos e o melhor que sabemos e munimo-nos das melhores estratégias e dos melhores instrumentos o que, às vezes, na realidade do quotidiano não é assim, porque muitas vezes até preparo a minha aula com uma determinada estratégia e com determinados instrumentos e quando a vou implementar não tenho, por exemplo, o projetor a funcionar. O que tenho de fazer é de ser capaz de dar a volta à situação e de conseguir dar uma aula igualmente boa sem usar aquilo que eu tinha previamente previsto. Acho que esta é que é a verdadeira realidade das nossas escolas e da nossa prática letiva. Tenho o plano A mas se não

resultar eu tenho que ter o plano B e ser capaz de dar a volta à situação de conseguir alcançar os meus objetivos e de cumprir o que eu tinha planejado mesmo com a supressão dos materiais didáticos.

Mesmo assim, 3 aulas seriam suficientes para avaliar o desempenho do professor?

Não, talvez 2 vezes em cada período.

E numa aula o que é que seria mais importante observar no professor.

Para mim o plano é importante mas não é a parte fulcral do processo, porque muitas vezes fazemos uma planificação muito bem escrita, muito bem-feita e chegamos à aula e deparamo-nos com questões que os alunos colocam, com situações que ocorrem que nos obrigam a contornar a planificação. Quando temos uma planificação a cumprir e estamos a ser assistidas sabendo que a planificação vai entrar na avaliação, tentamos não nos desviar dela. Não sei se do ponto de vista pedagógico isso será o melhor. Na minha perspetiva não é. Eu penso que o professor deve ser capaz de ir ao encontro do aluno e tentar responder às questões e às inquietações que eles colocam no momento, mesmo que a planificação seja sacrificada. Não devemos ser escravos de um plano. A planificação é um elemento orientador mas, se as circunstâncias determinarem que eu inflita na minha planificação, penso que não deve haver nenhuma penalização pelo facto. Porque não eu seguir a via que os alunos querem que eu siga? E se calhar até mais proveitosa, às vezes, acontece chegarmos a um resultado e pensar “de facto este caminho que eu segui hoje até foi muito interessante, não tinha pensado nele mas até tirei muito proveito dele”.

Mas já está a falar numa reflexão que os professores têm depois das aulas de um modo geral?

Sim, sim.

Falou nas planificações. Tem o hábito de, depois fazer uma reflexão e construir um portefólio reflexivo?

O portefólio reflexivo já esteve muito na moda e toda a gente tinha que fazer um portefólio reflexivo que, na minha perspetiva acabou por não ser. Quando tive aulas assistidas fiz uma reflexão no final de cada aula, embora pense que deve ser uma prática informal que nós todos temos de fazer no final das nossas aulas verificar o que correu bem, o que falhou, o que poderia ter sido abordado e não foi, o que tenho de corrigir etc...

Como teve aulas assistidas teve que entregar o dossiê/portefólio?

Sim, sim, tive que entregar.

Era um dossiê ou um portefólio?

Na minha perspetiva, era mais um dossiê, uma compilação de documentos do que se fez, como é que se fez, porque se fez. Não era tanto no sentido de eu refletir, de fazer uma autocrítica, de apontar caminhos.

Houve orientações?

Houve do nosso avaliador e, no final de cada aula, fazíamos avaliação.

Acha que esse dossiê ou portefólio poderia ser uma mais-valia para a escola?

Penso que sim. Se nós pensarmos no processo de avaliação como um processo para melhoria da qualidade do ensino. Mas, entendo que teríamos que ter alguma formação a esse nível. O que é um portefólio reflexivo, o que é que se pretende com o portefólio reflexivo? Porque falar em portefólio reflexivo é, muitas vezes, sinónimo de arquivo. Penso que seria uma área a investir em termos de formação.

Organizou o seu portefólio/dossiê sozinha?

Sim, fiz sozinha, sem nenhuma orientação. Fiz aquilo que eu tinha aprendido na minha formação.

Quando acaba uma aula e no fim pensa sobre o que fez isso é uma reflexão.

Sim é uma reflexão... há, ainda, muito medo de refletir e há a tentação de refletir apontando apenas os aspetos positivos. Há algum medo porque, repare na artificialidade da situação: eu estou a ser avaliada, está ali o meu avaliador que vai ler o meu portefólio reflexivo, então eu vou apontar o que me correu mal? Eu vou dizer que houve coisas que eu não consegui fazer? Não. Há a tentação de omitir aquilo que foi menos bom e de exaltar aquilo que foi positivo.

Ainda não há uma cultura de avaliação?

Não há uma cultura de avaliação no sentido de uma cultura de avaliação/reflexão de autorregulação dos processos de ensino. Eu penso que enquanto isso não for conseguido, enquanto nós não olharmos para a avaliação como um processo autorregulador que tem em vista, a melhoria do processo e das práticas, enquanto não houver essa cultura, a avaliação acaba por ser um pouco artificial.

Nesta escola reconheceram competência em avaliação nos professores que foram avaliadores?

Nem sempre as pessoas reconheceram legitimidade aos avaliadores. Pois quando se fala de avaliação de pares e não sendo a avaliação entendida como um processo construtivo, compreende-se não é? É o meu par, o que é que ele sabe mais do que eu para me avaliar?

Mas pode saber. Por exemplo, há professores que procuraram mais conhecimentos sobre avaliação, mais formação sem ser a formação académica.

A pessoa que me avaliou, não tinha a formação que eu tenho.

Mas pode ter outra formação sem ser a académica. Pode ser uma pessoa que procurou, que estudou, que se atualizou...

Da minha parte eu não me debati com essa questão: "o meu avaliador não tem legitimidade porque eu sou mais habilitada do que ele", porque era um colega com experiência, com bom senso, não era castrador. Noutras situações apercebi-me que os colegas não reconheciam a autoridade a quem os estava a avaliar, porque ou eram mais novos que eles, ou tinham a mesma habilitação ou até eram mais habilitados do que os avaliadores.

Há outras escolas em que a direção procurou colocar a avaliar professores com mais formação do que os avaliados. Nesta escola não foi assim?

No nosso caso avaliaram-nos os mais graduados em termos profissionais, o que determinou que fossem os mais velhos a desempenhar a função de avaliadores.

Há pessoas mais velhas que têm essa formação mas há outras que não têm e que "cristalizaram" foram subindo de escalão.

Exatamente, o sistema assim o permitiu.

É mais a favor da avaliação pelos pares ou pelo avaliador externo?

Eu acho que se a avaliação fosse entendida como um processo de construção de conhecimento, de aprendizagens, de melhoria do processo de ensino aprendizagem, teríamos tudo a ganhar se ela fosse feita pelos pares. Há colegas que têm experiências riquíssimas, nesse sentido nós podemos aprender muito uns com os outros sem ser necessário vir alguém externo. Penso que não teremos muito a ganhar com a avaliação externa. A avaliação entre pares bem pensada e assumida desta forma seria extremamente proveitosa.

Essa avaliação devia ser, também, para uma prestação de contas ou não?

Eu penso que ela tem que ser direcionada sobretudo para a melhoria do processo do ensino aprendizagem. A avaliação como foi feita, em alguns aspetos, criou mais clivagens entre os professores.

Nesta escola aumentou a competição entre os professores?

A competição é maior e é sobretudo maior entre os professores contratados.

Os professores do quadro aceitaram bem, já tinham o trabalho colaborativo e aumentou?

Nós, no grupo disciplinar, fazemos um trabalho muito colaborativo a todos os níveis: de preparação de atividades, de elaboração de instrumentos de avaliação, de produção de materiais, de definição de critérios de avaliação. Há situações que são exceção em que as pessoas direcionam a sua atividade em função daquilo que são os parâmetros de avaliação e, nesse sentido, penso que não há, aí, grande proveito a tirar.

Nesta escola também houve um aumento de atividades?

Esta escola foi sempre uma escola muito dinâmica. Não é preciso vir as determinações de cima para que as coisas aconteçam e para que as coisas se façam. Penso que se calhar tirou do comodismo alguns professores que até aqui estavam mais instalados.

Há quem diga que nesta escola exige-se muito trabalho dos professores. Nesta escola trabalha-se muito?

Eu não sei fazer a comparação, mas esta escola tem uma cultura de exigência muito grande, exige-se trabalho.

Por parte da direção?

A direção orienta e quer que haja envolvimento dos agentes educativos. A avaliação não parece que tenha acrescentado muito mais dinâmica à escola.

Alguns professores habituam-se a determinadas práticas...

E são completamente resistentes à mudança, à inovação, a algo de diferente.

As atividades desta escola como é que são avaliadas?

Nós fazemos a proposta da atividade para o PAA, é aprovado no CP, é depois executado pelos professores proponentes, no final fazemos um relatório de avaliação que endereçamos à direção que eu penso que depois é alvo de análise em sede de CP.

Conhece o trabalho que está a fazer a equipa de autoavaliação de escola?

Eu faço parte do grupo de focagem e portanto sou uma observadora privilegiada do processo, colaboro com a equipa de autoavaliação sempre que me solicitam respondo aos questionários, dou sugestões... este ano, por acaso, não me tenho apercebido de uma grande dinâmica em termos da equipa de autoavaliação. Provavelmente há trabalho feito, há muito trabalho que se faz e que não é logo visível.

A outra escola tem outro projeto...

Tem outro projeto de avaliação com dinâmicas diferentes. Portanto acredito que a equipa este ano tenha trabalhado duramente para compatibilizar metodologias e procedimentos.

Acha que a ADD teve alguma influência na avaliação de escola? As quotas para a ADD dependem da avaliação externa da escola.

Eu penso que não houve essa preocupação. Não foi isso que presidiu à dinâmica da escola.

Mas os professores colaboram com a equipa de autoavaliação de escola no trabalho que faz?

Colaboram, penso que sim.

Há muita gente que queira ir para esses cargos, assumir essas responsabilidades?

Eu penso que não, hoje em dia esses cargos são cada vez mais exigentes, exigem uma grande disponibilidade e muito trabalho.

Nesta escola a Direção disponibiliza horas de trabalho.

Sim, reconhece o trabalho dos professores e dá-lhes condições. No entanto, quando se assume um cargo sabe-se à partida que se tem um trabalho redobrado para que o cargo seja bem desempenhado.

Noutras escolas houve uma corrida aos cargos com a ADD, aqui não?

Não, esta escola, provavelmente, rema contra a corrente.

Já vimos que o trabalho colaborativo existe mais nos professores do quadro do que nos professores contratados, a ADD trouxe ambientes mais exigentes ou, como já disse, nesta escola há sempre muito trabalho...

Esta escola é por si uma escola de exigência, não foi a avaliação que veio acrescentar a exigência, a dinâmica continua a ser a dinâmica que a caracteriza e que é a identidade desta escola.

Também não teve influência na avaliação de alunos? A dinâmica da aula?

Penso que não.

Esta escola está muito bem posicionada a nível nacional e tem vindo a melhorar a sua posição.

Penso que não houve interferência e os resultados da avaliação externa fazem a aferição da avaliação interna.

Pensa que há alguma maneira de alguma maneira de se conseguir atingir os objetivos propostos com a avaliação dos professores: mais autonomia, mais responsabilização, mais satisfação, bem-estar, motivação, atualização?

Satisfação, eu penso que no contexto atual, é cada vez mais difícil. A classe docente está cada vez mais desmotivada, mais entristecida com a profissão que exerce. É pelos alunos que nós trabalhamos e é a eles que nós queremos fazer crescer.

Conhece o Despacho n.º 13981/2012?

Sim, conheço, saiu em outubro.

Com a sua aplicação poder-se-ão distinguir os professores pelo mérito com a ADD?

Não. Acho que não vamos distinguir nunca dessa forma os professores pelo mérito, porque é o próprio professor que tem de se propor à excelência, em vez de lhe ser reconhecida por quem de direito.

Acha que neste ciclo de avaliação estão a ter em conta os padrões de desempenho propostos pelo CCAP na proposta n.º 1/CCAP/2010?

Acho que avaliando o número de aulas previsto na lei há dimensões que não são evidenciáveis. A evidenciação das dimensões pressupõem um conhecimento e um trabalho colaborativo estreito com a pessoa que está a ser avaliada.

Esta avaliação deve seguir o modelo de supervisão ou deve ser completamente diferente? Na supervisão o avaliador acompanha o avaliado...

Para mim deve haver um acompanhamento do avaliado, no sentido sempre da construção, e de fazer sentir à pessoa que está a ser acompanhada para progredir em termos de desempenho profissional.

Então está de acordo quando alguns colegas dizem que o avaliador é que deve estimular a reflexão do avaliado, a melhoria...

Se o avaliado ainda não estiver nesse nível de perceber que tem que fazer um trabalho auto reflexivo acho que deve ser o avaliador que o deve conduzir a alcançar esse nível de autocrítica, e de autorreflexão.

Mas há quem defenda que quando um professor acaba o seu curso sai com as competências para ir dar aulas.

Não, quando se acaba um curso não se fica com competências para se dar aulas.

Mas se o professor durante a sua formação já teve esse acompanhamento a sua avaliação...

A nossa formação faz-se ao longo da vida e se eu pensar em mim quando iniciei a carreira e o agora, eu vejo que eu cresci, houve formas de trabalhar que eu melhorei, portanto, a minha prática no início e a minha prática neste momento são completamente diferentes. Quando iniciei a minha formação na área da supervisão, senti que estava a precisar de me reciclar, estava desatualizada.

A responsabilidade é das escolas que se deviam preocupar com a atualização dos seus professores.

Deviam preocupar-se e a formação continua devia estar direcionada exatamente para essa situação. Muitas vezes aparecem formações com pouca utilidade e aplicabilidade. Esquece-se que a atualização tem de ser permanente.

A Direção não indica formações para os seus professores?

A Direção indica e inclusivamente pede sugestões aos grupos disciplinares.

E consegue concretizar essas formações?

Algumas são concretizadas, nomeadamente na área específica da História.

A liderança da escola é de que tipo? É uma liderança que vos atribui responsabilidades e deixa-vos à vontade...

É uma liderança que nos atribui responsabilidades e que nos deixa à vontade, mas a quem nós temos que demonstrar que cumprimos a responsabilidade que nos foram atribuídas. Pedem-nos contas.

Acha que era possível conciliar a avaliação de escola com a avaliação de professores? Em vez de serem dois grupos até que ponto não deviam trabalhar em conjunto?

Eu penso que isso seria o desejável que se pudesse integrar a avaliação de desempenho com a avaliação de escola porque a avaliação de escola vem-nos dizer, muitas vezes, que as nossas práticas nos departamentos/grupos disciplinares não são as mais adequadas. Se houvesse essa integração se calhar iríamos trabalhar mais colaborativamente e iríamos percecionando o que deveria ser feito de forma diferente.

Esperava que a ADD tivesse mais impacto na sala de aula?

Não.

Tem conhecimento se os documentos usados na avaliação foram avaliados no fim de cada ciclo? Por exemplo as grelhas de observação de aulas...

Eu parto do princípio que foram avaliadas.

Por quem, pela Direção, pela equipa de avaliação de professores?

Eu penso que a equipa de avaliação de professores não entrou ainda na avaliação de desempenho, em termos de refletir sobre os resultados.

Então acha que deve ser a equipa de autoavaliação de escola que deve fazer essa avaliação? Ou a equipa de avaliação de professores?

Acho que deve ser a equipa de avaliação de professores já que é ela que traça as diretrizes que seja ela a finalizar o processo.

Em algumas escolas os professores referiram que as alterações sucessivas e a quantidade de informação não permitiram essa avaliação.

Provavelmente nem condições nem tempo para se proceder a estes processos de reflexão.

Os alunos estiveram a par da avaliação dos seus professores e houve diálogo entre os professores avaliados e os seus alunos?

Quanto mais não seja os alunos perceberam que algo se passava de diferente, porque viram as suas aulas observadas, mesmo que o professor não o tenha verbalizado eles sentiram que os professores estavam em avaliação.

A avaliação formativa pode coexistir com uma avaliação para prestação de contas?

Temos sempre que prestar contas. Eu penso que não é nenhum obstáculo a prestação de contas, uma coisa não colide com a outra.

Se lhe pedissem para criar um modelo de avaliação de professores quem é que punha a avaliar?

Punha quem tivesse melhor preparação/formação para o fazer.

Há algum aspeto que queira abordar relativo à ADD ou à avaliação de escola que não foi abordado nesta entrevista e/ou acrescentar algo?

Não, só quero que fique muito claro que sou favorável a um sistema de avaliação por pares.

A avaliação por pares levanta a questão de avaliarem os amigos e...

Eu penso que temos que estar muito acima disso e se a nossa mentalidade for no sentido de construir um sistema de ensino que seja o mais eficaz possível e que seja mais vantajoso para os nossos alunos, temos de pôr de lado essas questões e colocarmo-nos num plano de construção, que contribua para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Se a mentalidade for esta só teremos a ganhar porque aumentará o trabalho colaborativo e a cooperativo entre os pares.

Mas nesta avaliação por pares deve entrar a avaliação do Diretor?

Sim, ele deve ser considerado um par.

Muito obrigada pela sua disponibilidade para esta entrevista.

EP7_B

Dia	Hora	Local	Entrevistado	Duração
22/05/2013	16h 00m	Sala dos Professores	Professora avaliada sem aulas assistidas	70m 00s

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA

Breve referência a alguns resultados do questionário dirigido aos professores da escola.

Como é que os professores participaram na organização da ADD?

Que eu saiba a organização da avaliação mesmo é uma espécie de comissão que só era composta por elementos do Conselho Pedagógico.

E nas reuniões gerais?

As reuniões gerais foram sempre dirigidas pela direção, pelos membros da direção. Nesse aspeto a escola é extremamente organizada e tem imensa preocupação em nos dar o máximo de informações. Qualquer legislação que saia é-nos imediatamente transmitida. Nós temos o correio institucional dos professores e através do qual chega-nos, logo, toda a informação seja ela legislação ou outra coisa qualquer alusiva à escola. Por acaso, há dois anos atrás, penso que esse *e-mail* ainda não estava a funcionar, mas não temos razão ou queixa relativamente a isso. Se não era através das linhas gerais, os coordenadores de grupo faziam-nos chegar as devidas informações.

Sentiu que houve o cuidado de aproveitar a ADD para incrementar a cultura de avaliação da escola?

Foi! Acho que sim. Acho que esta escola é bastante dinâmica. De facto, tenta sempre estar em estudos pilotos, ligada às universidades, sempre um bocado na proa dos acontecimentos. Efetivamente foram feitos, foi feito um que, aliás, converteu-se numa ação de formação, esta sim...

Esta escola aderiu ao PAR?

Sim, exatamente. Não só tínhamos uma equipa de avaliação interna que trabalhava intensamente e que, inclusivamente, a escola chegou a parar um dia inteiro para todos os professores, todos os grupos reunirem e refletirem sobre a avaliação como também foi promovida uma espécie de círculo de conferências que se prolongaram por dois dias precisamente para aulas práticas pedagógicas. De alguma forma, eu acho que houve uma sensibilidade, de facto nós refletimos sobre o que é isso da avaliação, como é que avaliávamos, quais são as nossas práticas, etc. Isso mexeu depois, também, muito com as pessoas, mexeu, inevitavelmente mexeu. Eu, por acaso, pessoalmente não senti isso porque eu decidi que não ia porque não tive aulas assistidas, eu optei por não ter aulas assistidas. O facto de não ter aulas assistidas já sabia muito bem qual ia ser a minha menção, sabia muito bem com que linhas me estava a coser. Acho que há pessoas que têm motivações fortes principalmente a nível dos contratados porque tinha influência no concurso de professores.

É a favor da avaliação?

A mim não me faz confusão nenhuma. Para mim ter a porta aberta, até porque fui orientadora de estágio justamente durante alguns anos, eu acho que tenho uma dinâmica de aulas em que tínhamos a porta sempre aberta, se calhar as avaliações externas faziam mais sentido.

Então é a favor desta nova proposta de avaliação com os avaliadores externos?

Sim porque acho inevitável que, para o bem e para o mal, é inevitável que as pessoas sejam imparciais.

Noutras escolas os professores não reconheceram competência de avaliação nos pares avaliadores porque não tinham formação para tal.

Que eu tenha ouvido as pessoas dizê-lo claramente, não tenho. Que é natural que tenha sentido, sim porque conheço muita gente que está frustrada com a avaliação.

Mas se os avaliadores já tinham formação ou tinham sido orientadores de estágio...

No meu caso tenho mestrado em supervisão e eu orientei estágios, modestamente tenho determinadas competências para avaliar se calhar melhor que outros colegas que não têm formação para isso. Eu, este ano, contava vir a ser avaliadora, mas não sou. De facto, queiramos ou não, vários tipos de formação, depende das orientações e outras razões, eu prefiro os avaliadores externos. Sei também que as pessoas, mantendo a sua humildade, sabendo também que as pessoas estão preparadas para o melhor ou para o pior, mas se calhar será mais fácil lidar com um colega externo, se calhar a crítica será melhor aceite do que por alguém que lidamos.

Há sempre o lado humano.

O lado humano, se tem simpatia ou antipatia, se não gostar de ti vai se calhar queimar o colega.

Mudança de local da entrevista

A ADD deve ser formativa ou para prestação de contas?

Formativa sem dúvida. Prestação de contas, não!

Alguns professores já se consideram avaliados pelos alunos, pelos pais, etc. Acha que os professores, mesmo assim, devem ser avaliados?

Cada vez mais estamos a ser avaliados porque cada vez mais há uma grande proteção em relação ao aluno e os pais exigem isto, aquilo e aqueloutro. Se nalguns momentos têm razão se calhar noutros nem tanto, mas também depende muito das culturas das escolas. Por exemplo, nesta escola há uma transparência completa em relação aos alunos. Os testes, por exemplo, têm desde a avaliação qualitativa à quantitativa e a cotação por cada uma das questões. Eles, quando recebem o enunciado, já sabem quanto é que vale cada questão, já está a cotação distribuída e quando recebem o teste já sabem quanto foi atribuído a cada uma das questões. Desde o início do ano sabem por norma que não podem ter mais do que três testes por semana, mais do que um teste por dia e isso é-nos imediatamente cobrado inclusivamente pelos pais se, ai se o menino tem mais que um teste por dia ou quatro testes na semana. Há aqui um ritmo de trabalho e um grau de exigência que, por um lado, é bom.

Esta escola tem-se posicionado melhor no ranking nacional o que mostra que se tem preocupado com o sucesso académico dos alunos. A ADD teve algum impacto na avaliação de alunos ou já era assim?

Não houve alterações, já era um hábito.

Com a ADD houve mais inovação nas aulas?

O que vou dizer é meramente especulativo. Penso que também terá sido natural que, nalguns casos, quando das aulas assistidas possa ter havido uma preocupação com algumas aulas inovadoras, uma espécie de regresso ao estágio. Naturalmente as pessoas também sabiam que isto teria um peso na sua avaliação. Não quer dizer que tenham sido todas, outras terão mantido a aula... Claro que uma coisa é o discurso que as pessoas têm cá fora, muitas vezes era a prática que a maioria não assumia isso. Aliás, nem me lembro de ninguém assumir isso.

Estava implícito na avaliação da aula observada a utilização das novas tecnologias.

Mas a maior parte afirmava que eu vou dar uma aula normalíssima, eu vou fazer o que costumo fazer. Até que ponto, depois, quando chegavam lá era costume fazer? Já ponho as minhas reservas, mas como lhe digo, isso é mera especulação da minha parte porque eu não fui avaliadora de nada, eu não assisti a nenhuma aula de ninguém. Isso é o que eu acho, pode até não corresponder à verdade.

Acha que o número de aulas observadas, duas ou três, são suficientes?

É evidente que duas ou três aulas não refletem o trabalho do professor de forma alguma. Até porque estamos a falar de seres humanos, não somos máquinas, seres humanos que, ainda por cima, trabalham com outros seres humanos e, como tal, até podemos ter de facto um plano de aula maravilhosamente preparado, mas naquele dia correu tudo muito mal porque a nossa disposição não é a melhor ou porque os alunos não estão virados para nós. Eu lembro-me que no meu estágio tive planos de aula maravilhosos e foram das piores aulas que eu tive e às vez o vice-versa, planos de aula mais fraquitos e foram as melhores aulas que eu dei. É completamente relativo. Eu acho que também depende muito do avaliador porque eu enquanto orientei estágios, por exemplo eu incentivei as minhas estagiárias a que trabalhassem de forma colaborativa e que as três ou os dois colegas que estivessem na sala não estivessem a ser ali duas múmias, eu inclusivamente não tinha que ser uma múmia ali atrás sempre durante noventa minutos a olhar para o “desgraçado” do estagiário, para o pôr ainda mais nervoso e então como eram aulas de 90 minutos tinha que ser o mais possível práticas para miúdos do 3º ciclo ainda por cima, porque não nos pôr a todos a participar? Se eram trabalhos de grupo porque não nos pôr também a nós a acompanhar? A mim inclusivamente e são dinâmicas que, se calhar, eu não encontro em todos os orientadores que muitas vezes é aquela figura que está ali no fundo da sala, que nem sorri nem dá um indício se a aula está a correr bem, se não está e também acho que depende da abertura que a pessoa que nos está a avaliar possa ter, se ele possa considerar porque o plano como o próprio nome indica é um plano do que eu estou a prever fazer, não quer dizer que, eu por exemplo sou de XXXX, eu relaciono imenso ou tento relacionar os conteúdos com a atualidade e quando dou por ela estou no séc. XVIII, como estou no séc. XXI e estou com a atenção para uma notícia do telejornal e, depois, já estou no séc. XVIII outra vez e, às vezes, isso nem está ali mas entretanto surgiu essa notícia de manhã nas notícias. Depois, também depende do interesse que os alunos me possam demonstrar sobre o assunto e há coisas que eu acho que são mais importantes, pois também estão a ser formados como cidadãos e tudo isto é histórico. Quanto às duas ou três aulas não acho de todo que sejam suficientes para mostrar o trabalho de um professor. Até porque o trabalho de um professor vai muito mais para além da aula. Agora, também o professor ser constantemente sujeito a aulas assistidas..., acho que ainda não é uma cultura para a qual a maioria dos nossos colegas esteja preparada, ainda é uma coisa que faz confusão à maior parte de nós.

Abrir a sala de aula aos colegas?

Abrir a sala de aula aos colegas e que, portanto, ainda é sinónimo de ..., eu continuo a achar que para a maior parte dos professores ter aula assistida significa preparar uma aula, apesar de tudo, um bocadinho melhor e não pura e simplesmente abrir a porta e entra quem quiser porque se assim fosse se calhar

podia-nos aparecer qualquer pessoa em qualquer altura do ano quando quisesse e lhe apetecesse. Isso seria o ideal.

Nesta escola não há o hábito dos professores trabalharem em conjunto num trabalho mais colaborativo?

Em algumas disciplinas há.

Mas não é da cultura geral da escola o trabalho colaborativo?

Sim, tenta-se fomentá-lo ao máximo e é uma prática para a qual a escola apela ao máximo. Há disciplinas e mesmo dentro da própria sala de aula há professores a trabalharem em conjunto, a aplicarem testes muito parecidos em termos de estrutura e de competências, etc., o que nem sempre é fácil porque os horários não coincidem.

Esta escola é grande...

Exatamente. Neste momento somos uma escola com 120 professores só no secundário que, ainda por cima, agrupou e, portanto, nós temos professores a dar aulas nesta e na outra e eu, às vezes, chego ao final do ano e cruzo com caras que nunca vi e estão cá desde o início do ano. Esta escola funciona das 8:30 da manhã à meia-noite todos os dias. Tem de facto uma dinâmica muito...

Com a ADD esse trabalho melhorou, piorou ou houve mais competição?

Eu não..., se calhar passou-me um bocadinho ao lado, muito sinceramente passou-me um bocadinho ao lado. Eu apercebi-me mais da desilusão perante a avaliação de algumas pessoas na altura que saíram as notas e aí, sim, vieram ao de cima alguns conflitos pessoais de que fulana de tal parece que trabalha mas não trabalha nada e depois acabou por ter melhor nota que eu.

Isso complementa o que disse há pouco sobre a avaliação pelos pares?

Se calhar ou então de realmente, às vezes, as pessoas apresentarem portefólios enormíssimos, acaba por se dar mais valor a determinadas coisas e também tem a ver com as vagas para toda a gente... Aí apercebi-me da mágoa que as pessoas sentiram, mas com o passar do tempo e, lá está, sobretudo na parte dos contratados porque isso ia influenciar na parte do concurso e as vidas pessoais e nesse aspeto acho que foi muito intenso de facto porque realmente acabou por haver injustiças e depois cada avaliador é um avaliador, se calhar uns acabaram por ser mais brandos com uns. Apesar de a lei dizer uma coisa nem toda a gente cumpria o que a lei pedia, por exemplo nos relatórios, e se uns coordenadores ou mesmo avaliadores foram exigentes em relação a isso, outros não foram e essas discrepâncias não foram justas. De facto, se calhar, isso aconteceu nesta escola como aconteceu nas outras provavelmente. No ano seguinte acabou tudo por entrar na rotina novamente, uma rotina que para nós não é muito diferente porque esta escola é muito, muito exigente. As pessoas não têm a noção do quanto nós trabalhamos nesta escola, é mesmo muito!

Trabalham muito por causa dos alunos, pelo modo como está a ser dirigida ou pela cultura de trabalho dos professores?

Sobretudo pela forma como ela é dirigida. Há um grande empenho da direção de facto. É muito exigente, quer de facto que a escola seja uma escola bem vista lá fora e envolve os professores ao máximo que pode nesse aspeto e, de uma maneira geral, há um corpo docente muito responsável e mais a burocracia toda que o próprio Ministério da Educação exige. É uma escola com uma dinâmica muito exigente aliás quando as pessoas saem desta escola normalmente até estranham com o ritmo de trabalho das outras escolas. A mim isso passou-me ao lado porque eu não liguei nenhum à avaliação, eu sabia que não tinha hipóteses de ter a nota que gostaria e, se calhar correndo o risco de ser imodesta, que poderia ter mas não tinha vaga, portanto, não valia a pena estar sequer com...

Como as quotas para as classificações dependem da avaliação externa da escola os professores não procuraram trabalhar mais para alterar essa avaliação e melhorar as quotas disponíveis?

Não sinto isso.

Não houve uma maior apetência por cargos...

Isso talvez, isso acho que sim.

O portefólio pode ser uma mais-valia para a escola?

Eu não acho o portefólio de todo inútil, mas mais uma vez, e o problema aqui é o nosso, não é dos critérios que foram estabelecidos.

Havia orientações para a sua construção?

Havia orientações. O problema é que, como em tudo, há colegas que acham que quantidade é sinónimo de qualidade. Portanto, eu acho o portefólio até útil num complemento a algumas afirmações, atividades quer letivas quer extralectivas que possamos ter descrito no nosso relatório e que fundamentam o nosso desempenho e o pedido da nota, mas q.b.

Mas deve haver uma orientação clara sobre o que é um portefólio, o que deve constar no portefólio...

Pois... Mas infelizmente às vezes as coisas estão mais do que claras e, sei lá, ainda outro dia pedi aos alunos - quero uma biografia que não ultrapasse 2 páginas e, no entanto, tenho biografias com 5 páginas e está lá apontado no caderno deles: 2 páginas, letra tamanho 10, tipo areal, espaço 1,5. Mais claro e mais dirigido não pode estar e mesmo assim... Está a perceber o que eu quero dizer? Às vezes as pessoas acham que... onde é que se calhar, depois, está o problema? Quem pega nisso poderia não considerar se ultrapassa não se considera mais do que X. Essa diferença, depois de critérios, é que, se calhar... ou melhor, os critérios estavam claramente definidos, a aplicação dos mesmos é que se calhar não foi tão linear pelo que constou.

Mas o portefólio é uma mais-valia para a escola?

Para a escola em si, não acho. Pode ser para o avaliado na altura em que entrega o seu relatório.

Mesmo havendo uma equipa que analise os portefólios? Por exemplo nesta escola há muitas atividades. Essas atividades são avaliadas?

Sim. Nós entregamos sempre o relatório de atividades.

Como é feita a avaliação das atividades?

É feita pelos responsáveis pela atividade que manda o relatório de atividade para a Direção e depois a Direção em Conselho Pedagógico é que avalia esses relatórios todos.

Podemos dizer que seguem o procedimento antigo, dizem se está aprovado ou não. Não há uma planificação com os objetivos claros e depois não há uma avaliação de acordo com esses objetivos.

Não! Há o PAA, claro que sim, com os objetivos.

Portanto, nesta escola há essa avaliação?

Sim.

A ADD implicou alterações nos documentos da escola, entre eles, o PAA?

Nesse ano ainda mais do que é costume. Notou-se efetivamente mais atividades embora já seja uma escola muito rica em atividades, mas haver, ter havido assim alguma alteração foi essa e com o PAA estar em constante remodelação. Às vezes aparecem atividades que não se está a contar, é mais uma que é proposta a ser integrada no PAA. Essa remodelação é constante, não foi nesse ano em particular. Realmente, nesse ano em particular, sei que havia uma preocupação em mostrar mais ainda para constar da avaliação. Aqui, por norma não se limita nada, aqui há tantas atividades. Agora, não param as aulas, as aulas nunca param, está tudo em constante movimento, também a escola é muito grande. Por exemplo aqui não há aquelas atividades de comunhão pascal, festa de carnaval, o último dia de aulas é um último dia de aulas normal. Há muitas atividades paralelas, muitas decorrem durante o intervalo.

De que maneira é que a ADD pode promover nos professores mais satisfação, motivação, autonomia, responsabilidade e preocupação com a sua atualização?

Acho que o grande problema é esse, é preciso uma mudança de cultura, uma mudança de mentalidade. Enquanto isso não mudar tudo o resto vai ser muito complicado.

O que é que se deve avaliar nos professores?

O que é que deve ser avaliado... Eu acho que é importante que haja uma avaliação e, queiramos ou não, veio mudar alguma coisa porque, de facto, temos colegas que é um deixa andar completo embora também acho que quem tem essa prática de dar aulas assim a ADD não veio mudar grande coisa a esse tipo de práticas. Infelizmente continuam a ser pessoas que de uma maneira geral são irresponsáveis, não se preocupam com os conhecimentos científicos, com as práticas pedagógicas. Se houve alterações foi pontualmente e continua tudo na mesma e quem já tem uma cultura de ética profissional também já tinha antes e também isso não veio mudar nada. Eu acho que o grande problema da escola não sei se passa pela avaliação ou não. Que nós estejamos habituados ou não, apesar de tudo, dar contas do nosso trabalho eu acho que sim e sobretudo também é importante que o nosso trabalho seja reconhecido, que muitas vezes não o é, até pelas estruturas da escola e, se calhar, este modelo de avaliação deixa-nos é frustrados porque sabemos que apesar de tudo ele não é justo porque eu, quer dizer, a minha nota final no papel é idêntica à da minha colega de 8,9, mas eu como não concorri às aulas assistidas tenho um *Bom* quando na verdade é *Muito Bom*. Mas eu sabia que não ia ter a quota, portanto, nem me dei ao trabalho, é um bocado frustrante. Na verdade depois ficou *Bom* e estas coisas funcionam assim. Agora eu acho que o grande problema não sei se passa pela avaliação, se não é mesmo isto das várias formações que continuamos a ter e da tal mentalidade de que se falou da cultura. Tenta-se trabalhar colaborativamente, é uma palavra bonita. Seria o ideal, mas quantas vezes nos deparamos com colegas que dizem assim - eu não trabalho assim - e viram-nos as costas. *Ok*, o que é que se faz? É que nem a seguir há abertura ao diálogo e, portanto, é difícil ser depurativo depois e essa é a tal mentalidade.

Deve-se avaliar o trabalho que o professor desenvolve na escola fora da sala de aula?

Não deixa de ser importante.

Ou a avaliação deve limitar-se ao trabalho desenvolvido na sala de aula com os seus alunos?

Eu, por exemplo, dou aulas há 20 anos, mas uma das coisas que mais me completa como professora não é limitar-me a dar aulas de XXXX, é também a riqueza dos projetos que tenho coordenado. Por exemplo o projeto Parlamento Jovem, ou o Parlamento Europeu, ou outras coisas para as quais me têm convidado e que eu tenho aprendido imenso e que não é específico da minha área, pode ser um professor de Português, de Inglês e que, no entanto, me tira imenso tempo. Se calhar deviam ser consideradas essas atividades e projetos em que as pessoas se envolvem.

Deve ser avaliado o relacionamento do professor com os Encarregados de Educação e com os alunos?

Em parte, porque eu acho que também não depende só de nós. Há coisas que podem depender só de nós. Se eu cumpro as regras da escola, se sou uma boa profissional, depois o ..., se as coisas não vão chegar a bom porto, como já vimos o facto de isto implicar seres humanos de parte a parte. Agora o relacionamento com os alunos é uma coisa que eu procuro ter da melhor forma possível, mas há pessoas que têm mais dificuldade.

Um bom professor normalmente tem um bom relacionamento com os alunos.

Claro! Acho que é uma coisa essencial, mas também há pessoas que são mais recatadas, que talvez tenham o seu feitio, há alunos que também são tremendamente complicados e por mais que nós façamos e tentemos cativar não gostam, não gostam de nós. Não podemos agradar a gregos e a troianos. O mesmo em relação aos pais. Nós, apesar de tudo, não temos a obrigação de telefonar para casa a torto e a direito; eles também têm que, aliás eu acho que um dos problemas que se tem verificado na educação é que os pais têm-se demitido cada vez mais das suas funções e, se calhar, porque a escola também tem assumido cada vez mais essa função e a mim chateia-me um bocadinho quando os pais vêm com a teoria – ah, mas isso não estava na caderneta. Não é, portanto, não estava na caderneta é desculpa para tudo, mas, entretanto, o pai veio cá semanalmente ter com a Diretora de Turma a saber como é que o filho está? Só vêm quando a caderneta tem recado. Também acho que se demitem de muita coisa e isso é um bocado relativo, depende de demasiadas coisas, pode até ser considerado, pode até ter uma percentagem, mas não pode ser um ponto essencial.

Está a par da autoavaliação de escola?

Sim.

Conhece o trabalho que a equipa tem desenvolvido?

Já estive mais por dentro.

Acha que pode haver a integração da ADD na avaliação de escola? Uma maior ligação entre as duas equipas?

Poder haver, provavelmente poderia haver.

Se fosse viável seria vantajoso?

Não vejo... É assim, neste momento não estou a ver muito bem..., para dizer a verdade não respondi ao último questionário da equipa de avaliação interna. Portanto, acho que não estaria muito correta em dizer - acho que sim - só para ser politicamente correta. Na teoria, parece-me que sim, que seria o ideal. Agora, mais uma vez com a quantidade de pessoas que nós somos e contra mim estou a falar, o último inquérito que nos foi mandado por via digital, eu vi o inquérito, não vou dizer que não vi, mas recebemos mais no correio profissional por dia e, quando dei por mim, o prazo para responder a esse inquérito tinha passado. Acabei por ser daquelas que não responde e, portanto, não faço a mínima ideia do que dizia o inquérito. Às vezes estamos tão assoberbados, é muita coisa, uns porque não querem saber, outros porque lhes passa ao lado... de facto...

Como é que acha que a ADD deve ser documentada? (Clarificação do conceito de portefólio)

Aqui não foi entregue um portefólio, foi entregue um dossiê com basicamente evidências que comprovavam, não passava disso. Essa prática da reflexão, acho que, é uma prática que nós não temos. É uma prática que eu tinha com os meus estagiários ou era, eles tinham que fazer uma reflexão de cada aula assistida, eles tinham uma espécie de diário de bordo, aliás eles faziam isso não só das aulas assistidas, das suas aulas de uma maneira geral, mas isso é uma coisa que não fazemos no dia-a-dia ou se o fazemos, fazemos de uma forma, alguns farão de uma forma informal, refletir: hoje a coisa correu bem; porque é que não correu bem; se calhar esta estratégia não foi a melhor.

Os professores acabam por fazer essa reflexão, mas não têm o hábito de a registar.

Mais uma vez o dia-a-dia não nos permite de o fazer assim e, portanto, depois introduzir isso num portefólio, isso implicaria que o tivéssemos feito por escrito. Teria que ser uma prática sistemática que nós não temos enraizado.

Os documentos usados na ADD foram avaliados no final dos ciclos de avaliação?

(Não respondeu).

Nesta escola os avaliadores tinham mais formação do que os professores que iam avaliar?

Se se considera ter formação para avaliar... O que se considera ter formação para avaliar?

Por exemplo ter um mestrado em supervisão, ou uma pós-graduação em avaliação, ou outra formação na área da avaliação, ou ações de formação em avaliação.

Que eu saiba, de toda a gente que avaliou aqui não tinha formação nessa área. Que eu saiba, pelo menos no meu grupo, só no nosso grupo somos quatro com essa formação: uma não pode porque é contratada, os outros três podem. No entanto, nenhuma de nós foi avaliador apesar de reunirmos todas as condições para isso. Teve a ver com a antiguidade.

O que é que considera importante observar durante as aulas assistidas?

Seguir a planificação ou não, acho que é o menos importante. Acho que é importante tê-la, nem que seja, quando temos alguma prática, nem que seja um esquema, acho que é essencial tê-la. Claro os conhecimentos científicos, temos que estar atentos para que sejam transmitidos em condições, mas a parte pedagógica é muito importante cada vez mais, porque tive essa experiência como aluna universitária e tive professores que eram barras em termos científicos, mas que eram terríveis a transmitir as coisas, outros se calhar não nos sabiam citar as páginas dos livros não sei das quantas, mas eram muito mais metódicos a ensinar e isso para nós era, depois, muito melhor para acompanhar as aulas. Portanto, as metodologias do ensino se na universidade essa parte não me dizia nada depois, com a prática comecei a perceber a importância deles e, depois, quando fiz o mestrado em educação em supervisão em XXX aí então é que percebi mesmo, aí é que percebi o quanto é importante nós sabermos cativar os alunos e trabalhar com competência, disciplina, ter humor também pelo meio é importante, a tal empatia, saber com que tipo de turma estamos a lidar, não podermos ser exatamente iguais em duas turmas. Agora, isso também são coisas que se vão adquirindo com a experiência.

Estava à espera que a ADD tivesse impacto na sala de aula?

Para mim não teve impacto nenhum, para alguns acho que até teve.

O avaliador é que deve estimular o avaliado a refletir?

Não. Acho que não devia ser assim. Se calhar, de facto houve aqui avaliadores que, se houve momentos de choro e desilusão também houve momentos de grande união e de preocupação para com os colegas. Acho que também houve esses dois lados. Na altura havia muita gente que não sabia como fazer o relatório, eu estive com uma colega até às quatro da manhã a ajudar a fazer o relatório...

Mas havia orientações e houve pelo menos uma publicação com as orientações para a elaboração do relatório.

Mas as pessoas estavam um bocado à toa, outras porque não estão habituadas a redigir, outras porque..., na altura as pessoas estavam um bocadinho assim.

Como acha que deve ser constituída uma equipa de avaliação?

A avaliação aqui, se bem me lembro além do avaliador que às vezes coincidiu com o coordenador, depois passou para a equipa que na altura se chamava CCAD e, depois, pela própria direção. Inclusivamente, nós tivemos acesso às tais quotas, nós sabíamos muito bem que quotas havia para cada grupo, depois dividiram X para os contratados, X para os do quadro, foi essa a opção que eles tomaram. Eu penso que o Diretor da escola é importante porque, apesar de tudo, se for um Diretor atento e que esteja a par daquilo que acontece na escola, portanto estará a par daquilo que acontece e como eu defendo a avaliação externa irá complementar de alguma forma essa avaliação externa. Depois, se calhar, noutra vertente que não a das aulas porque não alguém do grupo disciplinar, o coordenador ou um par para a parte das atividades?

Com a aplicação do Despacho n.º 13981/2012 poder-se-ão distinguir os professores pelo mérito com a ADD?

Não acho porque as tais quotas não permitem, pelo menos não todos e, como aliás vimos há pouco, as escolas também não..., embora também ache que ser excelente é preciso muito e de alguma forma não discordo da não atribuição de *Excelente* porque se formos a seguir aqueles parâmetros é realmente preciso ser muito, muito bom. Nesse aspeto até achei bem que houvesse uma repartição de *Muito Bom* pelos outros colegas que sempre era mais justo porque seria mais realista.

Mas também pode tirar o estímulo aos professores que investem muito na escola.

Sim, mas o *Excelente* implica, nomeadamente, os tais trabalhos académicos que muita gente não faz, não se aplica, não faz nada. É verdade, a maior parte de nós não tem este tipo de trabalho, este tipo de formação.

Acha que o atual ministro da educação e os elementos do seu ministério tiveram em consideração as recomendações emanadas do CCAP na proposta nº1/CCAP/2010 sobre padrões de desempenho para a nova proposta de avaliação? Estão a ser contemplados neste ciclo de avaliação?

A participação... sim porque isso tem a ver com as atividades. O desenvolvimento e a formação profissional tem a ver, nem que seja com as ações de formação que obrigatoriamente temos que fazer... Acho que sim, as quatro dimensões estão contempladas.

Há algum aspeto que queira abordar relativo à ADD ou à avaliação de escola que não foi abordado nesta entrevista e/ou acrescentar algo?

Não.

Muito obrigada pela sua disponibilidade para esta entrevista.
